



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



REQUALIFICAR E REABILITAR A QUINTA DA GRAÇA: ENTRE O RIO E A RUÍNA

Proposta de um equipamento multifuncional e intergeracional,
no Parque Urbano do Jamor

Natacha Maria Brites Lourenço
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção de grau de Mestre em
Arquitetura, com especialização em Interiores e Reabilitação do
Edificado

Orientação Científica:

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz
Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente - Professora Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução
Vogal - Professora Doutora Maria da Soledade Gómez Paiva de Sousa
Orientor - Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA_UL, março de 2019

REQUALIFICAR E REABILITAR A QUINTA DA GRAÇA: ENTRE O RIO E A RUÍNA

Proposta de um equipamento multifuncional e intergeracional,
no Parque Urbano do Jamor

Natacha Maria Brites Lourenço
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção de grau de Mestre em
Arquitetura, com especialização em Interiores e Reabilitação do
Edificado

Orientação Científica:

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz
Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente - Professora Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução
Vogal - Professora Doutora Maria da Soledade Gómez Paiva de Sousa
Orientor - Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA_UL, março de 2019

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores Professora Bárbara Massapina e Professor José Luís Crespo, por toda a paciência, boa disposição e apoio, por partilharem comigo os seus conhecimentos e pelas gargalhadas nos momentos de maior angústia.

Ao Professor Vítor Lopes dos Santos por ser o professor amigo e conselheiro a qualquer hora do dia.

À minha família, sobretudo aos meus pais e ao meu irmão, que sem o apoio deles este percurso não teria sido possível, mesmo com o pequeno Boris a destruir esquisos.

Ao João Tomé por todo o carinho e companheirismo, por estar ao meu lado nos momentos de maior dificuldade.

Aos meus colegas desta caminhada de cinco anos, mas especialmente à Sofia por ser o meu grande pilar e a amiga que levo para a vida, ao André pela paciência e por ser o amigo de todas as horas, à Cheila pela amizade e por todo este percurso, à Joana pelas gargalhadas infinitas, ao Proteek por conseguir inspirar-nos através da sua paixão pela arquitetura, ao Mourão por todas as suas filosofias, à Ana pelo seu metro e meio de amizade, à Marisa por transmitir sempre serenidade, ao Dave pelas palavras amigas, à Açoriana por ser o melhor abraço, à Catarina pela energia positiva e à Fontes pelo companheirismo.

Aos meus colegas dirigentes associativos com quem tive o prazer de trabalhar e partilhar, mas sobretudo à Bruna Estrela, ao André Rocha, ao Pedro Rogado, à Maria, ao Simão e à Vera Rocha.

Aos meus queridos amigos, Sandra, Inês B., Inês D., João Diogo, Martinha, Ana Beatriz, Robim, Beatriz M., Carlos, André Romão, Carlos L, Luís, Francisco, Dri, Gui, Taveiras, Selma, Rodrigo, Ana, Cris, Tiago, por todo o companheirismo

Ao Centro Desportivo Nacional do Jamor, sobretudo à Arquiteta Sofia Pimenta que me recebeu de braços abertos e tornou as manhãs mais divertidas, intitulando-as de “Sexta-Feira Cultural”.

RESUMO

Na abordagem ao tema **Reabilitação do Património**, houve a necessidade de estudar e compreender alguns conceitos como os de Património, Ruína, Memória, Paisagem e Intergeracionalidade, tendo em conta a sua influência do mesmo no âmbito social e na área de intervenção.

O tema surge do interesse de reabilitar para qualificar, conservando o valor patrimonial e histórico, sem a perda de identidade.

Como contexto de estudo, escolheu-se a Quinta da Graça e a sua área adjacente, no Parque Urbano do Jamor, localizada na freguesia da Cruz Quebrada e Dafundo, no concelho de Oeiras.

O objetivo é criar um equipamento multifuncional e intergeracional, considerando a área adjacente, tendo como preocupação a qualificação da zona, integrando no processo as necessidades da população residente e dos utilizadores do lugar. Para isso, foi fundamental para o desenvolvimento da investigação, analisar o território em termos históricos, urbanos e sociais, propondo-se uma intervenção urbana que qualifique a zona, tornando num local ainda mais atrativo para todos os utilizadores.

Pretende-se promover novos espaços de lazer, recuperando a memória do edificado, interligando as diferentes gerações num equipamento e rejuvenescendo o Parque Urbano do Jamor, fazendo com que a população envelhecida se sinta (re)ativa apesar da idade.

Palavras-Chave

Quinta da Graça | Reabilitar a Ruína | Jamor | Rio | Intergeracionalidade

ABSTRACT

Approaching the theme Rehabilitation of Heritage, emerged the necessity to study and understand some concepts like heritage, ruin, memory, landscape and integrity, having in consideration it's influence on the social scope of the intervention area.

The theme emerges from the interest in rehabilitating to qualify, preserving the historic and heritage values, without the loss of identity. As a study concept, Quinta da Graça and its neighboring area, inside Jamor's urban park, in Cruz Quebrada e Dafundo's parish, Oeiras, was chosen.

The objective is to create an integrational and multifunctional equipment, considering it's adjacent area, having in consideration the qualification of the area, integrating in the process the resident population and other possible users' needs. Doing so, it is fundamental to develop the investigation, analyzing the territory in historical, urban and social terms, proposing an urban intervention that qualifies the area, making it more attractive to its users.

It is intended to promote new recreative spaces, recovering the building memory, connecting the different generations in an equipment and revitalizing Jamor's Urban Park making the elder population feel (re) active despite its age.

Key-Words

Quinta da Graça | Rehabilitate the Ruin | Jamor| River | Intergenerationality



Figura 2 – Fotografia da Estação de Comboios da Cruz Quebrada

*A hora da partida soa quando
Escurece o jardim e o vento passa,
Estala o chão e as portas batem, quando
A noite cada nó em si deslaça.*

*A hora da partida soa quando
As árvores parecem inspiradas
Como se tudo nelas germinasse.*

*Soa quando no fogo dos espelhos
Me é estranha e longínqua a minha face
E de mim se desprende a minha vida.*

Sophia de Mello Breyner Andresen, 1944, s.p.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	V
ÍNDICE GERAL	IX
ÍNDICE DE FIGURAS	XIII
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	XV

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Tema	1
1.2. Área de Intervenção	2
1.3. Objetivos e Questões de Trabalho	3
1.4. Metodologia	5
1.5. Estrutura	6

2. AS QUINTAS DE RECREIO: Valor patrimonial e estratégias de reabilitação	9
2.1. As Quintas de Recreio	11
2.2. O Património edificado e arquitetónico	17
2.3. As Estratégias de Reabilitação	24
2.3.1. Reabilitar a Ruína	28
2.3.2. Reabilitar com a Memória	32
2.3.3. Reabilitar com a Paisagem	36
2.3.4. Reabilitar com e para as Pessoas	38
2.4. Casos de Referência	42

3. O CASO DE ESTUDO: Quinta da Graça, Parque Urbano do Jamor	69
3.1. Processo de formação e evolução histórica	71
3.2. Cruz Quebrada e sua história	77
3.2.1. - Análise urbana	79
3.2.2. - Parque Urbano do Jamor	80
3.2.3. - Vale do Jamor	81
3.2.4. - Rio do Jamor	83
3.3. A Quinta e Palácio da Graça	85
3.3.1. - Caraterísticas arquitetónicas	91
3.4. Análise dos inquéritos por Questionário	93

4. PROPOSTA DE PROJETO	99
4.1. Estratégias de Projeto	101
4.2. Proposta Urbana	102
4.2.1. Acessos Pedonais	103
4.2.2. Circuito de Passadiços de Madeira	104
4.2.3. Construção do Anfiteatro	105
4.2.4. Estacionamento	105
4.3. Proposta Arquitetónica	106
4.3.1. Acesso ao edifício	107
4.3.2. Programa	108
4.4. Habitação	113
4.5. Materialidades e Ambiências	114
 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	 119
 Bibliografia	 123
 Apêndices	 129
 Anexos	 28

ÍNDICE DE FIGURAS

Todas as figuras que não têm indicação de fonte foram realizadas pela autora.

Figura 1 - Perspetiva do Parque Urbano do Jamor (Capa)

Figura 2 - Fotografia da Estação de Comboios da Cruz Quebrada VI

1. Introdução

Figura 3 - Ortofotomapa da Quinta da Graça e a sua área envolvente, 2018 2

Figura 4 - Fotografia da Quinta da Graça, 2019 8

2. As Quintas de Recreio: Valor patrimonial e Estratégias de reabilitação

Figura 5 - Esquema diagramático tipologia A - Villa Le Balze 11

Figura 6 - Perspetiva da Villa Le Balze 12

Figura 7 - Pormenor do teto da Capela, Quinta da Graça 15

Figura 8 - Fotografia do Rio Jamor, 2018 16

Figura 9 - Património na Carta de Atenas, 1931 17

Figura 10 - Edifício Rádio Amália 18

Figura 11 - Fotografia do enquadramento urbano da Quinta da Graça 20

Figura 12 - Fotografia de um dos três Dragoeiros centenários 21

Figura 13 - Fotografia de um dos acessos pedonais com vista para o Palácio 24

Figura 14 - Fotografia do acesso pedonal através da raquete dos elétricos 24

Figura 15 - Fotografia da fachada principal do Palácio da Graça, 2018 31

Figura 16 - Fotografia do acesso pedonal junto ao Rio Jamor 36

Figura 17 - Fotografia do acesso pedonal da habitação adjacente ao Palácio da Graça 37

Figura 18 - Fachada Principal do Convento de Sta. Maria do Bouro 43

Figura 19 - Perspetiva do pátio interior do Convento 44

Figura 20 - Perspetiva de um dos quartos do Convento	45
Figura 21 - Anfiteatro Colina de Camões	46
Figura 22 - Perspetiva do Anfiteatro Colina de Camões	47
Figura 23 - Representação das plantas de Anfiteatro	47
Figura 24 - Fotografia da Quinta Municipal da Piedade, 2018	48
Figura 25 - Perspetiva da Quinta da Piedade	49
Figura 26 - Fachada da Quinta da Piedade	50
Figura 27 - Fotografia do Parque dos Animais, Quinta da Piedade	51
Figura 28 - Fotografia da entrada principal do Centro Interpretativo	52
Figura 29 - Perspetiva da sala de exposição	53
Figura 30 - Perspetiva do interior do Centro	53
Figura 31 - Fotografia dos Passadiços de madeira	54
Figura 32 - Perspetiva do circuito de Passadiços	55
Figura 33 - Fotografia de zonas de descanso	55
Figura 34 - Perspetiva dos decos, zona dos pescadores	56
Figura 35 - Fotografia dos Passadiços Foz do Arelho, 2018	57
Figura 36 - Perspetiva do Circuito de Passadiços	58
Figura 37 - Perspetiva do pormenor dos Passadiços	58
Figura 38 - Fachada da entrada principal da Biblioteca Orlando Ribeiro	59
Figura 39 - Perspetiva do Pátio interior	60
Figura 40 - Fachada do Museu do Desporto	61
Figura 41 - Imagem do interior do Museu	62
Figura 42 - Perspetiva do Pátio interior	63
Figura 43 - Fotografia da Praia da Cruz Quebrada, 2017	66
Figura 44 - Fotografia da Vista do Pátio de Honra	68

3. O caso de estudo: Quinta da Graça, Parque Urbano do Jamor

Figura 45 - Nótulas das Freguesias do Concelho de Oeiras	71
Figura 46 - Nótulas da Freguesia Cruz-Quebrada e Dafundo	71
Figura 47 - Ortofotomapa, anos 30	71
Figura 48 - Gráfico sobre a proporção da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo no Município nos anos 1991, 2001 e 2011	72

Figura 49 - Gráfico sobre a densidade populacional da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo no Município nos anos 1991, 2001 e 2011	72
Figura 50 - Gráfico sobre a Taxa de crescimento anual da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo no Município nos anos 1991, 2001 e 2011	72
Figura 51 - Gráfico de barras sobre a população residente por género, número de famílias e de núcleos familiares	74
Figura 52 - Gráfico circular sobre a Distribuição da população das freguesias de Oeiras por grandes grupos etários, censos 2001	74
Figura 53 - Gráfico circular sobre a Distribuição da população das freguesias de Oeiras por grandes grupos etários, censos 2011	74
Figura 54- Gráfico de barras sobre as carências no espaço público na freguesia Cruz Quebrada e Dafundo	76
Figura 55 - Terrenos antes da construção do Estádio Nacional	78
Figura 56 - Praia da Cruz Quebrada, anos 30	78
Figura 57 - Análise urbana 1941	79
Figura 58 - Análise urbana 1952	79
Figura 59 - Análise urbana 1960	79
Figura 60 - Análise urbana 2018	79
Figura 61 - Estádio Nacional, anos 50	81
Figura 62 - Rio Jamor, 2010	83
Figura 63 - Fotografia dos vãos da fachada	84
Figura 64 - Fotogradfia da vista para o Palácio da Graça	86
Figura 65 - Fotografia do Jardim da Quinta da Graça, hora do Chá da Sra. da Graça	86
Figura 66 - Perspetiva da Quinta da Graça e área adjacente	87
Figura 67 - Fotografia do Estádio Nacional, 2018	88
Figura 68 - Fotografia do antigo tanque, das aulas de mergulhp	90
Figura 69 - Fotografia dos antigos socalcos	90
Figura 70 - Planta do Palácio	91
Figura 71 - Fotografia da fachada virada para o Jardim	91
Figura 72 - Fotografia do Pátio de Honra	91
Figura 73 - Fotografia da fachada posterior	91
Figura 74 - Fotografia da vista da esplanada para o lado oposto do Vale	91
Figura 75 - Fotografia do antigo bay door	92

Figura 76 - Fotografia do acesso criado para o jardim	92
Figura 77 - Gráfico de barras sobre Como costumam utilizar o espaço público na freguesia em estudo	94
Figura 78 - Gráfico de barras sobre as Carências no espaço público na freguesia	94
Figura 79 - Fotografia para a fachada do lado do Jardim	98

4. Proposta de Projeto

Figura 80 - Perspetiva do acesso pedonal	102
Figura 81 - Perspetiva do acesso pedonal junto ao Rio	103
Figura 82 - Perspetiva do Parque de Merendas	104
Figura 83 - Perspetiva do Skate Park	104
Figura 84 - Perspetiva do Parque Infantil	104
Figura 85 - Esquema da proposta urbana	104
Figura 86 - Planta do Anfiteatro	105
Figura 87 - Planta do Estacionamento	105
Figura 88 - Fotografia da vista do Anfiteatro	105
Figura 89 - Volumetria do Palácio da Graça	106
Figura 90 - Pátio do Museu Municipal de Faro	106
Figura 91 - Fachada do Paço Real da Ajuda, 1ºmuseu	106
Figura 92 - Acesso pedonal adjacente ao Palácio	107
Figura 93 - Acesso pedonal pelo Complexo Desportivo	107
Figura 94 - Acesso pedonal pelo Rio	107
Figura 95 - Esquema das redes viárias e acessos pedonais	107
Figura 96 - Diagrama de usos	108
Figura 97 - Planta do Piso -1	110
Figura 98 - Perspetiva da galeria da biblioteca	111
Figura 99 - The Brion Cemetery in Altivole, Carlo Scarpa	112
Figura 100 - Fotografia do Jardim da Quinta	112
Figura 101 - Fotografia do buxo do Jarim da Quinta	112
Figura 102 - Perspetiva do pátio interior	112
Figura 103 - Fotografia da Habitação	113
Figura 104 - Fotografia do entulho existente na Habitação	113
Figura 105 - Fotografia do acesso para a Habitação	113
Figura 106 - Ambiente do quarto da Habitação	113

Figura 107 - Volumetria da cobertura do Palácio	114
Figura 108 - Fotografia da Quinta e Palácio da Graça, 1980	114
Figura 109 - Fotografia do terraço	114
Figura 110 - Fotografia do bay door	114
Figura 111 - Pavimento Revigres cinzento	115
Figura 112 - Pavimento de Madeira	115
	115

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

CDNJ - Centro Desportivo Nacional do Jamor

CQ/D - Cruz Quebrada e Dafundo

FMH - Faculdade de Motricidade Humana

ICOM - Internacional Council of Museums

IE - Índice de Envelhecimento

IDJ - Índice de Dependência de Jovens

IDI - Índice de Depência de Idosos

IDT - Índice de Depência Total

INE - Instituto Nacional de Estatística

INEF - Instituto Nacional de Educação Física

ISP - Relação entre a população em idade ativa (15-64 anos) e a população idosa (65 ou mais anos)

RM - Relação de Masculinidade

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

1. INTRODUÇÃO

1.1. Tema

O Projeto Final de Mestrado (PFM) tem como tema a Reabilitação de Património, tendo como contexto de estudo a Quinta da Graça, um edifício devoluto com alguns elementos em estado de ruína, e a sua área adjacente. Propomos a reabilitação da Quinta, tendo em conta aspetos históricos como a memória, urbanísticos e sociais, que possa contribuir para qualificar o lugar, localizado na freguesia da Cruz Quebrada e Dafundo, no concelho de Oeiras.

O tema surge do interesse de reabilitar para qualificar, ou seja, reabilitar uma ruína a partir da pré-existência de uma fachada, conservando o seu valor patrimonial e histórico, sem que perca a sua identidade. O objetivo é encontrar a “pérola dentro da caixa” (fachadas).

Complementando a qualificação do lugar, que surge como mote para a reabilitação da Quinta da Graça, através de uma proposta projetual de um equipamento multifuncional e intergeracional que tenha em conta as características da área de intervenção, assim como as necessidades e expectativas das pessoas, residentes e visitantes.

Assim, o principal objetivo é reabilitar o edifício em estudo e toda a sua área adjacente, tendo como preocupação a qualificação da zona, integrando no processo as necessidades da população residente e dos utilizadores do lugar.

1.2. Área de Intervenção

Como contexto de estudo escolheu-se a Quinta da Graça e a sua área adjacente no Parque Urbano do Jamor, na Freguesia Cruz Quebrada e Dafundo.

A Quinta da Graça teve um forte impacto devido à estrutura do seu palácio e da sua localização, dominada por um vasto horizonte sobre o vale do Jamor, e sofreu várias alterações ao longo da época do Estado Novo. Foi construída sob um convento de frades, utilizado como residência para os altos dignitários da Igreja.

Deduz-se que o seu ano de origem foi em 1860, segundo a data que consta na inscrição sobre a porta da entrada principal.

A construção do palácio foi atribuída ao armador marítimo, José Manuel Machado.

Os espaços verdes adaptaram-se ao terreno, e o Jardim seguiu o modelo italiano, dividindo-se em terraços. A quinta está rodeada de ricos pomares e árvores e jardins de elegantes desenhos, com grandes ruas de buxo ladeadas de esculturas, lagos, estufas e canteiros.

A marca de José Manuel Machado estaria vincada no lado Norte do edifício, surgindo a quilha de navio. Porém, vários conflitos sociais e políticos surgiram, o que provocou a expropriação do palácio e dos jardins em favor do espólio da Educação Física, o Estádio Nacional. Muito da sua história foi sendo apagada com a expropriação levada a cabo em 1936 para a construção do Estádio Nacional, inaugurado em 1944.



Figura 3 – Orotofotomapa da Quinta da Graça e da sua área de intervenção

Fonte: Adaptado do Google Earth, 2018

1.3. Objetivos e Questões de Trabalho

No desenvolvimento do Projeto Final de Mestrado, procurou-se responder à seguinte questão de partida:

De que modo poderá a reabilitação de um edifício patrimonial (cultural) e da área adjacente contribuir para a qualificação do Parque Urbano do Jamor e da área envolvente (Freguesia da Cruz Quebrada e Dafundo), funcionando como equipamento multifuncional e intergeracional?

Este trabalho tem como objetivo criar um equipamento multifuncional e intergeracional que responda às carências do território e qualifique o Parque Urbano do Jamor e a Freguesia Cruz-Quebrada e Dafundo, recorrendo à reabilitação de uma ruína e da área adjacente. O projeto pretende dar uma resposta à questão de partida acima enunciada.

No âmbito das respostas à questão, desenvolve-se um projeto de reabilitação, tentando perceber qual a influência que terá no âmbito social, para a qualificação do local e dos seus residentes e visitantes.

O objetivo será definir estratégias de projeto, umas a nível de escala urbana que passam pela requalificação do parque urbano do Jamor, criando um circuito de passadiços com diferentes pontos de funcionalidade e novos acessos pedonais, enquanto que a nível arquitetónica o objetivo será criar um equipamento multifuncional e intergeracional através da reabilitação da Quinta da Graça, tendo sempre em conta os utilizadores do lugar.

Promovendo novos espaços de lazer, recuperando a memória do edificado, interligando as diferentes gerações num equipamento, rejuvenescendo o parque urbano do Jamor e fazendo com que a população mais envelhecida se sinta (re)ativa apesar da idade, tendo como referência o estudo da Pirâmide de Maslow¹, em que cada utilizador do equipamento sentirá uma satisfação pessoal.

1. A Pirâmide de Maslow trata-se de uma pirâmide com uma divisão hierárquica proposta por Abraham Maslow, em que as necessidades de nível inferior devem ser satisfeitas antes das necessidades de nível superior. Cada pessoa tem de passar pelas diferentes plataformas de necessidades para atingir a autorrealização (Maslow, 1970).

Para responder à questão de partida acima mencionada, será necessário atender aos seguintes objetivos específicos, que serão auxiliares na investigação.

Estudar as práticas, as necessidades e expectativas da população residente na envolvente do Parque Urbano do Jamor e dos seus utilizadores. Esta pesquisa será alargada à Freguesia da Cruz-Quebrada e Dafundo;

Definir uma estratégia de intervenção a partir das necessidades do lugar;

Relacionar as diferentes gerações de residentes e potenciais utilizadores do espaço;

Estabelecer uma ligação entre os diversos equipamentos existentes no Parque Urbano do Jamor com o objeto de estudo, a Quinta da Graça;

Reabilitar a memória do lugar através dos materiais, testemunhos, funções e a sua história.

Requalificar a área de estudo;

Concomitantemente, o estudo a desenvolver neste Projeto Final de Mestrado pretende responder às seguintes questões de trabalho:

Como reabilitar uma ruína tendo em conta elementos históricos, patrimoniais, da memória e sociais? Qual a estratégia mais adequada para qualificar a área de intervenção?

No processo de reabilitação e na definição do programa, como envolver as pessoas? Que proposta poderá promover a intergeracionalidade?

1.4 Metodologia

No estudo adota-se uma metodologia de estudo de caso, com uma abordagem de carácter misto, mobilizando uma diversidade de técnicas de recolha e análise de informação (observação direta, análise documental e inquérito por questionário, entre outras) para perceber o fenómeno estudado na sua totalidade e múltiplas dimensões.

Esta recolha informativa irá depois contribuir para a criação do programa para um equipamento multifuncional e intergeracional a ser desenvolvido a nível projetual e que pretende contribuir para um bem-estar social e qualidade de vida dos residentes e utilizadores da área de intervenção.

Este trabalho será organizado em quatro fases distintas, mas interdependentes e relacionadas entre si.

Uma primeira fase recaiu na recolha de documentos históricos e na organização de um método de estudo. Nesta fase fez-se também a investigação e análise histórica da Quinta da Graça e da área envolvente, com recurso a casos de referência. Foram realizadas as primeiras leituras bibliográficas que complementaram o Estado do Conhecimento, auxiliando as leituras com fichas de leitura. Os métodos utilizados nesta fase baseiam-se na recolha e análise crítica de textos.

Numa segunda fase fez-se o enquadramento, a contextualização e a análise da área de estudo. As técnicas utilizadas foram a observação direta às práticas e comportamentos das pessoas na área de estudo, assim como, os dados estatísticos, designadamente a informação estatística dos últimos recenseamentos gerais da população (INE) da Freguesia da Cruz-Quebrada e Dafundo. Uma outra técnica utilizada foi o inquérito por questionário a residentes e a utilizadores da área de análise.

Uma terceira fase incidiu sobre a análise e descrição dos resultados obtidos nas fases anteriores, procurando-se validar as hipóteses e responder às questões de trabalho e melhor compreender o tema e o problema em análise.

Em síntese, a fase projetual, apoiada pelas três fases referidas, foi fundamental para a definição do tipo, valências e funções do equipamento a propor, tendo como base a reabilitação de património como influência no âmbito social. O objetivo foi perceber a partir dos resultados obtidos, a adequação dos espaços propostos ao nível projetual com o perfil dos potenciais utilizadores.

Para isso foi necessário: a análise urbana do lugar, criando uma proposta fundamentada, também, na análise morfológica, dos equipamentos e serviços, dos pontos atrativos, dos espaços verdes e das ligações de acesso.

A análise dos casos de referência permitiu fundamentar o programa proposto, surgindo na sequência do estudo uma análise arquitetónica, através de diagramas de usos e esboços de espaços interiores, com o apoio de uma maquete da volumetria do edificado.

Por fim, a fase final implicou uma maior focalização na proposta de projeto final. No método experimental de projeto, a aplicação prática numa proposta projetual, dos conhecimentos adquiridos anteriormente na fase de investigação, em que foi essencial definir-se: uma estratégia geral; um programa; a escolha do local de implantação, segundo as fases de concessão, organização e entalhamento.

1.5 Estrutura

O PFM está estruturado em cinco capítulos, interligados entre si e apresenta a seguinte organização:

No primeiro capítulo da Introdução é apresentado a escolha do tema, acompanhado por um enquadramento da área e objeto de estudo e quais os objetivos que pretendemos alcançar, colocando questões de trabalho, a metodologia e sua organização.

No segundo capítulo “As Quintas de Recreio: Valor Patrimonial e Estratégias de Reabilitação” analisamos os conceitos chave escolhidos para o trabalho, dividindo o capítulo em pontos. O primeiro corresponde às Quintas de Recreio e Valores Patrimoniais e o segundo sobre as Estratégias de Reabilitação. O mesmo, é acompanhado por casos de referência que estarão enquadrados nos conceitos estudados.

No terceiro capítulo “Quinta da Graça, Parque Urbano do Jamor” descrevemos a área e objeto de estudo, entrando no detalhe descritivo das características arquitetónicas da Quinta da Graça e da transformação morfológica da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo, que se faz acompanhar com ilustrações referentes à transformação da morfologia.

Seguidamente, no quarto capítulo, apresentamos a Proposta de Projeto, dividido em subpontos: as Estratégias de Projeto; a escolha do Programa acompanhado por diagramas de usos e as respetivas áreas de cada compartimento; a Proposta Urbana e a Proposta Arquitetónica, que incidem num programa multifuncional e intergeracional.

Por último apresentamos as considerações finais onde refletimos sobre as conclusões do trabalho.

Nos anexos e apêndices incluímos elementos que completam toda a investigação, tais como o modelo de inquérito por questionário, a análise dos mesmos, fotografias, um pequeno herbário, fotografias das maquetes de trabalho, o processo de trabalho e os painéis de apresentação.



Figura 4 – Fotografia da Quinta da Graça, 2018

2. AS QUINTAS DE RECREIO: VALOR PATRIMONIAL E ESTRATÉGIAS DE REABILITAÇÃO

No presente capítulo iremos analisar os conceitos chave selecionados, como resposta ao tema escolhido, reabilitar com o património, tendo em conta a influência do âmbito social no processo.

O capítulo está dividido em dois pontos principais, o primeiro referente às Quintas de Recreio e ao património edificado, natural, cultural e desportivo, servindo de mote para a compreensão do nosso objeto de estudo.

O segundo recai nas estratégias de reabilitação, estando dividido em três momentos: reabilitar a ruína, ou seja compreender como a devemos abordar; reabilitar com a memória tendo em conta a conservação da identidade do edificado e do lugar; reabilitar com a paisagem, como devemos abordar, sobretudo na implementação de novos elementos a nível do enquadramento urbano, e reabilitar com e para as pessoas, no qual pretendemos chegar a uma conclusão provisória dos utilizadores poderão frequentar o lugar.

Todos os conceitos abordados serviram de auxílio para a proposta do programa de projeto, tanto a nível arquitetónico como urbano.

2.1. As Quintas de Recreio

As Quintas de Recreio conjugam o lazer com a produção agrícola, proporcionando o contraste entre a vida contemplativa e ativa (Sousa, 2015).

O objeto em estudo, a Quinta da Graça, é conhecido por ser uma antiga quinta de recreio, devido às suas características tipológicas, aos seus elementos estruturais e verdes, tais como as suas hortas agrícolas e os seus laranjais, em conjunto com a vida boémia que se vivia antes da sua expropriação.

A Quinta *“é um troço de paisagem, pertença de alguém que a cuida para produção, para ornamento, ou só para lazer, concentrando em algumas zonas composições de grande qualidade estética que de forma mais diluída, se espalham por toda a propriedade”* (Castel-Branco, 2002, p.15).

Para Pires (2013), as Quintas de Recreio apresentam uma tipologia arquitetónica que na Vilegiatura de forma não exclusiva, tendo como características, propriedades agrícolas autossuficientes serviam como suporte da sua existência como espaços de lazer.

“(...) a Vilegiatura, como sinónimo de lugar de deleite integrado num contexto rural, provém da cultura romana clássica, onde as famílias urbanas mais ricas mantinham a casa de campo com uma vocação mista de produção agrícola e lazer” (Pires, 2013, p.14).

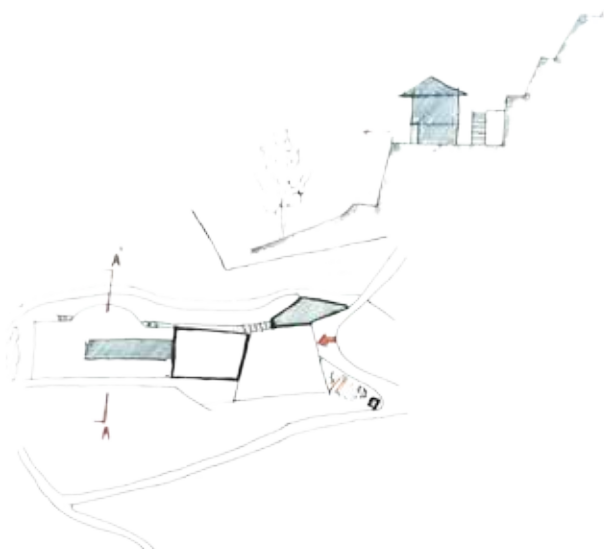


Figura 5 - Esquema diagramático tipologia A - Villa Le Balze

Fonte: Adaptado de Pires, 2013, p.75

2.1.1. Identificação da Quinta de Recreio através da Vilegiatura

A interpretação da Vilegiatura em Portugal é reconhecida na Quinta de Recreio, sobretudo nas de maiores dimensões ainda que remodeladas ou ampliadas, podemos verificá-lo através de elementos ou estruturas. Amílcar Pires (2013) declara que surge de um conforto com a vila italiana que permite compreender a forma como os seus modelos teóricos foram interpretados e contribuíram para uma prática de abordagem da escolha do lugar.

Eram propriedades da nobreza e do alto clero, que possuíam uma casa ou palácio em Lisboa. Eram compostas por características muito específicas, para que os nobres pudessem privilegiar do ar e da natureza, enquanto o rei se retirava para os seus passeios ou atividades de lazer.

Na 2ª metade do séc. XVII surge a construção da maior parte das quintas e palácios. Segundo Amílcar Pires (2013), a Quinta de Recreio está ideologicamente e culturalmente ligada à cidade, definindo a sua localização e caráter através de uma estrutura específica.

“(...) a cidade funcionava com um polo gerador e ocorre nos lugares mais aprazíveis da sua periferia” (Pires, 2013, p.269).

Dentro das Quintas de Recreio temos o edifício mais importante a casa do proprietário ou o palácio com um programa funcional e arquitetónico dentro do contexto histórico e cultural em que se insere.



Figura 6 – Perspetiva da Villa Le Balze

Fonte: Adaptado Pires, 2013, p.75

2.1.2. Estrutura da Quinta de Recreio em Portugal

Numa primeira abordagem para a criação de uma Quinta de Recreio era necessário escolher um sítio, analisar a sua topografia, acessos, paisagem natural, o ideal era uma topografia composta por superfícies com alguma inclinação e estruturas próximas de linhas de água. Sendo necessário entender os elementos que fossem circundantes, como a paisagem natural e também a procura por um caráter mais abstrato em que *“(...) a concretização do lugar a projetar deve ser elaborada por esquemas de índole topológica ou geométrica”* (Pires, 2012, p.5).

Quando falamos em Quintas de Recreio é necessário colocar objetivos funcionais, tendo em conta a vivência que pudesse contribuir para a formação do lugar, *“(...) a relação com as vistas tanto pode ser feita de forma expansiva como estrangulada e a luz solar é o suporte de vida e a marca o tempo no local”* (Pires, 2012, p.8).

A Quinta da Graça classificada como uma antiga Quinta de Recreio, prevalece de uma localização e estrutura imponente, provocando um forte impacto na zona, dominando um vasto horizonte sobre o vale do Jamor. Os proprietários e utentes do palácio podiam apanhar o seu barco de forma privativa.

Segundo Amílcar Pires (2013), a casa do proprietário é o edifício mais importante na Quinta de Recreio, estando estruturado com espaços, como o pátio de entrada, o terreiro e a capela. O seu interior é composto por uma sala de entrada e cozinha.

O pátio de entrada é considerado a entrada principal da casa, sendo o lugar de chegada a um espaço habitado, podendo existir dois pátios, o de serviço e o de entrada.

Para uma maior privacidade, era criado um muro alto rasgado por um pontão localizado num dos lados do acesso, que delimitava o espaço. A sala de entrada era o primeiro espaço com acesso, no qual percebemos a classe socioeconómica do proprietário. Era importante para receber e não para estar.

Os espaços exteriores eram estruturados tendo em conta elementos naturais tais como: o Jardim de Buxo; a Horta/Pomar; o Sítio ao nível de intervenção humana; as características contemporâneas para o terreno. Assim, era fulcral a criação de pontos estratégicos para a sua implantação, estabelecendo relações espaciais entre si, criando-se um domínio humano de grandes áreas não urbanizadas.

Caso houvesse carência de boas vias de acesso, no interior das quintas, eram criados caminhos que acompanhavam a topografia do terreno. De modo seguro, *“(...) os caminhos não geométricos, mas respeitadores das condicionantes do terreno, fazem a ligação dos pontos mais importantes da quinta”* (Sousa, 2015, p.49).

As Quintas de Recreio tinham como suporte económico as culturas agrícolas, encontravam-se implantadas em terrenos férteis. A proximidade à cidade, para além de proporcionar a vivência de vilegiatura, facilitava a exportação dos produtos.

A estrutura verde da quinta organizava-se de modo a obter uma percepção visual olfativa, apelativa e calma. Podemos enumerar como elementos importantes na ambiência e vivência dos espaços exteriores, a luz, sonoridade, aroma e tactilidade.

Era fundamental obter umas boas vias de comunicação, como os rios ou ribeiras que relacionavam o lugar com outros locais próximos, permitindo a subsistência do suporte económico através das produções agrícolas e da componente recreativa.

“A localização próxima de Lisboa é fundamental também para a vivência de Vilegiatura – procura-se nestes espaços a fruição contemplativa da Natureza, influência do Humanismo importado do Renascimento italiano e o usufruto dos privilégios da vida citadina, nomeadamente da sua cultura” (Pires, 2012, pp.4-5).

2.1.3. Caraterística da capela

A capela surge nos finais do séc. XVII, ganhando o seu reconhecimento no séc. XVIII, considerada como um lugar de destaque na composição arquitetónica.

Na Quinta da Graça existia uma ermida dedicada à Nossa Sra. da Graça, encaixada no interior do seu palácio, sendo elogiada pela sua conceção material, em relação aos vitrais, mármore, frescos entre outros elementos.

Segundo Amílcar Pires (2013) a fachada da capela nas quintas de recreio integra a composição arquitetónica da fachada da casa ou define um plano recuado, apresentando um carácter intimista. Adquirindo proporções de urbanidade pela sua escala e localização estratégica.

A capela era considerada um lugar de vivência, sobretudo entre a família, devido ao seu carácter intimista.



Figura 7 – Pormenor do teto da Capela, Quinta da Graça

Fonte: Archer e Colaço, 1999, p.110

2.1.4 Elementos naturais

A mata também se assumia como um espaço independente na Quinta de Recreio, tendo os seus limites bem definidos, como qualquer espaço.

O elemento natural, a água, assumia-se como um regrador do espaço, devido ao uso racional, pelas técnicas e práticas agrícolas nas produções de pomares e hortas, tal como no desenho arquitetónico do jardim formal.

“(...) os lados que aparentemente só têm funções recreativas e ambientais, funcionam também como reservatórios de água integrados no complexo sistema de rega de toda a quinta” (Pires, 2013, p.279).

O mesmo acontecia com o rio Jamor e nas suas nascentes, sendo um dos elementos principais na zona onde se praticava a atividade pecuária.



Figura 8 - Fotografia do Rio Jamor, 2018

2.2 O PATRIMÓNIO EDIFICADO E ARQUITETÓNICO

O conceito de Património advém do latim *patrimonium* (*pater*, pai + *monium*, recebido) (Furari e Pelegrini, 2006).

Segundo Ferreira de Almeida (1993), a palavra está ligada à herança. Consiste em transmitir referências e modelos às gerações seguintes. É classificado como uma qualidade e uma memória. Estando designado ao usufruto de uma comunidade, às estruturas familiares, económicas e jurídicas. A classificação está patenteada a todo o conjunto do monumento, incluindo a própria envolvente.

Na atualidade, as pessoas lucram com a palavra património, “abusam” do seu valor. Porém, há quem tente valorizar e salvaguardar a sua origem, permanecendo o seu significado estético e toda a sua envolvente conservada.

“Património é definido como algo que proporciona qualidade de vida ao Homem a nível cultural e físico, para além de comprimir um papel de afirmação da comunidade, nacional e internacionalmente. Pressupõe-se que o significado atual de património se consolidou com a revolução francesa, o que terá chamado a atenção de alguns responsáveis políticos para a necessidade de sensibilizar as pessoas para a salvaguarda do património artístico e monumental da nação.”
(Almeida, 1993, pp.407-408).



Figura 9 – Património na Carta de Atenas, 1931

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5531>, consultado a (01/11/2018)

Ainda assim, e apesar de o património provir da ideia elementar de preservação do passado, é no presente que temos que fazer as escolhas sobre o que importa continuar a existir no futuro. Para tal, será necessário conferir uma certa coerência à denominação daquilo que é ou não património; àquilo que reflete uma cultura.

A consciência da defesa do património construído como bem identitário comum, que nasceu de uma postura contra uma certa noção de progresso, é uma conquista ainda recente (Silva, 2012).

Segundo Silva (2012), as razões estão sempre derivadas por perdas de funções, desvalorização da marca estilística, planos urbanísticos e outras intromissões na paisagem, vandalismo e mudança ideológica substantiva nos modos de encarar o património como um documento cultural operativo.

As guerras, catástrofes, incêndios, más intervenções de restauro, entre outros tipos de acontecimentos, contribuíram para essa perda de património comum.



Figura 10 – Edifício Rádio Amália

Fonte: <http://ruinarte.blogspot.com/2016/05/meus-caros-amigos-companheiros.html>, consultado a (01/11/2018)

2.2.1 Classificação do património ao longo da história

Representado pelas edificações, no qual se criou em França a 1ª Comissão dos Monumentos Históricos, datada de 1837, abrangia a Antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns Castelos (Choay, 2001).

O Património começou a adquirir algum domínio sobretudo no séc. XX, pois não se limitava somente à “caixa” dos edifícios, mas em compreender toda a sua envolvente, ou seja, a malha urbana e as edificações, como por exemplo a formação dos bairros, aldeias e cidades. Como podemos observar na lista estabelecida pela UNESCO, conhecida como Património Mundial.

Na Comissão do Património do séc. XX, em França, estabeleceu-se critérios e uma nova tipologia em relação ao testemunho historicamente significativo.

Surgem assim, as primeiras conferências internacionais para a conservação dos monumentos históricos. A primeira realizada em Atenas, em 1931; a segunda surge em Veneza no ano de 1964. Segundo Choay (2001), a extensão tipológica, ou seja, cronológica, geográfica e dos bens patrimoniais é acompanhada pelo crescimento exponencial do seu público.

Na Europa surgem alguns problemas alusivos à preservação do edificado, tendo em conta o custo de manutenção, ao uso inadequado aos usos atuais e alguns problemas da organização do espaço urbano.

2.2.2 Parque Urbano do Jamor como Património Natural

O enquadramento urbano da área de estudo, encontra-se classificado pelo Plano de Gestão e Ordenamento Estratégico do Centro Desportivo Nacional do Jamor, como Património Natural devido ao seu parque urbano e à sua inserção no vale do Jamor² em conjunto com a ribeira do rio Jamor, como também pelo jardim existente na Quinta da Graça.

O Jardim é composto por árvores centenárias dragoeiras, que estão classificadas, pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, segundo o Decreto-Lei nº.28468 de 15 de fevereiro de 1938 e do disposto no artigo 14.º, do Decreto-Lei nº. 135/2012, de 29 de junho.

Anteriormente abordámos o conceito de património edificado e histórico, pois para chegarmos a este ponto é necessário entender e analisar o conceito de património.

A definição de Património não abrange somente as componentes histórica e natural, pois é composto por um todo. A divisão de património natural e cultural existe desde há muito tempo (Castro, 2004).



Figura 11 – Fotografia do enquadramento urbano da Quinta da Graça

2. O Vale do Jamor foi descrito por Almeida Garrett e Cesário Verde. Na época, era caracterizado pela ruralidade. A área constituía inicialmente uma paisagem rural dominada por quintas agrícolas (frescos e pomares), estruturas com vegetação importante e “terras de barro” compartimentadas por sebes arbóreas e arbustivas (DGD/ME, 1989, p.43).

Consideramos património natural os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas.

Com a convenção do Património Mundial de 1972, as formações físicas e biológicas, e locais de zona natural com valor universal excecional, conservação ou beleza natural passam a ser considerados “património natural”. O Homem e a identidade cultural estiveram sempre interligados com a natureza, assim sendo, a convenção expressa a necessidade de se conservar o equilíbrio entre ambos os patrimónios.

“Certos locais de interesse natural ou zonas naturais estritamente delimitadas com valor universal no modo da conservação ou beleza natural.” (Gonçalves, 2017, s.p.).

Património natural por vezes tem um valor singular, onde a atividade humana não tem presença, as caraterísticas únicas merecem a classificação como património.

O domínio do património mundial fez com que se adotassem políticas internacionais e nacionais da conservação da natureza e sobre a proteção do património mundial, cultural e natural.



Figura 12 – Fotografia de um dos três Dragoeiro centenário

2.2.3 Património Cultural no século XIX

O património não surge de forma autónoma e encontra-se ligado à Cultura. As materialidades antigas e os símbolos de organização socio espacial a nível da edificação que subsistiram ao tempo, foram concebidas como património para se utilizar recentemente como património cultural.

O termo Património Cultural surge no séc. XIX enquanto conjunto *“(...) que é transmitido consciente e inconscientemente pelos homens, depois do seu aparecimento sobre a Terra.”*, ao longo deste século (Gomes, 2011, p.91).

Segundo Choay (2001), devemos ter cuidado ao abordar património cultural, para não o confundirmos como um sinónimo de monumento. *“A Cultura é um fenómeno de produção incessante, porque reflete a evolução do espírito humano socialmente situado (...) só os bens classificados integram o património cultural”* (Almeida, 1993, p.416).

Durante a época do Iluminismo, fortalece-se a noção de Património, quando a mesma, se encontrava ainda ligada à ideia de território e cultura, passando a ser compreendido como valor e simbologia para a Nação.

Património relaciona-se com o valor de identidade e memória. A memória que provém da comunidade, sendo que património cultural é a garantia da sua identidade, devendo ser aceite, estimado e não apenas protegido.

“A ligação do património à comunidade é uma radicalidade, mas só é, quando o assume e toma consciência dele.” (Choay, 2001, p.206).

2.2.4 Património Desportivo na Europa

Abordar este conceito torna-se fundamental, dado estarmos a analisar e a compreender uma das zonas com maior simbolismo desportivo, devido ao seu emblemático complexo desportivo, o Estádio Nacional.

O desporto é uma disciplina história em crescimento, a sua prática desportiva nasceu em Inglaterra no final do séc. XVIII, dissipando-se por toda a Europa e pelo mundo a partir da segunda metade do séc. XIX.

Desde o final do séc. XX, *“(...) alguns historiadores têm-se dedicado à sua compreensão, nomeadamente Irene Maria Vaquinhas, uma das primeiras historiadoras a realizar um ensaio sobre a temática”* (Serrado, 2009, p.39), surgindo posteriormente a sua patrimonialização.

O Desporto moderno surge em meados do séc. XIX, em que o Estado Novo irá desenvolver, diferentemente das atividades do antigo regime, praticadas exclusivamente pela nobreza e com objetos ligados ao regime.

Em Portugal, no dia 10 de Junho de 1944, dia de Portugal, o Estado Novo aproveitou para celebrar a inauguração monumental do complexo desportivo, o Estádio Nacional.

O Património desportivo segue a tendência da ampliação do conceito de Património. Primordialmente valorizando o património artístico, através das pinturas e esculturas das “cenas” de jogo.

Desta forma, o desporto faz parte integrante da nossa cultura, tendo uma memória identitária, passando a ter direito a um lugar no campo do património, estando dividido em património desportivo edificado e em património desportivo móvel.

2.3. AS ESTRATÉGIAS DE REABILITAÇÃO

Reabilitar para (re)qualificar

O conceito de Reabilitação vem fundamentar o desenvolvimento do trabalho, dado o termo estar associado ao tema do PFM, tendo como contexto um edifício em ruína, no qual prevalecem as fachadas e a sua área adjacente.

Segundo Dulce Moura et al. (2006) a reabilitação não representa a destruição do tecido urbano, mas a readaptação à funcionalidade urbana. Surge da readequação do tecido urbano degradado, dando importância ao seu caráter residencial.

Encontrando-se ligado a dois tipos de intervenções: edificado e paisagem urbana.

Ao nível do edificado, não implica somente a reabilitação dos edifícios residenciais, mas a construção de outros equipamentos.

Ao nível da paisagem urbana, a visibilidade dos elementos, como as fachadas, ou seja, as intervenções de reabilitação surgem na procura da revitalização do lugar.



(de cima para baixo)

Figura 13 – Fotografia num dos acessos pedonais com vista para a Quinta da Graça



Figura 14 – Fotografia do acesso pedonal através da raquete dos elétricos

A reabilitação urbana em Portugal

Em finais dos anos 1980, surge de uma maneira mais consciente a reabilitação urbana em Portugal, sendo crucial a criação de gabinetes técnicos locais que deram um contributo no desencadeamento de intervenções no espaço construído de natureza histórico-patrimonial. Por vezes, a reabilitação era malsucedida devido à falta de investimento e ao contributo efetivo para o desenvolvimento urbano dos locais onde ocorram.

Em Portugal, a maioria das intervenções acabaram por ter um peso excessivo desagregado de intervenções no tecido económico e social e dos contextos urbanos.

A reabilitação não interfere somente na economia, a reabilitação também se liga aos sentimentos das pessoas, tendo como objetivo criar condições para que as pessoas possam viver em condições consideradas adequadas. O modo do seu processo é operado em áreas de elevado valor histórico e patrimonial.

Assim, é essencial criar uma política de desenvolvimento sustentável que tenha um longo prazo e defenda o património que deixamos às gerações futuras. Segundo Dulce Moura *et al.* (2006), a reabilitação dos núcleos históricos assume uma destruição para as novas construções.

A demolição de edificado levanta problemas de ordem ecológica e o desperdício de recursos para novas construções.

“Restaurar um edifício não é conservá-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo num estado de plenitude que não pode ter existido em nenhum momento”²

2. Disponível em <http://othaudoblog.blogspot.com/2013/07/violet-le-duc-e-teoria-do-restauro.html>; consultado a (06/06/18)

Estratégias de Reabilitação para (Re)Qualificar

Na reabilitação podemos optar por duas estratégias de projeto, a anastilose³ ou o reprimato⁴.

Segundo a Carta de Washington, ICOMOS, 1987, defende o desenvolvimento da cidade, assente num futuro sustentado pelo passado, onde a preservação surge por reanimação de estruturas existentes, físicas e sociais, em harmonia com a exigência da vida contemporânea.

Quando procedemos à reabilitação de património construído é necessário, uma análise do reconhecimento do valor histórico e cultural, adaptando a novos usos e funções, tendo em conta a sua implantação.

É importante verificar as condições ambientais, numa determinada área e verificar as consequências que certos comportamentos podem ter.

Segundo Dias (2010), o conceito de reabilitação de património, consiste em preservar a memória do local e a manutenção do seu contexto histórico e social. A evolução dos espaços urbanizados e dos comportamentos humanos a ele associados implicam a adoção de medidas muito concretas, que possibilitam a recuperação do património construído.

3. Anastilose | Trata-se de uma técnica de reconstrução pelo qual um edifício em ruínas é restaurado usando os elementos arquitetónicos originais no maior grau.

Disponível em <https://dicionario.priberam.org/anastilose>; consultado a (05/11/18)

4. Reprimato | Reconstituição idêntica, que no contexto da restauração, se refere a refazer ou restabelecer de forma idêntica à que possuía ou à renovação de fachadas, principalmente as que recebem pintura, de modo igual ao original.

Disponível em <https://dicionario.priberam.org/reprimato>; consultado a (05/11/18)

Quando procedemos ao método da reabilitação, devemos ter em conta os seguintes aspetos:

- Não restringir somente à execução de medidas de contenção e restauro de elementos construídos;
- Delinear um plano de uso dos espaços, de modo a que seja assegurada a continuidade dos edifícios;
- Tornar efetiva a sua manutenção.

Por isso quando pensamos em reabilitar, devemos ter em consideração os princípios propostos pelas cartas internacionais, devemos criar um equilíbrio entre as componentes e funcionalidades da construção moderna, com a necessidade de reabilitar os espaços tradicionais preexistentes.

A recuperação patrimonial implica a aplicação de materiais e técnicas tradicionais adequadas, combinando os materiais e técnicas modernas para serem compatíveis.

Em suma, no PFM a reabilitação vem dar resposta à qualificação do lugar, no qual surgem melhorias das condições de vida da comunidade, promovendo a construção e recuperação de estruturas, tendo em conta o seu valor patrimonial, valorizando a dinamização social e económica. Segundo Dulce Moura *et al.* (2006) a (Re)Qualificação, apresenta um caráter mobilizador, acelerador e estratégico.

2.3.1. REABILITAR A RUÍNA

Salvaguardar o património histórico e cultural transformou-se num dos princípios da atualidade ocidental.

Segundo Martins (2005), o resgate da memória presumirá uma série de entendimentos e comportamentos nem sempre vistos, numa primeira abordagem.

“Na verdade, a necessidade de preservar os vestígios de antanho despontara em contextos históricos e sociais, quando os interesses políticos parecem dilatar a rememoração de determinadas páginas passadas em nome de um determinado presente” (Martins, 2005, p.114).

Segundo Françoise Choay (2001), as ruínas têm direito inalienável à sua própria inutilidade. Sendo designadas como vestígios de uma estrutura deixada pelas civilizações, como uma marca imponente da sua arquitetura.

Após a análise dos conceitos de património, memória e reabilitação, consideramos adequado abordar as questões relacionadas com a ruína e perceber a sua importância. Assim, temos como base as seguintes questões:

Qual a sua origem e importância em relação ao Homem?

A Ruína está associada a uma evolução ao longo da história, segundo Ana Damenti (2015) é a resultante física degradada ao longo do tempo, por diversos fatores como o esquecimento, as condições económicas, as políticas sociais e a sua utilidade.

Têm o poder de invocar os sentidos humanos, como a nostalgia, a memória e o encontro com o outro, através da marca da sua pré-existência, os edifícios em decadência parecem retornar à paisagem.

Mas, de que forma a reabilitação poderá dar garantias à sobrevivência da ruína?

Poderá consegui-lo, pois, está associada à ação do Homem, que provém da própria arte de projetar e edificar. Valorizando-se como catalisador de conhecimento de emoções do século do Iluminismo.

As edificações que se encontram em ruína são objetos que denotam a verdade passada. Segundo Makarius (2004), a ruína é a única que prevê o futuro da criação humana, apesar de manifestarem uma utilidade relacional para com os sujeitos, continuam a ser medidores das nossas sensações, comprometendo a interpretação da mesma.

“Ao seu tempo, o fascínio pela ruína tornar-se-á também uma consequência do falhanço do modernismo arquitetónico, e da industrial.” (...) “A ruína não está à nossa frente; não é um espetáculo, nem um objeto de amor, é a própria experiência.” (Derrida citado por Damenti, 2005, p.20).

Em consequência dos processos de transformação territoriais e de urbanização, as ruínas desabitadas acabam por se degradar e perdem-se histórias de vivências que tais construções acolheram.

Segundo o cineasta Mário Jorge Torres, o esforço dos patrimonialistas colide muitas vezes, transmitindo a sua ideia no filme Ruínas, de Manuel Mozos (2009), com uma impotência antepassada em operar uma arqueologia da memória.

Segundo Dulce Loução (2016), a ruína é a matriz para a matéria da reabilitação, num nível de registo de enfermidade. Defendendo que o contemporâneo hoje é reversível, ou seja, efémero. São espaços nos quais o visível e o invisível, o material e o imaterial se interseitam, pois quem os construiu, habitou, mas abandonou.

Quando falamos em estratégias de reabilitação na ruína, é fundamental fazer a interpretação das preexistências, encontrar os limites, ou seja, os dispositivos mínimos da habitação.

Quando observamos uma ruína temos como principal interesse preservar a caixa arquitetónica *“(...) devemos operar um sentido de futuro, lembrando que as ruínas são palácios de memórias, prontas a ser reabilitadas.”* (Loução, 2016, p.37).

Sendo assim é fundamental termos em conta a reciclagem e a sustentabilidade que ocupam a primeira linha das preocupações interventivas. Sobretudo quando a ruína funciona como suporte para a vida, ou seja, a mistura mencionada entre a história, o medo, a esperança para o futuro, que aproxima o destino do habitante das ruínas, daquilo que é do próprio edificado.

As ruínas caídas no esquecimento, poderão ter o poder de reivindicar funções sociais, políticas e estéticas, mas temos de ter cuidado no tratamento que lhe damos, não queremos que se perca na totalidade o seu estado de ruína. Voltar a dar vida ao espaço desabitado, utilizando a identidade, que é provada através da memória.

“A ruína do séc. XXI ou é desmantelada ou restaurada. No último caso a verdadeira ida foi eliminada por uma cirurgia plástica invertida, onde o novo é feito para parecer velho.” (Huyssen, 2006, p.19).

Ao querermos intervir arquitetonicamente devemos pensar em como devemos recuperar, ter a consciência que é o reflexo do passado do tempo e que estamos a recuperar o valor de um espaço que perdeu a sua qualidade de lugar. A verdade é que não perdeu a sua identidade, nem memória, devemos abordá-la de uma maneira sensível, tendo em conta a sua degradação.

“Intervir na “ruína” é devolver o propósito da arquitetura de abrigar. Não esquecendo o estímulo único e quase escultórico de intervir no processo de valorização das ruínas.” (Franco, 2017, p.81).

A escolha da Quinta da Graça como objeto de estudo surge do desejo de inserção entre o passado e o presente, projetando o futuro, tendo como foco a memória da ruína.



Figura 15 – Fotografia da fachada principal do Palácio da Graça, 2018

2.3.2. REABILITAR A MEMÓRIA

A memória assume-se como um reflexo da população, um testemunho vivo de cada utilizador que frequentou um lugar. Sendo, um dos princípios responsáveis na aplicação de estratégias de intervenção, a nível da reabilitação. Nesta fazem parte na designação dos conceitos: Património, Património Cultural⁵ e Reabilitação.

Trata-se de um termo subjetivo, pois provém de cada um, pode ser vivida de forma individual ou em modo coletivo. Apelamos à memória, através de testemunhos, aspetos históricos e ao estudo do lugar que nos remete à identidade.

Dulce Loução (2016) expressa que a arquitetura constrói a morada do homem e é nessa mesma morada que se concentra, o passado, o presente e o futuro, servindo de uma forma de identificação do próprio espaço.

O Valor patrimonial na memória do lugar

Marly Rodrigues (2010) relaciona o património cultural à memória e identidade urbana, afirmando que com a presença do património cultural garante-se que na sociedade tenha a oportunidade de se perceber a sua origem.

Assim, a memória do lugar engloba-se em duas dimensões, referidas acima, memória coletiva e memória individual. Tudo o que vivemos, contamos e experienciamos transforma-se numa memória individual, mas quando partilhamos com o outro, torna-se numa memória única, ou seja coletiva, pois a outra pessoa tem o poder de se sentir e imaginar, caso a memória seja convicta.

5. O património cultural engloba também imóveis particulares, traçados urbanos, ambientais naturais de importância paisagistas, documentos escritos, entre outros.

Após a aprovação da Convenção Cultural Europeia, no séc. XX, o Conselho da Europa e os seus membros assumem responsabilidades de tornar a memória cultural um fator positivo para a sociedade, salvaguardando os seus direitos e garantias.

As iniciativas das Jornadas Europeias do Património simbolizam uma vontade de assegurar que os monumentos, os lugares, os bens patrimoniais, as comunidades e as paisagens sejam elementos ativos do conhecimento mútuo e compreensão entre todos.

Segundo Choay (2001) funciona como atributo coletivo, o património é um elemento fundamental na construção da identidade social/cultural, sendo a própria materialização da identidade e memória de uma sociedade.

Quando falamos de memória remetemo-nos ao Património Cultural que é o conjunto de bens de interesse coletivo que são relevantes ao longo do tempo. Fazendo recordar o passado, através de memórias e testemunhos. Tendo a *“(...) função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória. A memória legítima a identidade de um grupo, recorrendo para isso, do património”* (Martins, 2011, p.6).

A memória coletiva, por sua vez, engloba as memórias individuais, mas não se confunde com elas, evoluindo conforme as suas leis. Quando ocorre de determinadas lembranças individuais, estas mudam de aspeto na medida em que *“(...) são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal”* (Halbwachs, 1968, p.72).

Memória coletiva

Segundo Halbwachs (1968), podemos abordar a memória de diferentes maneiras, como memória pessoal e social ou autobiográfica e histórica. Porém, a memória histórica representa factos e experiências do passado de forma esquemática, enquanto a memória pessoal do nosso passado, apresenta um panorama mais denso e contínuo.

Como fenómeno social, a memória coletiva é construída e reproduzida ao longo do tempo. Tal como o património cultural, a memória é dinâmica e seletiva; *“(...) seletiva porque nem tudo o que é importante para o grupo fica registado para as gerações futuras”* (Rodrigues, 2005, p.4).

Assim, a memória apresenta qualidades físicas dos espaços, através da luz, do sentido e movimento.

Segundo Rodrigues (2012), devem ser os protagonistas do futuro, tendo como estratégia, a reversibilidade que deve ser subjacente à intervenção.

“(...) a memória coletiva não se confunde com a história” (Derrida citada por Cíntia, 2006, p.17).

Segundo Halbwachs (1968), a história está ligada à ocorrência de fatos do passado que têm um lugar dominante na memória dos homens. Ou seja, a memória de uma sequência de acontecimentos, não têm mais suporte num grupo social, o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-la através da história, para que não caia em esquecimento.

Mas a verdade é que ambas se relacionam, mas têm pontos que as distinguem da história, *“existem muitas memórias coletivas enquanto história é só uma”*⁶.

6. Disponível em: <https://rainhastragicas.com/2014/11/07/memoria-coletiva-e-memoria-historica-na-obra-de-maurice-halbwachs/> (04 de Maio de 2018)

Assim, a memória liga-se a pensamentos, emoções, consciências que perduram nas pessoas, enquanto a histórica se coloca fora dos grupos e introduz-se na corrente dos fatos que determinam lugares físicos para cada evento ocorrido.

Ler e interpretar são algumas das componentes que se inserem no estudo da memória, pois são as ferramentas de análise e compreensão.

“(...) a arquitetura é evocação e relembração, dos espaços que visitamos. Fazer arquitetura é refazer, sem cessar espaços da nossa memória” (Loução, 2016, p.50).

A teoria desenvolvida por Maurice Halbwachs, pai do estudo da sociologia e memória, considera a memória coletiva como uma narrativa e que a mesma influencia a memória individual, pois está sempre sujeito à experiência dos outros.

Funciona como um instrumento que serve para oprimir, mas ao mesmo tempo para libertar o homem, pois pode ser utilizada para produzir esquecimento ou memória.

Devido ao seu caráter seletivo, e das suas componentes de interpretação, a mesma seleciona o que é importante para o indivíduo ou grupo, apresenta um impacto a nível social, baseando-se em efeitos históricos.

2.3.3. REABILITAR COM A PAISAGEM

Quando abordamos reabilitação urbana, devemos estudar e analisar o conceito de paisagem que se adapta à maneira como os arquitetos sentem e vivem os espaços.

A paisagem está presente em diferentes áreas de estudo como a filosofia, literatura, pintura e geografia. Segundo Oliveira (2013) na sua dimensão coexistem as científicas, psicológicas e estéticas.

A paisagem apresenta um caráter objetivo, mas ao mesmo tempo subjetivo. Segundo Kotler (1976) a UNESCO declarou que a paisagem é uma estrutura do ecossistema, existindo dois tipos de paisagem, a paisagem natural e a paisagem humanizada.

Ao nível dos sentidos pessoais, cada um de nós percorre e vive a paisagem de uma maneira muito própria, sendo que a paisagem é um espaço de experiência, como referido acima.

As paisagens são criadas pelas pessoas que vão vivendo experiências, quando captam o tempo real das mudanças da paisagem, sendo considerado uma produção cultural, tratando-se assim, de uma leitura culturista.

Tendo a capacidade de criar uma interação entre os elementos de origem natural e humana, num determinado espaço.

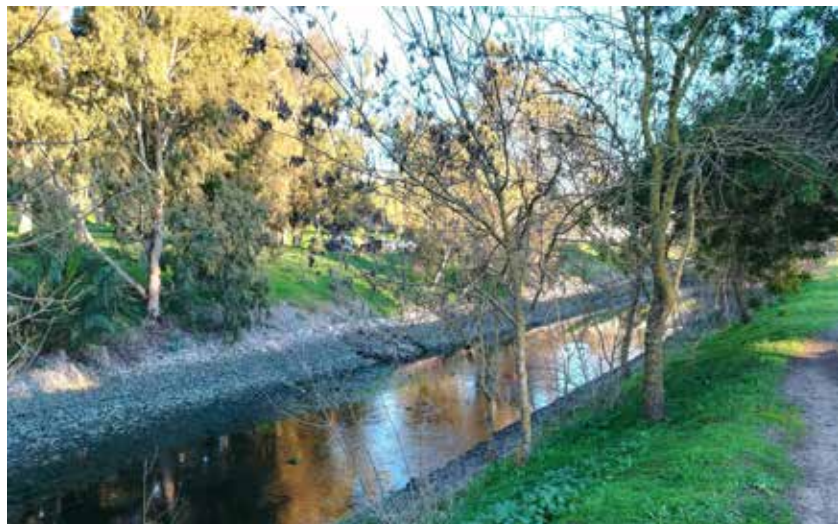


Figura 16 – Fotografia do acesso pedonal junto ao Rio do Jamor

Caminhabilidade como elemento da paisagem

Segundo Barreto e Gilson (2013) o *Flaneur*, termo utilizado como o “andar sem destino” é o observador da cidade, de toda a envolvente urbana, captando sensações. É um observador que caminha sem preocupações, sendo um dos objetivos do programa projetual correspondente à requalificação dos acessos pedonais da freguesia.

O caminhante pretende andar e apreciar todos os detalhes, mas sem ninguém notar a presença dele, considerando-se a personagem principal em cena, mas sem discurso. Ele é imponente, demonstra uma posição central da locomoção na vida social, vive experiências novas e desenvolvidas quando cruza as paisagens urbanas e as multidões, desenvolvendo a sua sensibilidade estética. É considerado o viajante moderno.

“Mas essa realidade dita por Benjamin ainda é a realidade das cidades atuais, sua maioria sofre pela falta de calçadas adequadas que proporcionem a Caminhabilidade.” (Barreto e Gilson, 2013, p.54).

A melhor forma de vivenciar um espaço e observar o que está ao seu redor é através do passeio a pé, a forma mais natural de deambular, porque somos livres de observar e analisar o que queremos captando a paisagem.



Figura 17 – Fotografia do acesso pedonal da habitação adjacente à Quinta da Graça

2.3.4. REABILITAR COM E PARA AS PESSOAS

O estudo do conceito intergeracionalidade surge da proposta do programa projetual, tendo como objetivo a criação de um equipamento multifuncional e intergeracional, que auxilie na qualificação de área envolvente.

Intergeracionalidade

A intergeracionalidade é um fenómeno que se tem desenvolvido pela Europa, mas que começou a ganhar um enorme relevo e importância, sobretudo nos EUA. Surge das palavras relação, geracional e idade que provém da palavra Geração.

“Geração é um termo que remete a movimento, a sucessão contínua e progressiva, e que ajuda a tecer uma ideia sobre o tempo social, ocupando por este motivo lugar central nas tentativas de compreensão das profundas transformações ocorridas ao longo do séc. XIX, na sociedade europeia” (Teiga, 2012, pp.26-27).

Traduz a convivência entre as pessoas de idades distantes em diferentes estádios evolutivos, mas que se relacionam através do seu conhecimento, experiência e identidade.

Assim, percebemos que a geração não se trata de uma entidade homogénea e única, pois reúne características que surgem do meio social em que se vive.

Quando abordamos este tema, estamos a falar de espaços nos quais surja a abertura de diálogo e troca de experiências, que favorecem o enriquecimento mútuo.

A intergeracionalidade é um conceito que se aplica à vida quotidiana, sendo uma forma de aproximação entre gerações para melhor compreender e encontrar soluções aos problemas que envolvem todas as faixas etárias.

Gerador de diversidade

O Gerador de Diversidade permite analisarmos as condições sociais que estão ligadas ao tema. Analisando o balanço dos ganhos e perdas ao longo da vida e o desenvolvimento do ciclo de vida, algo que rege a identidade social.

O nosso ciclo de vida decorre de fatores internos, individuais, biológicos, genéticos e psicológicos, comportamentais, ambientais e sociais.

Segundo Bireen e Renner (1977), o conceito de IDADE, explica a duração de vida que ocorre após o nascimento, através das fases: cronológica; psicológica; funcional e social.

Em suma, as relações intergeracionais devem ocorrer fora do contexto familiar, uma vez que a sociedade se depara com grandes mudanças sociais e económicas, que podem constituir um conflito entre as gerações.

Evidencia-se que a sociedade por vezes exclui os idosos, originando dificuldades no contato entre outras gerações, havendo um esvaziamento nas relações.

As atividades intergeracionais promovem a interação entre a população idosa e jovem, transmitindo-se conhecimentos, partilhas e uma troca de saberes. Sendo esse o principal objetivo deste trabalho, na criação de um equipamento multifuncional e intergeracional.

Jane Jacobs (2000) faz com que tiremos uma conclusão em relação ao gerador que deve ser criado, percebemos que algumas pessoas têm medo de ficar sozinhas em suas casas. Assim, as pessoas sentem a necessidade de ter um lugar de encontro, um equipamento que promova a relação entre as gerações e a comunidade, sendo fundamental a criação de um ponto atrativo, tanto a nível cultural como de lazer.

Para Jane Jacobs (2000, s.p.) *“É fácil perceber que a monotonia do lugar é fatal”*. Compreendemos que é tempo de agir, de criar um motor dinâmico que gere um comércio diversificado, que possibilite a uma presença de variedade urbana, que ligue as pessoas e resolva as carências, até que a população se sinta realizada e segura, tal como a resolução da Pirâmide de Maslow.

Deste modo, as relações intergeracionais podem ser entendidas como a relação estabelecida entre duas pessoas com idades opostas e em diferentes fases de desenvolvimento, promovendo a partilha de memórias e experiências, contribuindo para a unidade da multiplicidade.

“(...) as velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e às lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar e no lazer, porque as pessoas idosas representam, uma memória coletiva. Se elas não transmitirem esse tipo de saber, quem o fará?” (Dumazedir, 1992, p.9).

Ambas as gerações possuem saberes e a sua troca e partilhas permite a experiência de interpretar os modos de pensamento/vida de cada um, respeitando as suas diferenças.

Segundo Teiga (2012), as relações intergeracionais continuam a ser fortes nas sociedades industrializadas, um meio de partilha de gestos, valores e materiais.

Assim, a proposta de um programa intergeracional irá juntar as pessoas, através de atividades que os beneficia, promovendo respeito, comunidade, entendimento e solidariedade. Funcionando como um núcleo social, através da troca de recursos e experiências.

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, lançou em 2004 um desafio às sociedades, para que as mesmas não olhassem para o envelhecimento da população como algo negativo, mas que retirassem daí algo, criando uma população idosa ativa. Incentivando os mesmos a criarem uma sociedade intergeracional, ajustada na partilha entre gerações (Rodrigues, 2010).

Os espaços multigeracionais têm a capacidade de dar resposta às necessidades das pessoas, sobretudo das mais idosas através das suas aptidões, de forma a criar novos desafios. Estes programas são veículos de intercâmbio e de continuidade de recursos e aprendizagem entre as diferentes gerações, com o objetivo de se criarem benefícios da mesma.

2.4 CASOS DE REFERÊNCIA

Após a análise aos conceitos de intervenção no Património, na compreensão das Quintas de Recreio e nos temas abordados no subponto Estratégias de Reabilitação, neste subponto apresentam-se casos de referência, que ajudaram no desenvolvimento do programa da proposta de projeto.

Cada caso apresentado está relacionado com o objeto de estudo e a sua área adjacente, através da escala urbana/arquitetónica, forma, programa e materialidades.

Os casos de referência abordados serão: a Quinta da Piedade devido ao seu enquadramento urbano; a Reconversão do Convento de Sta. M^a do Bouro em virtude das suas materialidades e do seu projeto de reconversão; o Museu do Desporto em consequência dos seus espaços museológicos que se enquadram com o programa da proposta; a Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro devido ao seu programa e à forma como chega junto da população, o Centro Interpretativo da Afurada devido à sua reabilitação e ambientes criados, através dos diferentes pés direitos e dos vãos zenitais, o Parque Urbano Litoral Estuário do Tejo pela escala urbana, programa e da comunicação da água como elemento do construído, os Passadiços da Foz do Arelho através do seu circuito de passadiços criados de uma forma natural em conjunto com a paisagem; e o Anfiteatro Colina de Camões que assenta na morfologia do terreno e no restante enquadramento urbano.

Em suma, os casos de referência ajudaram na resolução das carências observadas no lugar e contribuíram, cada um à sua maneira, para a proposta projetual que se apresenta no final do trabalho.

2.4.1. RECONVERSÃO DO CONVENTO NUMA POUSADA

Santa Maria do Bouro

Eduardo Souto Moura | Humberto Vieira

A Reconversão do Convento para Pousada de Sta. Maria do Bouro é um projeto dos arquitetos Eduardo Souto Moura e Humberto Vieira, de 1997, localizado na freguesia de Santa Maria do Bouro, concelho de Amares, distrito de Braga em Portugal, ocupando uma área de 7300m².



A sua origem

Na origem do edifício está uma construção que terá sido habitada por eremitas, cujo orago era S. Miguel. Apesar de se ter desenvolvido através do apoio real, da localização e das atividades dos frades, o mosteiro entrou em degradação a partir do séc. XV, chegando ao séc. XVI quase em estado de ruína.

Nos finais do séc. XVI iniciaram-se as obras de recuperação até ao séc. XVII. Em 1834 com a extinção das ordens religiosas o mosteiro foi abandonado. De momento, o convento encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1958. Em 1986 parte do convento foi adquirido pela Câmara Municipal de Amares.

Em 1989 foi apresentado o projeto da reconversão do convento, iniciando-se as obras em 1994, sendo inaugurado em 1997.

Figura 18 – Fachada Principal do Convento de Sta. Maria do Bouro

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira> consultado em (05/09/18)

A Pousada (reconversão)

O projeto serve-se das pedras disponíveis para construir um novo edifício, tratando-se de uma construção nova e não da reconstrução do edifício na sua forma original.

O edifício mantém a imagem natural sem qualquer telhado de cobertura visível do exterior e com as janelas da fachada apenas com vidro e sem caixilharia aparente, reforçando a ideia de abandono.



No interior foi mantida a estrutura original das dependências, com uma decoração apelando a materiais simples e sóbrios. O claustro manteve-se sem a inclusão de vidros de proteção.

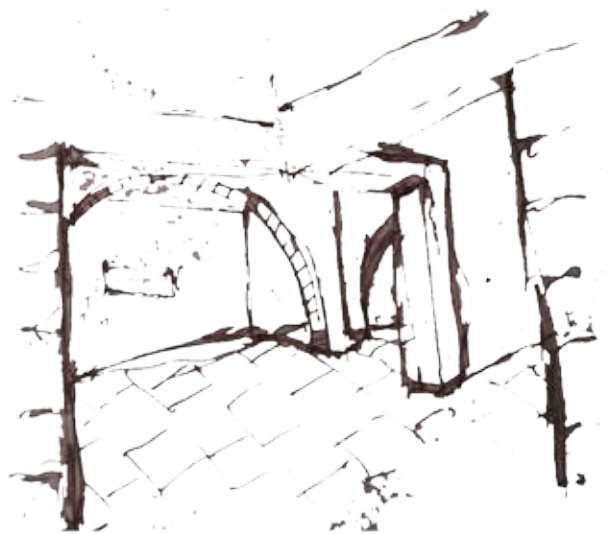
Em algumas salas foram retiradas as portas para criar um espaço open space, deixando apenas os vãos.

Parte do sistema hidráulico montado pelos monges de cister foi preservado, sendo possível observar e ouvir, a água, que atravessa o mosteiro. A pousada oferece 32 quartos, restaurante, bar e esplanada. Segundo Jorge (2000), a maneira como os velhos e os novos materiais se relacionam, permite ter uma grande consciência da natureza de cada matéria. As portas de vidro contrastam com os texturados muros de granito.

Figura 19 – Perspetiva do pátio interior do Convento

As ruínas apresentam um maior impacto do que o próprio convento, já que o seu material pode ser manipulável.

A notícia de Fernando Jorge (2000), ao público, faz com que o nosso imaginário configure o diálogo que existe entre o arquiteto e a ruína. Ele defende que a ruína não suspira pelo passado, nem lamenta o presente, tentando dialogar com o arquiteto para chegarem a um acordo do seu destino, neste caso, na construção de uma pousada, através do uso dos seus materiais.



Os arquitetos optaram por recusar a consolidação pura e simples da ruína para uso contemplativo, apostando por injetar materiais, usos, formas e funções.

Figura 20 – Perspetiva de um dos quartos do Convento

2.4.2 ANFITEATRO COLINA DE CAMÕES

Quinta das Lágrimas, Coimbra

Cristina Castel-Branco I Miguel Coelho de Sousa

O anfiteatro da Colina de Camões foi desenhado tendo presente as características do local, correspondendo a uma área de 3ha. Dando importância a alguns fatores, tais como: as ideias e a criatividade do projetista e os desejos e sonhos do cliente, mas prestando atenção ao que o local oferecia e condicionava.



A colina tem aproximadamente 20m de altura, no qual na parte superior se consegue ver Coimbra e o seu monte sagrado; a água define o local e a mata e os jardins que vêm do tempo da Rainha Sta. Isabel.

Na colina desenhou-se o anfiteatro e para a água foi desenhado o largo redondo com 18m de diâmetro rematado a pedra grossa como a do Lago seiscentista das Lágrimas que fica perto, e que se enche por gravidade com água daquela nascente milenar;

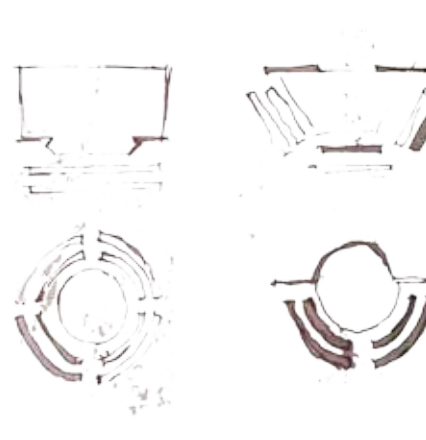
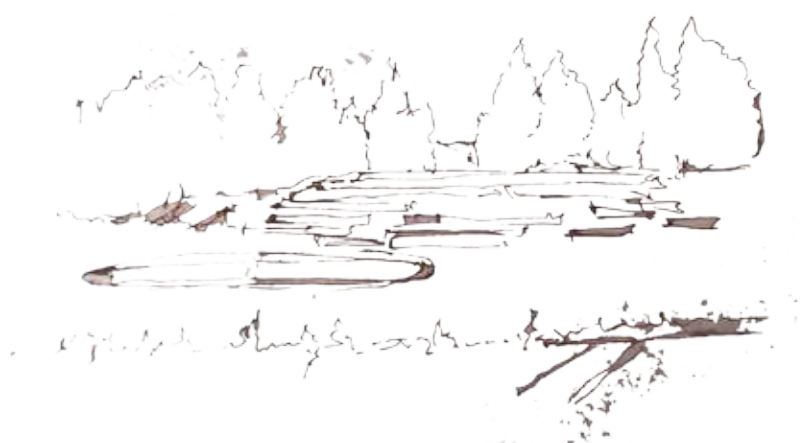
*“esta água que passando pelo lago redondo e espelho o céu, as árvores centenárias, as bancadas e o palco com aristas quando não há festa – volta por gravidade a ser canal”*⁷.

Figura 21 –Anfiteatro Colina de Camões

Fonte: Fonte: <http://www.acbpaisagem.com/projectos/espacos-publicos/anfiteatro-colina-de-camoes.htm>
consultado a (07/10/2018)

7. Disponível em: <http://www.acbpaisagem.com/projectos/espacos-publicos/anfiteatro-colina-de-camoes.htm>; consultado a: (06/09/2018)

Segundo Castel-Branco (2008), o anfiteatro encontra-se em ponto de charneira entre o edifício de Gonçalo Byrne “Quatro elementos”, e com a mata centenária interligando-se com as fontes das Lágrimas (séc. XVI), a Fonte dos Amores (séc. XIV), o jardim romântico (séc. XIX). Pretendia-se fechar este anel de pontos de beleza e de história, garantir percursos de ligação à mata, mas ao mesmo tempo criar um espaço que respeitasse o espírito do lugar e dos seus elementos.



A arquiteta teve o cuidado de sublinhar o contraste entre a pedra branca e a sombra que faz sobre a relva, porque se conjugam. Desenhou as bancadas, desconstruindo-as ao longo de arcos, para jogar com este efeito do sol, relva e sombra. Considerado o princípio seminal da *land art*⁸.

Em suma, a coordenadora de projeto pretendeu criar um grande espaço, a céu aberto onde se pode fazer concertos aproveitando os elementos naturais que o rodeiam. O projeto recebeu o Prémio Nacional de Arquitetura Paisagista em 2008 na categoria de Jardins Privados.

(da esquerda para a direita)

Figura 22 – Perspetiva do Anfiteatro Colina de Camões

Figura 23 – Representação das plantas de Anfiteatro

8. Manifestar de uma maneira clara, numa intenção estética a presença de processos naturais.

2.4.3 QUINTA MUNICIPAL DA PIEDADE

Póvoa de Santa Iris, Vila Franca de Xira

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

A Quinta de Nossa Sra. da Piedade é propriedade da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira desde 1979, considerado Património Municipal classificado como Imóvel de Interesse Público. Para entendermos um pouco melhor a sua história, iremos remetermo-nos aos testemunhos deixados por Celso Mangucci (1994;1998)⁸.



Apesar da Quinta estar inserida num espaço urbano, a mesma encontra-se isolada e delimitada por muros. No seu interior é possível observar os terrenos que se desenvolvem em vários terraços e com ruas ladeadas de buxos, como era o caso da Quinta da Graça, no Parque Urbano do Jamor em 1941.

“A propriedade primitiva era bastante mais extensa do que o núcleo que hoje conhecemos, composto pelo jardim murado que inclui o palácio, a ermida antiga de Nossa Senhora da Piedade, o oratório de São Jerónimo, a Lapa do Senhor Morto, e a igreja nova de Nossa Senhora da Piedade”.

12. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74170>; consultado a (12/09/2018)

A sua origem

A origem da Quinta remonta a 1348, séc. XIV. Nessa altura foi instituído, o Morgadio da Póvoa por matrimónio entre os Valente e os Castelo Branco, mais tarde a mesma pertenceu aos Condes de Vila Nova Portimão e posteriormente aos Marquesses de Abrantes, em 1789.



A Quinta sofreu diferentes períodos históricos:

- D. Francisco de Castelo Branco Valente, camareiro-mor de D. João III teve um papel importante devido à configuração planeada para esta propriedade.
- Uma propriedade de cariz intimista, meditativo e dedicada através de um programa iconográfico: à evocação do Sr. Morto e a Nossa Sra. da Piedade.
- Neste espaço coexistem vestígios de edificações renascentistas e do séc. XVIII.

Segundo a inscrição na ermida em 1531, estaria terminado o referido programa iconográfico:

Figura 25 – Perspetiva da Quinta da Piedade

- A Ermida de Nossa Sra. da Piedade⁹ testemunha a construção de um pequeno templo manuelino, associado a uma casa nobre;
- O oratório¹⁰ sobre a capela-mor;
- A zona de meditação de D. Francisco situa-se numa zona rodeada de bosques, características pertencentes às Quintas de Recreio.
- A Lapa do Sr. Morto¹¹ é reedificada no final do séc. XVII.

Na verdade, sobrevivem estruturas medievais de um palácio fortificado, mas remodelado a partir de 1550.



A Quinta agrega o Palácio de Nossa Sra. da Piedade com características de solar do séc. XVIII e com interiores forrados de azulejos da época, com zonas de lazer, lagos, fontanários e diversas capelas. A Quinta tem duas preocupações atuais, proteger o património histórico e cultural e criar uma área de lazer numa área citadina.

Figura 26 – Fachada da Quinta da Piedade

9. Apenas a Igreja da Nossa Sra. da Piedade edificada a partir do final do Séc. XVII, cujo traçado atribuído por João Antunes. É no Séc. XVIII, revestida de azulejos da época.

10. O Oratório foi mandado construir em 1531 por D. Martinho Vaz de Castelo Branco, o camareiro do Rei D. João III.

11. Revestida por painéis evocativos de Nossa Sra. da Piedade. No seu interior, as peças escultóricas representam a Lamentação sobre Cristo Morto.

A Quinta é composta por diversos espaços de lazer, no interior e no seu exterior, aproveitando as suas fortes características de quinta, tais como os elementos naturais e a agregação do edifício com os espaços verdes.

Estas são algumas das atividades que a quinta oferece: aluguer de espaços para sessões formais; espaços exteriores para casamentos; visitas de estudo na Quinta Pedagógica e no Parque Animal; Ateliers temáticos, entre outras atividades.



No parque público conseguimos observar a intergeracionalidade criada, através da área de utilização informal desportiva, onde vemos pessoas de diferentes idades na prática desportiva; o parque infantil, o anfiteatro, a zona de merendas e o lago.

Ainda existem serviços ao público tais como: Biblioteca municipal com ludoteca, galeria, Universidade da terceira idade.

Para além do património histórico do Palácio, existem as ermidas e capelas, características das antigas Quintas de Recreio.

Figura 27 – Parque dos Animais, Quinta da Piedade

Fonte: https://www.cm-vfxira.pt/pages/1348?news_id=3030 consultado a (07/10/2018)

2.4.4 CENTRO INTERPRETATIVO

Património da Afurada, Vila Nova de Gaia

Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez

O Centro Interpretativo do Património da Afurada situa-se próximo da reserva natural do local do Estuário do Douro conhecido como um equipamento destinado a interpretar e a contemplar os ambientes e as atividades vividas da Afurada.

O projeto de requalificação é da responsabilidade do Atelier 15 por parte dos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, concluído em 2014.

O Centro propõe ao público uma área expositiva de 400m² de carácter permanente, uma outra para exposições temporárias e um centro de documentação, em suporte digital, sobre a Afurada.



Este projeto foi pensado nos valores culturais e antropológicos da zona, tendo em conta a comunidade residente. A requalificação dos cinco armazéns permitiu a salvaguarda da estrutura existente, conservando o seu valor simbólico.

Segundo (Costa e Fernandez, 2014), é interessante lidar com uma pré-existência, reconhecendo o seu valor, identidade e memória, por essa razão decidiram aproveitar a estrutura. Preservando a herança da simplicidade quase elementar, evitando confusões com qualquer outro tipo de arquitetura imposta.

Figura 28 – Fotografia da entrada principal do Centro Interpretativo

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/josecarlosmelo-dias/11155977434> consultado a (30/11/2018)

Para este projeto, foi evitado o uso de equipamentos mecânicos caros e intrusivos, no interior do edifício foi garantida a ventilação cruzada, através de entradas localizadas na base e na saída das claraboias envidraçadas.

O espaço interior ocupa uma área de 438m², *“mantém uma leitura clara do layout primitivo, sem perder a sua continuidade de uso”*¹². Foram criadas quatro mezanines com uma área de 180m², apoiados por uma estrutura de metal suspensa a partir das treliças de madeira laminada, aumentando os usos potenciais do edifício.

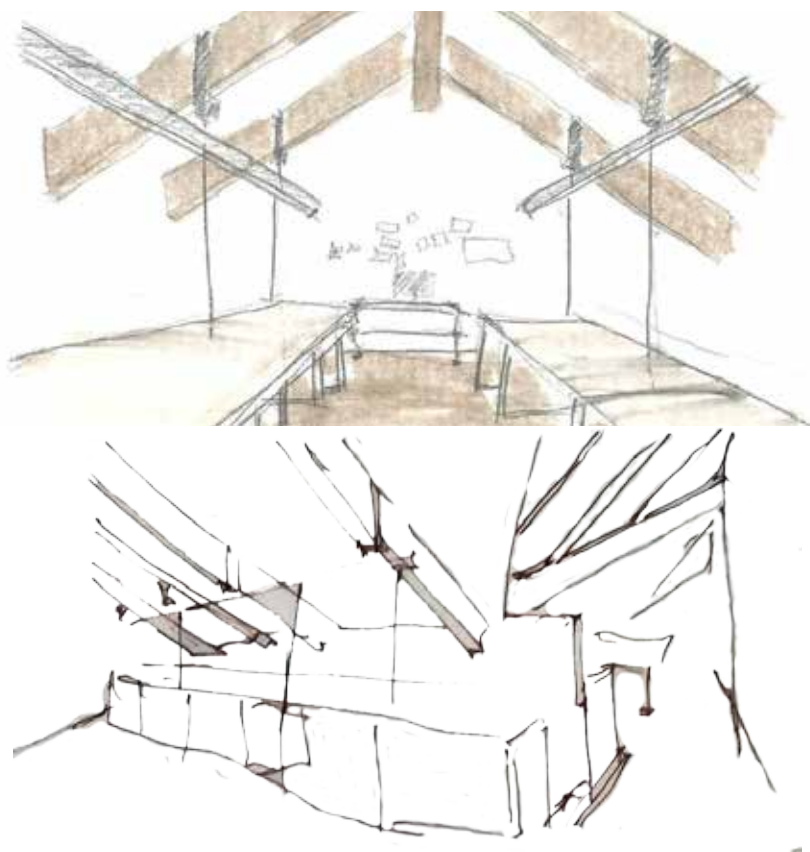


Figura 29 – Perspetiva da sala de exposição

Figura 30 – Perspetiva do interior do Centro

12. Disponível em: https://www.domusweb.it/en/architecture/2014/04/16/centro_interpretativo_do_patrim_nio_da_afurada_.html; consultado a (10/09/2019)

2.4.5 PARQUE LINEAR RIBEIRINHO DO ESTUÁRIO DO TEJO

Póvoa de Santa Iria, Vila Franca de Xira

Topiaris – Estudos e Projetos de Arquitetura

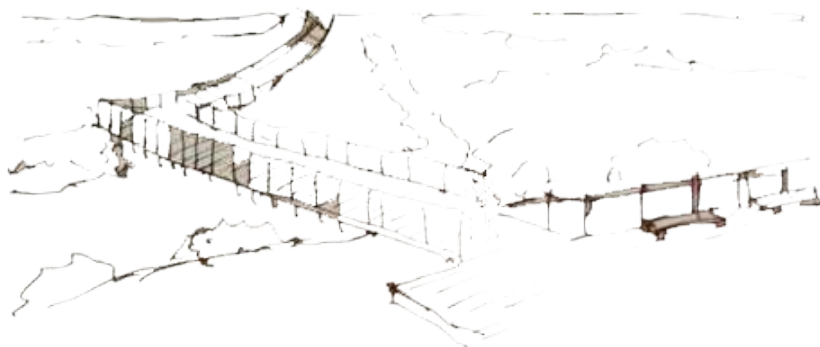
O projeto do Parque Linear Ribeirinho Estuário do Tejo é da responsabilidade da Topiaris – Estudos e Projetos de Arquitetura, localizado nas margens do rio Tejo com uma área de 15,5ha entre Alverca do Ribatejo e Póvoa de Sta. Iria.

Vencedor dos Archmarathon Wards, recendo um prestigiado prémio internacional de arquitetura na categoria de Landscape and Public Spaces, que decorreu de 8 a 10 de outubro, no Líbano, em 2015.

A área de intervenção encontra-se inserida numa candidatura aprovada para a “Requalificação da Frente Ribeirinha da Zona Sul do Concelho de Vila Franca de Xira”, no âmbito do Programa Operacional de Lisboa e do Regulamento específico ‘Política de Cidades – Parecerias para a Regeneração Urbana – programas Integrados de Valorização das Frentes Ribeirinhas e Marítimas’.



Figura 31 – Fotografia dos passadiços de madeira



O Parque constitui uma infraestrutura estratégica em termos de recreio, lazer e conservação de natureza, dando valorização ao elemento da água e do Estuário do Tejo, como um recurso com valor ambiental e paisagístico estratégico.

Integra duas tipologias de espaços:

- Trilhos pedonais e ciclovias numa extensão aproximada de 6km
- Espaço multifuncional com 22 500 m², que se denominou na Praia dos Pescadores: Centro de Interpretação Ambiental e da Paisagem e o Observatório de Aves



Figura 32– Perspetiva do circuito de passadiços

Figura 33 – Fotografia de zonas de descanso

Apesar destas tipologias integradas, surgiram novas zonas de lazer, tais como: parque infantil; anfiteatro; zonas desportivas ao ar livre; café-bar.

Segundo um autor desconhecido¹³, os trilhos pedonais e as ciclovias são compostos por:

- O trilho do Forte da casa com 1300m;
- O trilho da Póvoa com 630m;
- O trilho da Verdelha com 1915m;
- O trilho da Estação com 1500m;

O Cais da Póvoa de Sta. Iria com origem no séc. XIV, é utilizado pelos pescadores avieiros. Também toda esta zona sofreu obras de remodelação e é composta pelo Núcleo Museológico “A Póvoa e o Rio”; cafetaria, arrecadação e o cais de apoio à pesca.



Figura 34 – Perspetiva dos decos, zona dos pescadores

13. Disponível: <https://www.omehorblogdomundo.pt/parque-linear-ribeirinho-do-estuario-do-143692> consultado a: (10/09/2018)

2.4.6 PASSADIÇOS DAS ARRIBAS

Foz do Arelho

Nadia Schiling

Os passadiços construídos na Foz do Arelho têm sido muito referidos pelos seus elementos e riqueza cénica, sobretudo com a junção que se faz com a paisagem no momento do pôr-do-sol.

Apresenta uma extensão de 800 metros, o troço da costa sobre o qual incide a proposta desenhada por Nadia Schiling.



É constituído por um conjunto de arribas e sistemas dunares de elevada sensibilidade ecológica que se caracterizam pela sua biodiversidade e pela sua singularidade.

O seu desenho define umas linhas panorâmicas de grande interesse e valor paisagístico.

Compostos por sete espaços aplanados, utilizados como miradouros, são zonas sujeitas a uma intensa e regular ocupação por parte das pessoas e veículos.

Figura 35 – Fotografia dos Passadiços, Foz do Arelho, 2018



“O conceito de intervenção visou a regulação dos acessos a estes espaços, afastando as pessoas da faixa de risco, com a delimitação de um percurso alternativo que fizesse a ligação entre miradouros e que funcionasse simultaneamente como limite.”¹⁴



Figura 36 – Perspetiva do Circuito de Passadiços

Figura 37– Perspetiva do pormenor dos Passadiços

14. Disponível em: <http://www.nadiaschilling.com>; consultado a (15/10/2018)

2.4.7. BIBLIOTECA ORLANDO RIBEIRO¹⁵

Telheiras Sul, Lisboa

A Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro situa-se no antigo Solar da Nora, na estrada de Telheiras, junto do núcleo histórico de Telheiras, que integra as zonas envolventes da Quinta de S. Vicente e o Convento das Portas do Céu.

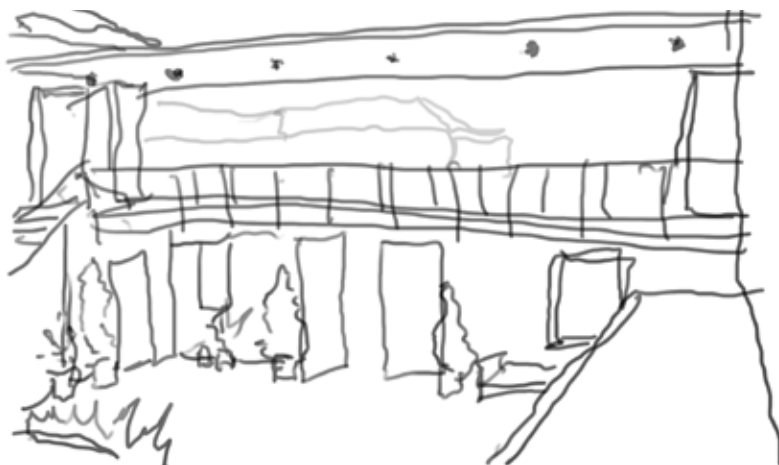


Inaugurada em 2003, através da recuperação do antigo Solar da Nora, uma casa senhorial do séc. XVIII, conhecida como um dos edifícios históricos do bairro de telheiras . Atualmente, o seu projeto de reabilitação corresponde à lógica contemporânea das bibliotecas públicas, que responde às necessidades da população residente.

Figura 38 - Fachada da entrada principal da Biblioteca Orlando Ribeiro

15. Até aos anos 60, nos arredores de Lisboa, existia ainda a Aldeia de Telheiras, um conjunto de casas em torno da estrada de Telheiras, que ligava o Lumiar a Carnide. Possuía uma igreja e um convento, rodeados de quintas cultivadas. Nos anos 70 a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa planeou a urbanização de Telheiras, nascendo um novo bairro urbano que atraiu jovens licenciados, que rapidamente constituíram famílias. Trata-se de um bairro de classe média, classe média-alta, com os maiores índices de consumo cultural. Apesar de a população ter envelhecido, é ainda considerada uma população jovem, no quadro municipal. Disponível em: <http://quintaisisa.blogspot.com/2016/05/afinal-os-saloios-de-telheiras-sao-hoje.html> ; Consultado a (17/09/2018)

Considerada uma biblioteca interativa devido aos seus usos, fazendo parte da Rede de Bibliotecas Lx, assumindo como missão criar cidadãos conscientes e integrados, toda a sua organização está pensa numa lógica contemporânea de Bibliotecas Públicas, pretendendo responder às necessidades de uma comunidade exigente e às especificidades de uma sociedade em permanente mutação.



É uma biblioteca pública moderna e funcional, organizada em torno de um conceito espacial que promove o encontro com a informação de forma autónoma e independente.

Dispõe dos seguintes serviços públicos:

- Reserva de documentos;
- Consulta do catálogo BLX;
- Utilização de computadores com Internet;
- Autoformação e sessões modulares de aprendizagem;
- Atividades de promoção;
- Visitas à biblioteca, entre outros;

Figura 39 - Perspetiva do Pátio Interior

2.4.8 MUSEU DO DESPORTO

Praça dos Restauradores, Lisboa

Palácio da Foz

O Museu do Desporto situado no centro de Lisboa, Praça dos Restauradores, foi fundado em 2012, inaugurado no ano em Portugal comemorou os 100 anos de Participação nos Jogos Olímpicos.

Conhecido como Palácio da Voz, anteriormente designado como Palácio Castelo Melhor, projetado no séc. XVIII, a sua construção estendeu-se até meados do séc. XIX.



A fachada e a estrutura do Palácio da Foz são de um estilo setecentista, enquanto o interior foi remodelado e tem uma decoração de caráter revivalista, características da segunda metade do séc. XIX.

Em 1755 foi construído o passeio público do Rossio, um jardim¹⁶ inaugurado em 1764. Com a demolição do passeio público do Rossio, surge as aberturas para a Av. da Liberdade.

Figura 40 - Fachada do Museu do Desporto

16. Este Jardim era conhecido com o centro de reuniões da sociedade de Lisboa, em 1879 foi demolido dando origem a uma grande contestação da civilização.

A sua origem

No limite do Passeio Público do Rossio existia um velho palácio, que em meados do séc. XVIII, pertencia ao 1º Marquês de Castelo Melhor. Porém, com o terramoto de 1755 o edifício ficou praticamente destruído, tendo sido necessário proceder-se a uma nova construção. O novo palácio viria a ser construído num espaço adjacente ao antigo palácio, junto da Rampa da Glória.



Em 1846 a construção foi retomada, sendo o Palácio de Castelo inaugurado em 1856, na capela consagrada a Nossa Sra. do Amor de Deus, diz-se que o interior do Palácio estaria recheado de madeiras exóticas.

A transformação de Palácio de Castelo Melhor a Palácio da Foz)

Em 1889 a Marquesa D. Helena de Vasconcelos vendeu o Palácio a Tristão Guedes¹⁷. Nessa altura já estava previsto a construção de um túnel para os caminhos-de-ferro, que passaria por baixo da Rampa da Glória. Perante esses factos, Tristão Guedes decidiu intrujar a Marquesa de Castelo Melhor e expropriou-a dos terrenos e do Palácio.

Figura 41 - Imagem do interior do Museu

17. Um nobre de grande fortuna que nessa altura era o administrador da Companhia Real do Caminho-de-ferro

Tristão Guedes viria a ser distinguido com o título de Marquês da Foz, por essa mesma razão o palácio é conhecido como Palácio da Foz. Das modificações realizadas, pouco restou do que tinha sido outrora o Palácio de Castelo Melhor.

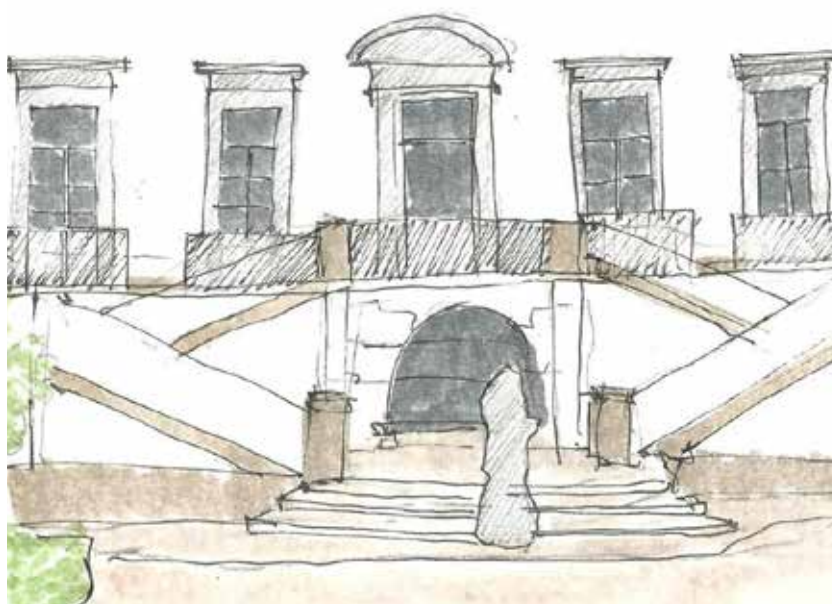


Figura 42 - Perspetiva do Pátio interior

Síntese

O segundo capítulo da investigação em curso levou-nos a compreender quais os primeiros passos a ter, num trabalho desta natureza. Assim foi fundamental estudar os conceitos associados ao nosso tema e área de estudo, para de seguida se estudar e analisar detalhadamente o objeto tanto a nível arquitetónico, urbano e histórico.

Este capítulo dividiu-se em 4 subpontos: o primeiro “Quintas de Recreio” da qual a Quinta da Graça se encontra classificada, devido à estrutura, características e elementos.

O segundo subponto levou-nos a compreender os diferentes tipos de Património e que antes de nos especificarmos num determinado Património, devemos estudar a origem da sua palavra de como está classificada nos dias de hoje. Concluímos, que o enquadramento urbano do projeto encontra-se classificado pelo PGOECDNJ, como património natural, devido ao parque urbano e à sua inserção no vale do Jamor, como também pelo Jardim da Quinta da Graça.

No terceiro subponto abordamos as Estratégias de reabilitação, que nos ajudaram no desenvolvimento do programa da proposta, ganharmos a noção de como devemos abordar e intervir na edificação e na sua área adjacente.

Após a análise aos conceitos de intervenção no Património, na compreensão das Quintas de Recreio e nos temas abordados no subcapítulo Estratégias de Reabilitação, o subponto dos casos de referência permitiu-nos conciliar casos reais com a proposta de programa.

Cada caso apresentando está relacionado com o objeto de estudo e a sua área adjacente, através da escala urbana/arquitetónica, forma, programa e materialidades.

Em suma, concluímos que o estudo destes subpontos torna-se primordial, pois são as ferramentas base que irão refletir na proposta e no programa de projeto, enquadrando-se na escala urbana, arquitetónica, na forma do edificado e nas ideias para a requalificação do Parque Urbano, a própria escolha dos materiais permite permanecer preservar a identidade do lugar e a sua memória.



Figura 43 – Fotografia da Praia da Cruz Quebrada, 2017

“Quem desde Tejo abaixo... e daí segue às praias do Dafundo até à Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sítios que, depois de Sintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de agosto a princípios de novembro é que tudo ali corre, e que os banhos de mar povoam aqueles belos ermos, nas outras estações desemparedados.”

(Derrida de Garrett, 2016, pp.12-13)



Figura 44 – Fotografia da Vista do Pátio de Honra

3. O CASO DE ESTUDO:

Quinta da Graça, Parque Urbano do Jamor

O presente capítulo recai na análise morfológica e urbana da freguesia em estudo e na análise arquitetónica e histórica do objeto escolhido para a proposta de reabilitação.

Deste modo optou-se por dividir o capítulo em dois momentos, inicialmente por um reconhecimento do processo de formação da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo, auxiliado com a análise dos inquéritos realizados aos utilizadores do lugar, durante a investigação. De seguida, apresenta-se uma evolução histórica da freguesia, partindo para uma análise urbana apoiada na cartografia de diferentes épocas.

O segundo momento recai na investigação histórica da Quinta e Palácio da Graça, no qual pudemos contar com o testemunho do Sr. Duque, considerado o guardião da Quinta da Graça, na altura no retono das ex-colónicas timorenses. O Sr. Duque construiu anexado ao palácio a sua habitação, onde reside desde os anos 60. Sendo considerado, a fonte de sabedoria da Quinta e toda a sua envolvência.

Os estudos de documentos escritos, desenhados e análises das suas características arquitetónicas, foram importantes. Assim como, a observação direta com vários registos desenhados como um importante auxiliar no diagnóstico.

3.1 Processo de formação e evolução histórica

Cruz Quebrada e Dafundo terra de personalidades, considerada uma das freguesias mais antigas do concelho de Oeiras, envolvida pelo Parque Urbano do Jamor que se situa no vale e rio Jamor.

Segundo Carrapiço (2010), a data da sua origem remonta para 11 de junho de 1992, no qual foi oficialmente criada, após se desmembrar da freguesia de Carnaxide. Ocupando em 1992 uma área total de 2,9% que representa 6,5% do concelho de Oeiras.

A densidade populacional tem vindo a decrescer de década em década, em 1991 apresentava uma densidade 2896,50 Hab./Km², enquanto em 2001 registava-se uma descida, tendo uma densidade de 2258,73 Hab./Km², em 2011 a descida foi menos acentuada obtendo-se uma densidade populacional de 2191,50 Ha./Km².



(de cima para baixo)

Figura 45 – Nótulas das Freguesias do Concelho de Oeiras

Fonte: Adaptado de Monteiro, 1964, sp

Figura 46 – Nótula da Freguesia Cruz Quebrada e Dafundo

Fonte: Adaptado de Monteiro, 1964, sp

Figura 47- Ortofotomapa, anos 30

Fonte: Adapto do arquivo do CDNJ, 2018

Figura - 48

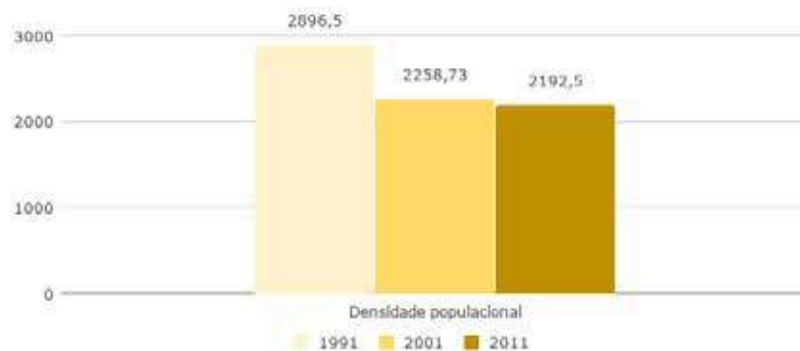
Gráfico sobre a proporção da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo no município nos anos 1991, 2001 e 2011



Fonte: Diagnóstico Demográfico e Projeção da população do município de Oeiras, CMO 2012

Figura - 49

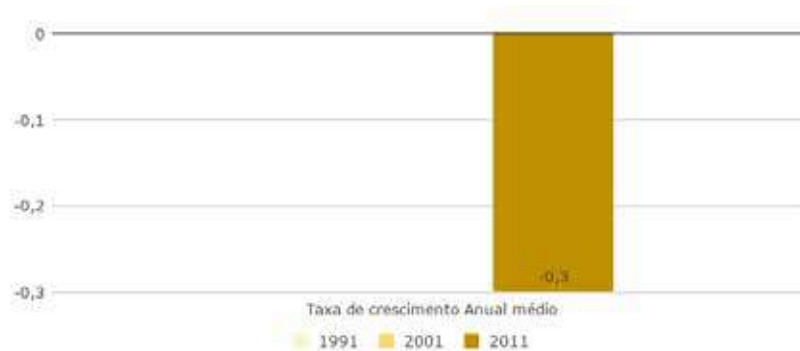
Gráfico sobre a densidade populacional da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo no município nos anos 1991, 2001 e 2011



Fonte: Diagnóstico Demográfico e Projeção da população do município de Oeiras, CMO 2012

Figura - 50

Gráfico sobre a Taxa de crescimento anual médio da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo no município nos anos 1991, 2001 e 2011



Fonte: Diagnóstico Demográfico e Projeção da população do município de Oeiras, CMO 2012

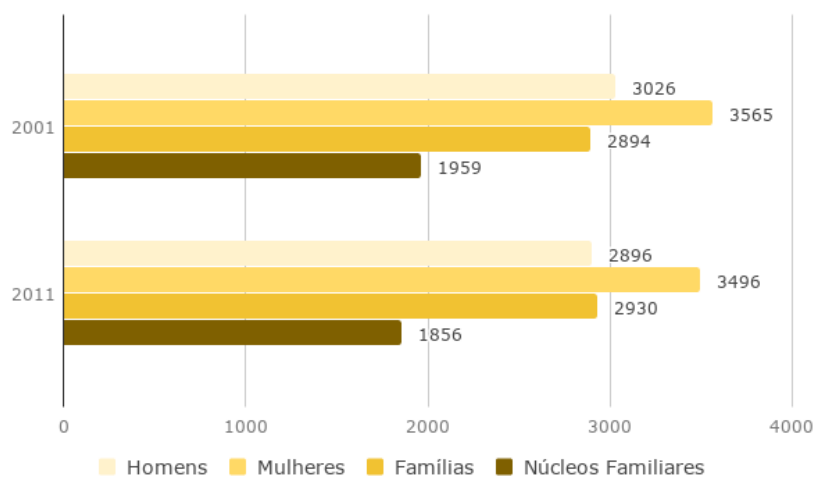
Ao analisarmos o gráfico 1, observamos que a taxa de crescimento anual médio entre 2001 e 2011 apresenta um valor negativo, revelando uma relativa estagnação no crescimento da população desta freguesia. Não é possível obter-se dados evolutivos, devido ao desmembramento da freguesia de Carnaxide nos anos 1990.

Pelos dados retirados dos Censos de 2011 realizados pelo Instituto Nacional de Estatística e posteriormente analisados, podemos referir por quantos membros está composto os núcleos familiares, recorrendo ao cálculo da população residente e dividir pelo núcleo familiar, dando-nos um número exato de 3,4. Assim, por norma os núcleos familiares são compostos por 3 pessoas. Enquanto que em 2001 o número exato era de 3,9 o que dava um número maior de elementos por núcleo familiar que variava entre 3 e 4.

Porém na população residente, em 2011 regista-se uma maior preponderância de efetivos femininos. Registando-se na população residente 54,7% mulheres e 45,3% homens.

Figura - 51

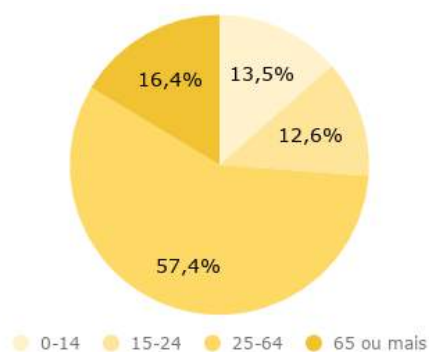
Gráfico de barras sobre a População residente por género e número de famílias e de núcleos familiares



Fonte: Diagnóstico Demográfico e Projeção da população do município de Oeiras, CMO 2012

Figura - 52

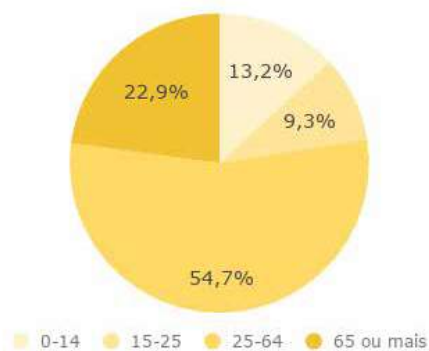
Gráfico de circular sobre a Distribuição da população das freguesias de Oeiras por grandes grupos etários, censos 2001



Fonte: INE, Censos 2001

Figura - 53

Gráfico de circular sobre a Distribuição da população das freguesias de Oeiras por grandes grupos etários, censos 2011



Fonte: INE, Censos 2011

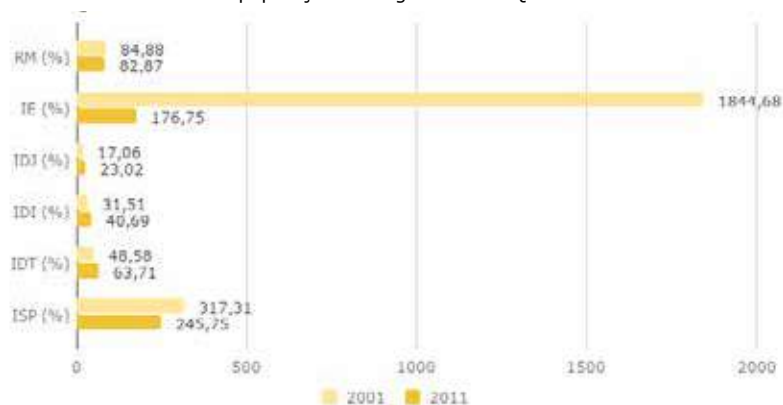
Através do gráfico circular “Distribuição da população das freguesias de Oeiras por grandes grupos etários, censos 2001, 2011” verificamos que ao analisarmos a evolução do índice de envelhecimento (IE) de 2001 a 2011, que existem em 2001 menos 8 idosos em Cruz Quebrada por cada 100 jovens. Por outro lado, houve um aumento em todas as freguesias do município, nos índices de dependência, com particularidade na freguesia em estudo, que apresenta um aumento considerável do número de dependentes (jovens + idosos) face à população potencialmente ativa.

Pelos dados retirados dos censos 2001 e 2011 averiguamos que a população dos 0-14 anos aumentou a sua proporção nas freguesias de Barcarena, Carnaxide, Algés, Queijas e Cruz-Quebrada e Dafundo, manteve-se em Linda-a-Velha e Porto Salvo e diminuiu-a em Oeiras e São Julião da Barra e Paço de Arcos.

Enquanto que na faixa etária dos 25-64 anos, apenas em Porto Salvo houve um aumento da proporção e em Paço de Arcos houve uma manutenção do seu peso.

Figura 54

Gráfico sobre os índices da população da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo¹⁸



Fonte: Diagnóstico Demográfico e Projeção da população do município de Oeiras, CMO 2012

É previsível o comportamento do índice de sustentabilidade potencial (ISP), o qual apresenta um decréscimo em todas as freguesias do número de habitantes em idade ativa por cada 100 idosos.

18. RM - indica quantos homens existem por cada 100 mulheres numa dada população e ano.

IE - relação entre a população idosa e a população jovem, expressa habitualmente em x idosos por cada 100 pessoas

IDJ - relação entre a população jovem (0-14anos) e a população em idade ativa (15-64anos), expressa habitualmente em x jovens por cada 100 indivíduos em idade ativa.

IDI - relação entre a população idosa (65 ou mais anos) e a população em idade ativa (15-64anos), expressa habitualmente em x idosos por cada 100 indivíduos em idade ativa.

IDT - relação entre a população jovem (0-14anos) e idosa (65 ou mais anos) e a população em idade ativa (15-64anos), expressa habitualmente em x dependentes por cada 100 indivíduos em idade ativa

ISP - Relação entre a população em idade ativa (15-64anos) e a população idosa (65 ou mais anos), expressa habitualmente em x potencialmente ativos por cada idoso.

Fonte: Censos, 2001 e 2011

3.2. Cruz Quebrada e a sua história¹⁹

A freguesia que guarda histórias em conjunto com o seu Vale, que se torna fascinante pelas suas lendas e mistérios. Ao longo deste capítulo vamos poder ler alguns testemunhos deixados por personalidades da época, como é o caso de Cesário Verde e Almeida Garrett.

Deduz-se que a origem do seu nome está relacionada ao facto de estar próxima da ponte de pedra, onde existiam duas cruzes, uma das quais partidas, que deu origem ao nome da localidade , sendo referenciada pela primeira vez em 1760.

19. Segundo Monteiro (1964), os boletins de jornais publicados durante o século XIX e XX, dá-nos o poder de recriar cenas testemunhadas. Como é o caso da história das três pontes e três épocas, que podemos analisar nos anexos. Na Cruz Quebrada, existem duas versões sobre a origem do seu nome. A Primeira por estar próxima da ponte de pedra que permite a travessia do rio, no parapeito da qual existiam duas cruzes, a segunda encontrando-se partida. A segunda versão da história, tinha existido na povoação um cruzeiro moldado em bronze, teria sido roubado pelos franceses. A povoação da Cruz teria reagido com brados, e por isso teria passado a chamar-se Cruz Que Brada.



“Após a conquista de Lisboa aos Mouros, foram criados vários Reguengos, entre eles o Reguengo de Algés, que ia da Ribeira de Alcântara à Ribeira do Jamor e o Reguengo de Oeiras que começava na margem direita do Jamor até à Ribeira da Laje.” (Gomes, 2016, s.p.).

Conhecida pelas suas praias, onde a nobreza e a burguesia passavam as suas férias. A evolução da freguesia esteve ligada à periferia de Lisboa, estando recortada pela estrada da Marginal, que liga Lisboa a Cascais, e com o Rio Tejo em pano de fundo. Transformando-se mais tarde *“bastião do desporto em toda a Área Metropolitana de Lisboa, começando pela edificação do estádio nacional”* (Carrapiço, 2010, p.1).



(de cima para baixo)

Figura 55 – Terrenos antes da construção do Estádio Nacional

Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/> Consultado a (08/10/2018)

Figura 56 – Praia da Cruz Quebrada, anos 30

Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/> Consultado a (08/10/2018)

3.2.1. Análise urbana

Cruz Quebrada era conhecida como um grande bairro de barracas, quando já urbanizado com edifícios de grande porte surge o decréscimo da população. À freguesia é amputado o território de Santa Catarina que sempre fez parte das duas povoações.

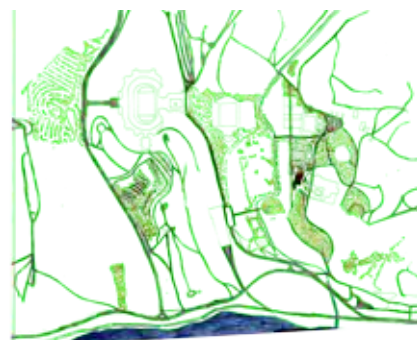
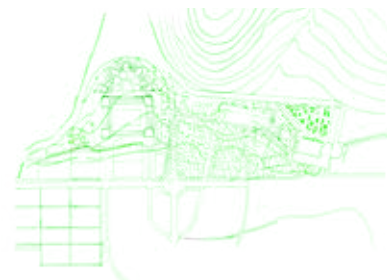
As características da freguesia influenciaram o tipo de património, devido à sua morfologia e geografia, devido aos seus atributos paisagísticos, funcionando como influência para a aristocracia, durante o séc. XX, através da multiplicação de quintas e palacetes, aos quais se associou o setor primário.

Na segunda metade do séc. XX, passou a ser procurada como espaço de repouso e lazer pelos lisboetas, sobretudo por inúmeras personalidades relacionadas com a cultura. No livro “Cruz Quebrada e Dafundo – Património e Personalidades”, podemos analisar relatos descritivos de diversos escritores, tais como Cesário Verde, Almeida Garrett, entre outros.

Nessa altura, as principais atividades desenvolvidas eram a agricultura e a pesca, existindo ainda algumas quintas de recreio que conjugavam a exploração silvícola e agrícola.

Porém, surge uma forte ocupação a nível urbano, durante os anos 1950, provocando no final da década de 1980, um decréscimo da população, consequência de uma intensa expansão urbana para o interior da freguesia.

“(…) a partir da construção da estrada Marginal e com a chegada ao comboio em 1889, CQ/D, outrora distintas passaram a estar totalmente integrados: dá-se início a um tipo de procura pelas classes médias e até populares em busca dos areais” (Carrapiço, 2010, p.2).



(de cima para baixo)

Figura 57 – Análise urbana 1941

Fonte: Adaptado de cartografia cedida pelo CDNJ

Figura 58 – Análise urbana 1952

Fonte: Adaptado de cartografia cedida pelo CDNJ

Figura 59 – Análise urbana 1960

Fonte: Adaptado de cartografia cedida pelo CDNJ

Figura 60 – Análise urbana 2018

Fonte: Adaptado de cartografia cedida pelo CDNJ

3.2.2. PARQUE URBANO DO JAMOR

O Parque Urbano do Jamor encontra-se na margem do rio, conhecido pelo seu complexo de infraestruturas desportivas, foi construído para que as pessoas tivessem a oportunidade da prática desportiva ao ar livre e novos espaços de lazer. Atualmente, a administração do mesmo constitui uma unidade orgânica do IPDJ.

Em 1938 surgem os primeiros pensamentos para a sua construção, que ocuparia uma área de 204 hectares no seu total, destituída de qualquer tipo de arborização. Por essa razão, ter sido realizado um estudo sobre as espécies de árvores a plantar ao longo vale do Jamor. O Estádio Nacional teve a sua inauguração em 1944.

Este projeto não se refletiu só no Estádio Nacional, mas também, em outros equipamentos desportivos com direito a novos acessos. Em 1979 surge a requalificação das estruturas envolvente do vale, nomeadamente no rio, surgindo as primeiras modalidades náuticas.

Em 1987, o Estádio Nacional passa a ser patenteado como o Complexo Desportivo Nacional do Jamor *“cuja prioridade é o desporto de alta competição, mas lembrando sempre o desporto recreativo e de lazer.”*²⁰

Na atualidade, para fortalecer o contato com a natureza existe a oportunidade de passar agradáveis momentos, a proposta do programa de projeto pretende realçar os acessos no parque de forma a serem interativos e a chamar o maior número de utilizadores, para que todos possam usufruir deste magnífico vale.

20. Disponível em: <http://www.historiadeportugal.info/parque-do-jamor/>; consultado a: (07/10/18)

3.2.3. VALE DO JAMOR

O vale do Jamor tem vindo a sofrer alterações à medida dos anos, sendo visível as suas diferenças através da análise das cartas militares e Ortofotomapas.

Em 1934 é visível os terrenos agrícolas antes da projeção do Estádio Nacional, é notável a existência de diversas quintas, tais como: Quinta de S. José; Quinta da Boa Viagem; Quinta das Biscouteiras; Quinta do Rodízio. As mesmas que ao longo do tempo foram desaparecendo, devido às projeções programadas para a área do vale do Jamor. Atualmente, da Quinta da Boa Viagem ficou a pré-existência da capela e o caminho que nos leva até ao Farol.



Antes das expropriações dos terrenos e das alterações no fluxo do rio, este desaguava e criava uma praia na zona, conhecida e utilizada pelas famílias pertencentes à nobreza. Cruz Quebrada era considerada uma zona de lazer, marcada por personalidades que passaram ali grandes temporadas.

(de cima para baixo)

Figura 61 – Estádio Nacional, anos 50

Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/> Consultado a (08/10/2018)

Nas décadas de 30 e 40, o caminho pela freguesia fazia-se por dentro do vale, devido à inexistência da autoestrada e de alguns caminhos secundários.

Em 1944, época do Estado Novo, surge a construção do Estádio Nacional que requereu o aparecimento da autoestrada, projeto do engenheiro Duarte Pacheco.

A Quinta da Graça passa a perder alguns dos seus terrenos e muitas quintas que eram visíveis em 1934, desapareceram. Conseguimos observar na figura 8 a apropriação de pessoas vindas das ex-colónias timorenses junto da Quinta da Graça, que ocupam muitos territórios até meados dos anos 1980.

Em 1955, as obras do hipódromo no vale, exigiram a destruição da ponte e a modificação do curso da ribeira. O seu leito e margens foram deslocados para oeste cerca de 30 metros.

Após essa data, o rio sofreu uma transformação, criando no seu troço um caminho contínuo, que levou à criação de uns canais de água artificial, atualmente pertencentes à canoagem.

3.2.4. RIO JAMOR

Nasce na serra da Carregueira, no concelho de Sintra e desagua no rio Tejo, na Cruz Quebrada e Dafundo. Toma o nome de Ribeira de Belas no troço inicial a montante da interseção com a ribeira de Venda Seca.



Atravessa os jardins do Palácio de Queluz, tendo um troço com cerca de 130 metros de comprimento, delimitado por comportas e paredes revestidas de azulejos. Quando as comportas do canal eram fechadas, criava-se um plano de água onde era possível passear de barco entre representações de portos e palácios.

Figura 62 – Rio Jamor, 2010

Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/> Consultado a (08/10/2018)



Figura 63 – Fotografia dos vãos da fachada

3.3. A QUINTA E PALÁCIO DA GRAÇA

A Quinta e Palácio da Graça estão localizadas na margem nascente do rio Jamor, construídas sobre um convento de frades agostinhos descalços. Conhecida como residência para os altos dignitários da igreja, nome dados aos eremitas da ordem de Sto. Agostinho, existente em Portugal desde o séc. XVII.

Deduz-se que o seu ano de origem seja 1860, segundo consta na inscrição sobre a porta da entrada principal no pátio de honra.

Em 1834 com a extinção das ordens religiosas o edificado é abandonado. Segundo Pereira (1942) crê-se que as obras da Quinta foram impulsionadas por José Manuel Machado²⁰, um dos homens mais ricos nos arredores de Lisboa. O sobrinho João José Machado em meados do século XIX viria a ser proprietário da Quinta.

Na fachada principal do palácio encontra-se a seguinte inscrição “JJM 1856”.

20. Era armador marítimo, teria tido escritórios em Lisboa, Cádiz e São Salvador da Baía.



“Diz-se que o filho de João Machado, Francisco Xavier Machado, realizou grandes reformas na Quinta em 1860. A prova disso é a placa mais pequena com a inscrição “F.X.M. 1860”, tal como o seu pai havia feito 4 anos antes. Este teve um filho com o mesmo nome, que viria a casar-se com Maria Jacinta, mais conhecida na aldeia como Machado das Barbas²¹” (Pereira, 2016, p.10).



(de cima para baixo)

Figura 64 – Vista para o Palácio

Figura 65 - Jardim da Quinta da Graça, hora do chá da Sra. da Graça

21. Conhecida como a Senhora da Graça. Ninguém ficava indiferente às barbas longas e belas. Distinta por ser uma pessoa bondosa, todas as crianças ficavam boquiabertas. Vestia severos vestidos pretos, usava ouro, tinha uma cabeleira farta e lustrosa. A Machado das Barbas, deixou um filho nascido em 1898, conhecido como perfeito e querido das beldades. Mais tarde veio a casar-se com uma estrangeira, Agnes Lewtus. A filha deste casal viria a tornasse a última proprietária da Quinta com o nome Maria da Graça Lewtus Machado, casada com António Vicente de Sousa Vinagre.

Segundo o Sr. Duque , o único morador permanente do palácio, contou que nesta quinta havia uma ermida dedicada à nossa Senhora da Graça, encaixada no interior do palácio, sendo elogiada pela sua conceção material, em relação aos vitrais, mármore, frescos, tetos pintados e pela conservação de um grande quadro de magos, que pertencia aos graciosos que ali residiram.

“Os frades agostinhos edificaram junto do convento uma ermida dedicada à Nossa Sra. da Graça” (Gomes, 2006, p.50).

A Quinta da Graça prevalecia de uma localização e estrutura de carácter imponente, provocando um enorme impacto na zona, dominando um vasto horizonte sobre o vale do Jamor. Os proprietários e utentes do palácio podiam apanhar o seu barco de forma privada.



Figura 66 – Perspetiva da Quinta da Graça e área adjacente

Porém nem tudo correu da melhor forma e em 1940 com a expropriação de muitos terrenos por parte do Estado Novo²², devido à construção do Estádio Nacional e do INEF. O próprio palácio começou a sofrer alterações, sendo sujeito a obras de adaptação conforme as funções que foi tendo ao longo deste período de expropriação. As que tiveram maior impacto, foram as obras para receber os retornados das ex-colónias timorenses, obrigando a uma nova configuração de espaços, como viveram ali um longo período, acredita-se que foram destruindo património, resta saber se foi accidental ou com algum propósito, como terá sido o caso dos vitrais das *bay doors* da entrada com a representação simbólica do *yin yang* da cultura chinesa.

A projeção do Estádio Nacional provocou um desaparecimento das quintas, como foi a quinta de S. José, que nem os terrenos sobreviveram ao início dos movimentos de terra em 1936.



22. Duarte Pacheco durante o processo de expropriações que permitiam viabilizar as vias de comunicação, entrou com a sua comitiva na Quinta da Graça, sem autorização para inspecionar os terrenos. A sua proprietária foi avisada pelos trabalhadores quando estava a acompanhar as culturas agrícolas. Montada a cabelo, não esteve com meias medidas e expulsou os invasores. O ministro Salazar, não gostou da atitude e deu-lhe apenas três meses para deixar a Quinta e como não o conseguiu fazer, teve de pagar renda na sua própria casa até conseguir arrendar uma outra propriedade na zona. É visível o poder que Duarte Pacheco teve com o apoio do Estado Novo.

Figura 67 – Fotografia do Estádio Nacional, 2018

Após a construção do estádio em 1944, o palácio foi transformado em serviços administrativos e na recepção de hóspedes. Os terrenos acabaram por ser cedidos aos funcionários, de forma a cada um ter direito a uma pequena parte de cultivo para consumo próprio.

O Estádio ocupava uma área de mais de 200 hectares, todas as instalações desportivas existentes foram projetadas e construídas pela comissão administrativa do novo estádio. Instalando os seus serviços no palacete da Quinta da Graça, cedido posteriormente ao INEF em 1982.

Mais tarde, a quinta passou a fazer parte do INEF, atual FMH, no qual um dos espaços foi cedido como sala da associação de estudantes, tendo espaços como o tanque, reservado às aulas de mergulho.

Os espaços verdes adaptaram-se ao terreno, seguindo o modelo italiano por todo o jardim, dividindo-se em terraços, no qual era rodeado de ricos pomares, árvores, jardins com grandes ruas de buxo ladeadas de esculturas. Era visível, uma araucária, que ocupa o centro do mesmo, considerada por alguns viajantes uma espécie de templo sagrado. As pessoas sentem a transmissão de energias, onde podem praticar a sua meditação e recarregar energias positivas.

Os jardins são o único elemento preservado deste conjunto arquitetónico. Segundo consta, no dia da inauguração do Estádio Nacional, o neto do proprietário ao pendurar-se numa estátua que por sua vez não estava bem assente, acabou a mesma por tombar sobre ele e matando-o, por essa razão o avô mandou destruir todas as estátuas.

“Mas não é só o jardim que esconde magia, a própria fachada estabelece uma regra através do número 7, considerando-se a contagem dos vãos de 3 em 3 em que meio obtemos o 7.” (Sr. Duque, 04 de maio, 2018)

Segundo Sr. Duque (2018) o número sete significa a perfeição, a consciência e a espiritualidade representando o fim de um ciclo e o começo de um novo.

A metáfora existente à volta deste número, faz com que reflitamos na eventualidade de que ele foi construído em base de um ciclo, que está na hora de ter um novo retorno, uma nova vida.

No tanque conhecido pelas aulas de mergulho é visível um socalco composto por inúmeros buxos, devido ao seu mau estado de conservação, seria necessário uma intervenção urgente, permitindo posteriormente uma ligação do acesso pedonal junto do tiro com arco às antigas casas das ex-colónias timorenses.

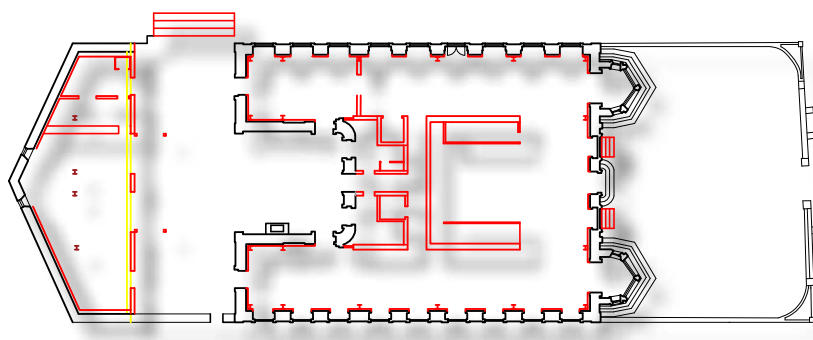


Figura 68 - Fotografia do antigo tanque, das aulas de mergulho

Figura 69 - Fotografia dos antigos socalcos

3.3.1 Características Arquitetônicas

Analisando a planta do edifício e observando a sua forma é notável a marca da proa do navio e no lado oposto damos conta da popa, devido aos cantos redondos como se ilustra na fig.3, em que o desenho da planta forma um barco, existindo uma simetria através da proa. Há quem diga que o desenho foi inspirado nos barcos de jogos da época.



O Palácio encontra-se dividido em quatro pisos, no piso da cave, deparamo-nos com um enorme pátio com varanda delimitado por um muro, dando a sensação que estamos a navegar em alto mar.

O piso térreo é composto pelo pátio de honra, no qual está caracterizado pelas 5 portas existentes, uma centrada e outras duas em corpos adossados em cada canto.

O segundo piso privilegia de uma varanda enorme, cujo seu comprimento é de aproximadamente 20 metros, representado por 3 janelas centrais e duas de canto.

O terceiro piso é o de menor área, apresentado um núcleo central de 3 janelas.

Observando as fachadas do Palácio, apercebemo-nos que as molduras da janelas e portas são rematadas em arco abatido ou de cesto, apresentando uma cantaria simples.

Na figura 73 os dois buracos existentes na fachada lateral, simbolizam o local onde as âncoras dos barcos se encontravam penduradas.



(de cima para baixo, da esquerda para a direita)

Figura 70 - Planta do Palácio

Figura 71 - Fotografia da fachada virada para o Jardim

Figura 72 - Fotografia do Pátio de Honra

Figura 73 - Fotografia da fachada posterior

Figura 74 - Fotografia da vista da esplanada para o lado oposto do Vale



A história deste palácio ficou perdida nas cinzas e entulhos que guarda no seu interior, devido ao seu incêndio no verão de 1993, que mudou para sempre a sua vivência, quem sabe se a analogia que está por detrás do número 7 não queira significar que um novo ciclo está para chegar.



Agora restam testemunhos, arquivos, algumas árvores centenárias que resistiram ao passar dos anos, um jardim que vai sendo tratado pela Faculdade de Motricidade Humana e uma estrutura que permanece com alguns elementos de origem, uns mais danificados do que outros, mas do qual podemos adaptar a sua memória à sua reabilitação.

Após o incêndio, do interior do palácio nada resta, nem mesmo a capela que terá ocupado um compartimento do palácio com acesso direto pela *bay door* do lado esquerdo na entrada principal, restando uma antiga fotografia do teto em relevo da capela.

Os pavimentos e tetos ficaram totalmente danificados como podemos observar nas imagens, a maior parte das paredes construídas em tabique ou taipa caíram ou estão em ruína, restando apenas as mais resistentes e as que foram construídas em betão. A sua resistência deve-se aos materiais e à sua robustez.

A desvalorização do palácio é visível através do modo em que foram abarracados corpos junto do alçado principal, encurtando uma parte do jardim formal, destinada a arrumo de equipamento desportivo.

(de cima para baixo)

Figura 75 – Fotografia do antigo *bay door*

Figura 76 - Fotografia do acesso criado para o Jardim

3.4 Análise dos inquéritos por Questionário

Foi realizado um inquérito por questionário aos residentes e utilizadores da área em estudo, com o objetivo de conhecer as necessidades e as expectativas da população que normalmente usufrui do Parque Urbano do Jamor, quais os seus interesses no que diz respeito a uma melhor qualidade de vida, no melhor funcionamento desta zona e de uma melhor integração social, através de observação direta e interação com os indivíduos inquiridos. Não se pretendeu a sua identificação e, portanto, os inquiridos responderam às questões de forma anónima e de livre vontade.

Foram realizados um total de 65 inquéritos. No qual se abordou diferentes faixas etárias, diferentes etnias e ambos os géneros. Dos 65 inquiridos, a maioria é de nacionalidade portuguesa, num total de 62 indivíduos, representando 97% da população inquirida, dos quais 36 indivíduos são mulheres, representando a população do sexo feminina inquirida, 54,5%.

Aos inquiridos foi levanta a questão de “Como costumam utilizar o espaço público da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo/ Parque Urbano do Jamor. No qual cada inquirido selecionou 3 opções. 48 inquiridos falaram em atividades de lazer, 37 inquiridos salientaram a prática desportiva, 11 inquiridos eventos festivos ou religiosos, 5 inquiridos mencionam os espetáculos culturais e cada 2 inquiridos mencionaram que frequentavam o lugar para visitar familiares e que não utilizam o espaço.

Figura - 77

Gráfico sobre Como costumam utilizar o espaço público na freguesia em estudo



Outra das questões mais importantes foi “O que faz falta em termos de espaço público na freguesia Cruz Quebrada e Dafundo e/ou Parque Urbano do Jamor” tendo cada de indicar 3 opções.

Figura - 78

Gráfico sobre as Carências no espaço público na freguesia Cruz Quebrada e Dafundo



Dos espaços mais relevantes que a população sublinhou como carente foi registada a necessidade “centros culturais” (38 inquiridos), “novos acessos (34 inquiridos), “bibliotecas e espaços verdes (18 inquiridos respetivamente) seguindo-se de “anfiteatros” (16 inquiridos) e ainda “centro de congressos” (6 inquiridos) e “Espaços de convívio”, “transportes públicos”, “ciclovias” “reabilitação” e “centros sociais” (1 inquirido respetivamente).

Síntese

O terceiro capítulo da investigação em curso levou-nos a compreender o processo de formação e evolução histórica da freguesia e da nossa área de intervenção.

Este capítulo dividiu-se em 4 subpontos: inicialmente analisámos dados alusivos à densidade populacional, à população residente, à distribuição da população das freguesias de Oeiras por grandes grupos etários, através do auxílio dos Censos de 2001 e 2011.

O segundo subponto levou-nos à análise urbana e morfológica, tendo em conta as suas características e a sua história, auxiliando com adaptações de cartografias e estudando a origem do Rio, Vale e Parque Urbano do Jamor.

No terceiro subponto abordámos, o caso de estudo: a Quinta e Palácio da Graça, onde tivemos a sorte de conversar com o Sr. Duque, um testemunho importante para a caracterização histórica e arquitetónica da Quinta; neste subponto conseguimos observar as anomalias presentes no edifício, devido à sua degradação.

Por fim, o último subponto a Análise dos inquéritos por Questionário, serviu como base para o desenvolvimento das Estratégias de Projeto, apercebemos-nos que é importante perceber o que os utilizadores sentem em relação ao local que frequentam. Desta maneira foi fulcral chegarmos às suas necessidades e expectativas.



Figura 79 – Fotografia para a fachada do lado do Jardim

4. PROPOSTA DE PROJETO

Equipamento multifuncional e intergeracional

Neste capítulo apresenta-se a proposta de projeto para a Quinta da Graça e a sua área adjacente, dividido em subpontos: as Estratégias de Projeto que surge da análise aos capítulos anteriores; o Programa de Projeto acompanhado por diagramas de usos e as respetivas áreas de cada compartimento; a Proposta Urbana e a Proposta Arquitetónica que incidem num programa multifuncional e intergeracional.

Toda a investigação realizada até ao momento, foi sendo fulcral para a escolha do programa e para as estratégias de projeto, quer a nível urbano, quer a nível arquitetónico. O programa escolhido para o objeto e área de estudo deve ser trabalhado em conjunto com os utilizadores e residentes do lugar.

4.1 Estratégias de Projeto

Para o desenvolvimento da proposta de projeto, definimos diferentes estratégias que surgem das carências do lugar, umas a nível de escala urbana e outras a nível de escala arquitetónica.

Desta maneira, definimos duas estratégias de intervenção:

Ao nível de escala urbana, a requalificação do parque urbano do Jamor, tendo em conta as anomalias e potencialidades que o lugar apresenta, a construção de um circuito de passadiços que nos levam a diferentes pontos, tais como: Skate Parque, Parque Infantil, Anfiteatro e um Parque de Merendas, de forma a promover novos espaços e usos, conforme a opinião dos utilizadores do lugar.

Ao nível da escala arquitetónica, a reabilitação da Quinta de Recreio, transformando-a num equipamento multifuncional e intergeracional, consoante os conceitos abordados nas Estratégias de Reabilitação, do segundo capítulo. Outra das estratégias aplicadas será a demolição de elementos degradados, como é o caso da habitação adjacente do palácio, propondo uma nova construção e tipologia.

As estratégias de projeto surgem da análise aos 65 inquéritos realizados a utentes e utilizadores do espaço, que classificaram os espaços de 1 a 5, apontando os pontos que gostariam de ver melhorados. Os inquéritos e o seu apuramento podem ver consultados nos Apêndices, do trabalho.

4.2. PROPOSTA URBANA

Definimos duas estratégias de intervenção, a nível de escala urbana, a requalificação do parque urbano do Jamor, tendo em conta os elementos degradados ao longo dos percursos pedonais que o lugar apresenta, abordando também, a água como elemento do construído, propondo novos espaços e usos, através de um circuito de passadiços de madeira.



Relativamente à água o rio Jamor é considerado um dos mais emblemáticos devido à localização e caráter inerente, devido à sua ligação com a área de estudo apercebemo-nos que é essencial estudar a água como elemento do construído.

Segundo Hipólito (2013) as propriedades são invisíveis, mas devemos conseguir compreender o seu aparecimento no espaço e o seu significado.

“(...) a história revela-nos que, em geral, os homens estabelecem-se onde a água é abundante” (Derrida citada por Hipólito, 2013, p.49).

Ao longo do tempo, cada civilização abordou a água de uma forma particular e singular. Se abordamos a água refletindo nos nossos sentidos, conseguimos interpretar a mesma de diversas formas, ela tem a capacidade de evocar o homem.

A água apresenta um caráter místico sendo visível no seu uso com a arquitetura, ela surge de forma controlada e materializada, apresentando diversas intenções.

Assim, a água tem um papel em cada espaço. Segundo Joana Oliveira (2013) não precisa de ser essencial, só precisa que seja notada, pois ela ativa todos os nossos sentidos.



4.2.1. ACESSOS PEDONAIS

Requalificar o acesso pedonal junto ao rio do Jamor: o caminho que vai desde a estação dos comboios da Cruz Quebrada até à Quinta da Graça.

Criar guardas no caminho pedonal junto ao rio e reforçar a segurança na travessia/acessibilidade ao comboio para promover a segurança, com o objetivo de as pessoas optarem pelo uso de transportes públicos e não de carros.

Construir um circuito de passadiços de madeira que vai desde a raquete dos elétricos até à FMH; a Quinta da Graça; entre outros acessos, de maneira a criar um percurso natural e em contexto com a paisagem.

Figura 81 - Fotografia do acesso pedonal junto ao Rio do Jamor

4.2.2. CIRCUITO DE PASSADIÇOS DE MADEIRA



O circuito dos passadiços de madeira inspirados nos “Passadiços da Foz do Arelho” e no “Parque Urbano Estuário do Tejo” são criados de forma a criar uma ligação do “eu” com a natureza, invocar o *genius loci* do lugar, através dos sentidos: tato, visão, olfato, tornando o percurso intimista, mas ao mesmo tempo público.

O objetivo é ser confundido com a paisagem, o percurso que se faz junto ao rio permite-nos observar e considerar a água como um elemento do construído, durante o trajeto, o mesmo vai estando mais longe e mais perto consoante a chegada ao nosso destino.

O programa dos circuitos está distribuído em diferentes patamares: um parque infantil, um parque de merendas, um skate parque e anfiteatro.



(de cima para baixo)

Figura 82 - Perspetiva do Parque de Merendas

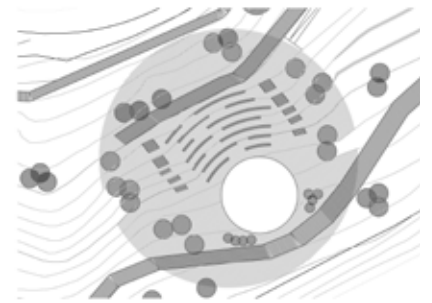
Figura 83 - Perspetiva do Skate Park

Figura 84 - Perspetiva do Parque Infantil

Figura 85 - Esquema da proposta urbana

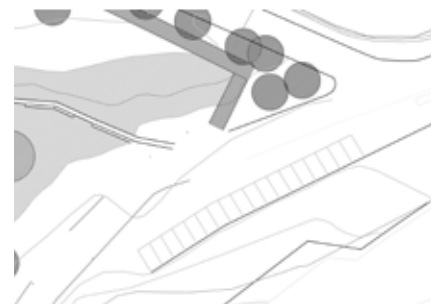
4.2.3. CONSTRUÇÃO DO ANFITEATRO

A construção de um anfiteatro ao ar livre surge após a análise dos inquéritos realizados à população local, sendo proposto um anfiteatro tendo como referência o “Anfiteatro da Colina de Camões”, usando a morfologia do terreno para assentar uns bancos de pedra, dispondo na sua zona inferior umas pequenas luzes, criando um ambiente intimista e aprazível com a vista para o rio.



4.2.4. ESTACIONAMENTO

De momento, o estacionamento existente é feito de forma voluntária e incorreta, por essa razão é proposto a marcação de 20 lugares na zona A, assinalada na figura, junto ao rio. O objetivo é melhorar o civismo, para que as pessoas não decidam estacionar em qualquer lugar.



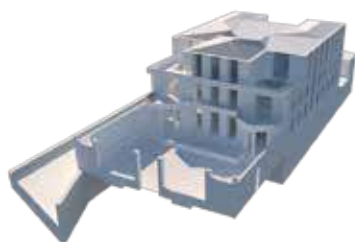
(de cima para baixo)

Figura 86 – Planta do Anfiteatro

Figura 87 - Planta do Estacionamento

Figura 88 - Fotografia da vista do Anfiteatro

4.3. PROPOSTA ARQUITETÓNICA



O Palácio da Quinta da Graça foi transformado num equipamento multifuncional e intergeracional, inspirado no programa do “Museu do Desporto” e na “Biblioteca Orlando Ribeiro”, dois projetos de reabilitação que propõem usos muito idênticos à ideia do programa do projeto, pois têm como base a influência no âmbito social, tendo em conta a área envolvente e os seus utilizadores, promovendo a intergeracionalidade, através da memória e dos seus novos usos.

Relativamente aos dois casos de referência mencionados acima, ambos apresentam características museológicas, que serão aplicadas em espaços específicos no Palácio.

Segundo o ICOMOS, a Museologia é a ciência do museu, estuda a história e a razão de ser dos museus, qual a sua função perante a sociedade e os seus peculiares sistemas de investigação e educação. O museu afirmar-se-á como um espaço de salvaguarda do património, de memórias e testemunhos. Segundo Gonçalves (2013), trata-se de um espaço de grande valor simbólico, que recolhe e conserva vestígios de um passado que importa reconhecer e recordar, marcas de um quotidiano.

A sua conceção moderna surge com a revolução francesa e os novos pressupostos de liberdade e igualdade, afirmando uma arquitetura pública.

Gonçalo Pereira (2010) afirma que o museu contemporâneo define a representatividade enquanto elemento paradigmático da dinâmica social das cidades. Apresenta um forte caráter no envolvimento social, surgindo na criação de novos saberes. Sendo considerado, o contentor da memória.

“(…) o museu enquanto instituição de grande valor humano e depósito da memória constituiu-se como referência cultural no imaginário do Homem como o lugar da sabedoria, da tradição, da história e da Humanidade” (Pereira, 2010, p.14).

(de cima para baixo)

Figura 89 - Volumetria do Palácio da Graça

Figura 90 - Museu Municipal de Faro

Fonte: <http://www.cm-faro.pt/pt/noticias/51434/notaveis-do-surrealismo-portugueses-para-apreciar-no-museu-municipal.aspx>, consultado a (24/10/18)

Figura 91 - Paço Real da Ajuda, 1º museu

Fonte: <http://abuscapelasabedoria.blogspot.com/2018/05/qual-foi-o-primeiro-museu-de-portugal.html/>, consultado a (24/10/18)

Os espaços museológicos do Palácio da Quinta da Graça estarão ligados à área do desporto, por essa razão foi fulcral analisar o conceito de património desportivo, ligado à cultura do Jamor, entre outros espaços tais como: uma biblioteca, um pequeno auditório, uma sala de *workshop*, um centro de documentação, um arquivo e uma esplanada com uma vista invejável para o lado oposto do vale.

4.3.1. ACESSO AO EDIFÍCIO

O acesso ao edifício pode ser feito pela Estrada Costa, através do portão pertencente ao complexo desportivo de Ténis do Jamor, que nos levará até à Estrada das Biscoiteiras, no qual nos deparamos com um acesso pedonal junto ao Complexo Desportivo dos campos cobertos do Jamor.

Outro dos acessos possíveis é através da zona da raquete dos elétricos, na Rua Sacadura Cabral, que nos levará aos acessos pedonais: circuito de passadiços de madeira, proposto e qualificado.

Através da Av. Pierre de Coubertin, existe uma entrada junto do estacionamento à frente dos canais da canoagem, no qual percorrendo a travessia das diversas pontes de madeira, chegamos aos acessos pedonais existentes do lugar.



(de cima para baixo)

Figura 92 - Acesso pedonal adjacente ao Palácio

Figura 93 - Acesso pedonal pelo Complexo Desportivo

Figura 94 - Acesso pedonal pelo Rio

Figura 95 - Esquema das redes viárias e acessos pedonais



Figura 96 - Diagrama de usos

LEGENDA DIAGRAMA DE USOS:

- | | |
|----------------------------|-------------------------------|
| ■ - Exposição | ■ - Pátio de Honra |
| ■ - Arrumos | ■ - Pátio Interior |
| ■ - Cafeteria | ■ - Arquivo |
| ■ - Esplanada | ■ - Biblioteca |
| ■ - Loja de Recordações | ■ - Auditório |
| ■ - Copa de Funcionários | ■ - Sala de Workshop |
| ■ - Circulação | ■ - Centro de Arquivo |
| ■ - Recepção | ■ - Gabinetes Administrativos |
| ■ - Átrio de Entrada | |
| ■ - Instalações Sanitárias | |

Áreas dos usos propostos:

Piso - 1

Cafeteria + Esplanada	1 536.95 m ²
Loja de Recordações	44.05 m ²
Instalações Sanitárias	33.05 m ²
Acesso vertical	38.16 m ²
Arrumos	11.61 m ²
<u>Área Total</u>	974.75m ²

Piso 0

Pátio de Honra	361.43 m ²
Recepção	38.14 m ²
Copa de Funcionários	41.58 m ²
Espaço de Estar	108.06 m ²
Pátio interior	237.14 m ²
Cafeteria	126.95 m ²
Instalações Sanitárias	32.62 m ²
Acesso vertical	38.14 m ²
<u>Área Total</u>	1346.85 m ²

Piso 1

Exposição temporária	221.60 m ²
Biblioteca	114.94 m ²
Instalações Sanitárias	10.85 m ²
Acesso vertical	38.16 m ²
Arrumos	5.43 m ²
<u>Área Total</u>	575.77 m ²

Piso 2

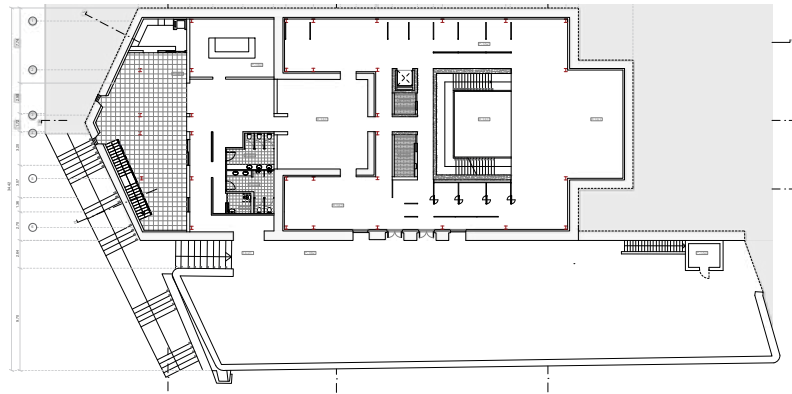
Auditório	44.21m ²
Sala de <i>workshop</i>	61.64m ²
Gabinete de administração	43.20 m ²
Centro de documentação	55.27 m ²
Arquivo	47.18 m ²
Instalações Sanitárias	10.85 m ²
Acesso vertical	38.14 m ²
<u>Área total</u>	511.51 m ²

4.3.2

PISO -1 | Exposição Permanente

Este piso é marcado pela exposição permanente ligada à área do desporto, composto por espaços interativos, de forma a tornar a visita mais dinâmica e acolhedora. Paineis amovíveis permitem a flexibilidade do uso do espaço, através de uma calha no teto que possibilita a sua rotação.

Ainda assim, o piso alberga uma loja de recordações, instalações sanitárias para o público e uma cafetaria com acesso a uma esplanada, com uma vista sobre o rio.



PISO 0 | Átrio de Entrada – Recepção

O piso térreo é marcado pelo Pátio de Honra, o momento de chegada do utilizador ao Palácio da Graça. Quando entramos no edifício somos surpreendidos por uma luz natural na zona de receção, que surge de um saguão central, considerado o motor do projeto.

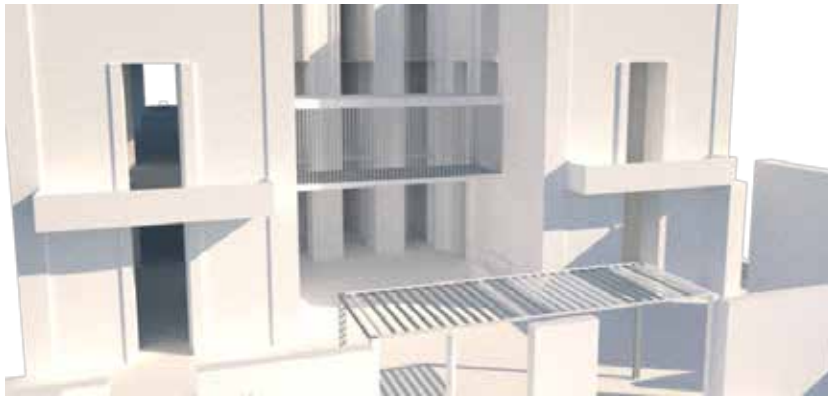
No átrio de entrada, conseguimos observar a escadaria em volta da receção, e das duas alas que são compostas por exposições temporárias, percorrendo-as chegamos a um pátio, com espaços verdes e com áreas para estar.

Neste piso o utilizador tem a possibilidade de contemplar a vista, tomar um café, ler um livro ou desenvolver mais um pouco dos seus conhecimentos.

PISO 1 | Exposição Temporária | Biblioteca | Jardim

Este é um piso que procura um certo caráter intimista, devido à sua biblioteca e à sua galeria adicionada para ligar as duas salas da biblioteca, que possibilita momentos de reflexão, promovendo ligações visuais sobre o pátio e sobre os espelhos de água.

Aqui o espaço expositivo tem a particularidade, que descrevemos no piso -1, este é organizado de forma flexível através dos painéis amovíveis, que podem ser arrumados juntos da estrutura autoportante. Neste piso temos acesso ao jardim do palácio, considerado património pelas suas árvores centenárias.



PISO 2 | Espaços públicos | Espaços privados

O último piso é caracterizado por espaços de serviço e áreas públicas, a ala da esquerda é composta pelos gabinetes administrativos e pelo arquivo. À chegada do piso temos uma zona de receção, para quem quer aceder à informação existente no arquivo. Enquanto a ala da direita corresponde a uma pequena sala de conferências para 20 pessoas e uma zona de trabalho/workshops adaptada a um total de 35 pessoas.

Figura 98 - Perspetiva da galeria da Biblioteca



PÁTIO INTERIOR

O desenho do pátio foi inspirado nos desenhos de Carlo Scarpa, tendo em conta os apontamentos de pedra, pavimento e espelhos de água utilizados nos seus espaços verdes.

A sua configuração surge do desenho de linhas auxiliares, geometrias traçadas a partir das pré-existências dos vãos e das fachadas do palácio.

O desenho da pequena esplanada de apoio a este piso foi desenhado a partir da marcação dos vãos, criando um ritmo e uma organização regular.



CAFETARIA

A zona análoga com a proa do navio será demolida quase na sua totalidade, mantendo as fachadas que limitam a área do palácio, alargando a área, propondo uma cafeteria contemporânea, neste caso com dois pisos.



JARDIM

O Jardim permanecerá com o seu valor patrimonial, por essa razão será necessário o tratamento dos buxos, tendo em conta que existem muitas espécies centenárias, por essa razão reforça-se a importância do jardim, através da exposição temporária sobre o mesmo

(de cima para baixo)

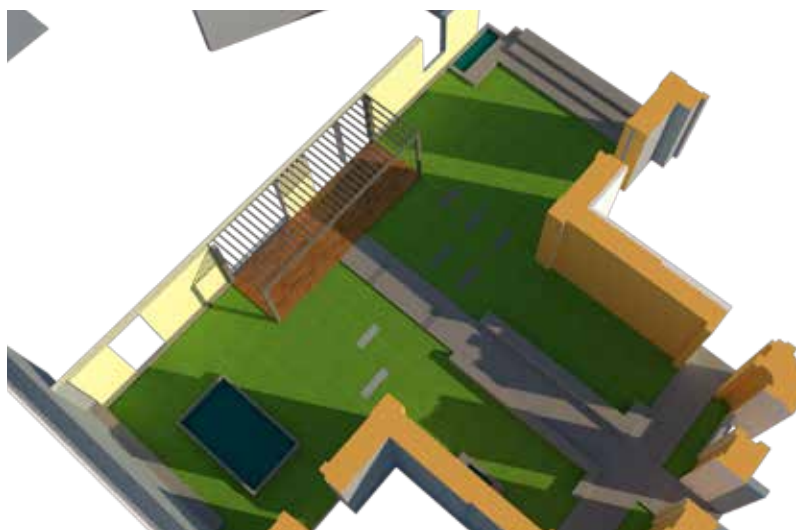
Figura 99 - The Brion Cemetery in Altivole, Carlo Scarpa

Fonte: <http://www.italianways.com/the-brion-cemetery-in-altivole/> consultado a (04/11/18)

Figura 100 - Fotografia do Jardim da Quinta

Figura 101 - Fotografia do buxo do Jardim

Figura 102 - Perspetiva do pátio interior



4.4. HABITAÇÃO T1

A proposta de demolição da habitação surge do seu estado degradado e da ambiência que se vive naquele espaço desorganizado e sem relação com a área adjacente. O mesmo acontece com a adição espúria ao palácio, que não passa de um entulho encaixado sem qualquer valor patrimonial e especial.

Assim, surge a proposta de realojar os moradores destas “habitações”, dar-lhes um novo lar, uma nova oportunidade. Porém, as habitações terão a função de albergar estas pessoas, mas também de albergar temporariamente atletas, pessoas que venham a dar alguma palestra, conferência na parte do museu.

A ideia passa por criar 8 pequenas habitações. As habitações estão agregadas de 2 em 2, sendo cada habitação composta por um quarto de casal, uma casa de banho, um espaço open space onde se insere (cozinha + sala). Partilhando um pátio comum que promove o espírito de vizinhança e a intergeracionalidade, mas tendo um pequeno espaço privado para a criação de uma horta de consumo próprio, que terá ligação direta com o sistema de rega criado e aproveitado junto do muro que pertence à pré-existência, no qual ainda são visíveis as suas caleiras.



(de cima para baixo)

Figura 103 - Fotografia da Habitação

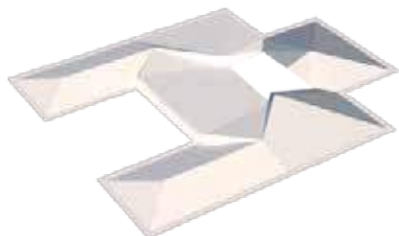
Figura 104 - Fotografia do entulho existente na área da Habitação

Figura 105 - Fotografia do acesso para a Habitação

Figura 106 - Ambiente do quarto da Habitação

4.5. MATERIALIDADES E AMBIÊNCIAS

Quinta da Graça



(de cima para baixo)

Figura 107 - Volumetria da cobertura do Palácio

Figura 108 - Fotografia da Quinta e Palácio da Graça, 2018

Fonte: Arquivo CDNJ

Figura 109 - Fotografia do terraço

Figura 110 - Fotografia do bay door

A nível de linguagem exterior, procura-se uma linguagem que essencialize a forma do passado, para projetar uma arquitetura contemporânea sem perder a sua autenticidade, optando-se por uma reabilitação na base do reprimado (mantendo conforme o estado original), aplicando a sua cor de origem, o amarelo torrado.

Segundo Camilo Boito, na 1ª Carta de Restauro de modo a melhorar a contextualizar o novo e antigo, é defendido que as novas formas depuradas devem ser essencializadas sem contrastar com o valor de autenticidade do antigo.

Na cobertura do palácio é proposto uma configuração inspirada na antiga cobertura do palácio, sem apresentar uma grande altura, para não perder o seu caráter de barco.

Na zona da claraboia foram colocados 6 painéis de vidro, colocando-lhes espelhos de água, de modo a refrescarem o espaço.

Ao longo da investigação foi realizado um estudo de anomalias de elementos arquitetónicos, tendo como propósito a recuperação dos mesmos. Propondo-se a recuperação da escadaria junto ao antigo tanque de mergulho, as cantarias que revestem os vãos das portas, dos cunhais e dos frisos, com necessidade de reconstituição das pedras danificadas.

Na reconstituição dos terraços aplicou-se *Mapei Mapelastic*, isolante tipo, de duas de mão de um total de (4mm). Composto por 8kg/m² + rede poliéster com tratamento antialcalino a 120 g/m². De seguida, o assentamento de mosaico cerâmico da revigres yura cinza (60 x 60) com adesivos cementícios da classe C2.

Na caixilharia, as madeiras serão recuperadas de acordo com a prática de restauro das madeiras exteriores, queimadas a maçarico e betumadas para reutilização (lixado, primário protegendo a madeira e no fim, a tinta da cor original). O encaixe do vidro foi rebaixado e acrescentado um novo bite de madeira para segurar o vidro.

O tratamento do espaço interior, procura uma linguagem contemporânea. As paredes serão reforçadas com gesso cartonado, tendo em conta o isolamento térmico e acústico do mesmo, finalizando com acabamento a tinta de água, de cor, com tom suave.



A estrutura do palácio é reforçada com pilares e vigas metálicas em formato de I, revesito a tinta intumescente, a sua laje será de cofragem colaborante.

O elemento adicionado ao palácio, a galeria de ligação às duas salas de biblioteca é forrada com ripado de madeira com intervalos de 0.15m permitindo a entrada de rasgos de luz natural.



No piso -1, associado à exposição permanente, optou-se pela marcação de diferentes pés direitos, para as pessoas sentirem diferentes sensações ao longo dos espaços expositivos. Devido à criação de pequenos vãos no teto, será possível iluminar a zona pública e o átrio após a saída da exposição.

No último piso optou-se por colocar pavimento de madeira no Gabinete administrativo, Auditório, Sala de *Workshop* e Centro de Arquivo, porém na zona de Arquivo optou-se pelo pavimento de resina *Epoxy*, por ser um pavimento mais resistente, para a zona de arrumos e de peças de maior porte.

A Habitação T1 é construída por dois panos de alvenaria de tijolo 0.11m., com diferentes pés direitos, no qual são aplicados alguns tetos falsos, compostos por gesso cartonado de 13mm e lã de rocha de 50mm. A moldura do vão do quarto será em pedra maciça embutida, com 1% de declividade para o escoamento das águas da chuva.

O vão assinalado, permite obter diferentes ganhos térmicos e luz natural.

O pavimento da habitação é de pavimento flutuante em madeira de carvalho,

(de cima para baixo)

Figura 111 - Pavimento Revigrés, yura cinza

Figura 112 - Pavimento de Madeira

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Final de Mestrado intitulado “Requalificar e reabilitar a Quinta da Graça: entre o rio e a ruína – Proposta de um equipamento multifuncional e intergeracional, no Parque Urbano do Jamor” contribuiu para a requalificação do Parque Urbano do Jamor, através do auxílio de vários métodos aplicados ao longo da investigação.

Na abordagem ao tema Reabilitação do Património, houve a necessidade de estudar e compreender os conceitos associados ao tema e área de estudo, analisar os diferentes tipos de Património. Antes de especificarmos um determinado Património, devemos estudar a sua origem.

Neste caso, o objeto escolhido a Quinta da Graça e o Parque Urbano do Jamor, apresentam um enquadramento urbano classificado pelo PGOECDNJ, como património natural, devido ao parque urbano e à sua inserção no vale do Jamor, como também pelo Jardim da Quinta da Graça.

No início deste trabalho foi colocada a seguinte questão de partida:

De que modo poderá a reabilitação de um edifício patrimonial (cultural) e da área adjacente contribuir para a qualificação do Parque Urbano do Jamor e da área envolvente (Freguesia da Cruz Quebrada e Dafundo), funcionando como equipamento multifuncional e intergeracional?

Em resposta à questão, definimos objetivos que foram cumpridos, tais como: estudámos as práticas e expectativas da população residente utilizadores do Parque Urbano, através da observação direta, do diálogo entre os utilizadores e um questionário realizado aos utilizadores, que pode ser visto nos Apêndices.

As escolhas dos casos de estudo através de premissas idênticas ao contexto de trabalho, analisadas através da sua escala urbana/arquitetónica, forma, materialidades e programa, serviram de exemplo de como a sua intervenção teve impacto nos utilizadores dos lugares, promovendo a qualificação do lugar.

Definimos estratégias de projeto, apresentando propostas a nível urbano que passaram pela requalificação do parque, refletindo a sua proposta e programa na análise aos inquéritos realizados aos inquiridos, criando-se um circuito de passadiços com diferentes pontos de funcionalidades, conseguindo cumprir os objetivos iniciais propostos: novos espaços de lazer, intergeracionalidade, qualificação, novos acessos pedonais.

A nível da escala arquitetónica criou-se um equipamento multifuncional e intergeracional, para promover novos espaços de lazer, espaços públicos, recuperando a memória do edificado e do lugar através de espaços museológicos, e no seu programa criar espaços interativos para que haja a comunicação entre os mais jovens e os mais idosos.

O mais difícil ao longo da investigação foi estabelecer uma ligação entre os diversos equipamentos existentes no Parque Urbano do Jamor com o objeto de estudo, essa ligação foi possível com a proposta urbana, a criação de novos acessos que vão desde a estação dos comboios até à faculdade FMH e Quinta da Graça.

Depois de atingirmos os objetivos iniciais, verificamos que respondemos às questões de trabalho, através do estudo de estratégias de reabilitação, com o cuidado na reabilitação proposta e para isso foi fundamental estudarmos as anomalias da área de intervenção. Abordamos as Estratégias de reabilitação, que nos ajudaram no desenvolvimento do programa da proposta, com a noção de como devemos abordar e intervir no edificado e na sua área adjacente.

Tivemos sempre o cuidado de envolver as pessoas na definição do programa, através de conversas informais, inquéritos e da maneira que as mesmas se agregavam ao espaço.

A investigação foi sempre acompanhada por desenhos de observação direta, que captaram em tempo real a essência dos utilizadores.

O objetivo de reabilitar o edifício em estudo e a qualificar a área adjacente foi cumprido, tendo-se conseguido criar um equipamento multifuncional e intergeracional através da reabilitação da Quinta da Graça, interligando as diferentes gerações num equipamento, rejuvenescendo o Parque Urbano do Jamor e fazendo com que a população envelhecida se sinta (re)ativa, apesar da idade.

Para o futuro propõe-se que seja feita uma proposta de reabilitação para a Estação dos Comboios da Cruz Quebrada e Dafundo, reestruturando os seus acessos pedonais e vias, e que o mesmo estabeleça uma ligação entre os diversos equipamentos existentes do Parque Urbano do Jamor. Para a zona das Fábricas cerâmicas da Lusitânia deveria ser repensado um projeto, que servisse de qualificação para a freguesia, o mesmo deveria ser proposto em conjunto com a população residente e os utilizadores, conhecendo assim as suas expectativas e necessidades.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, J., 1999. A Cidade do Futuro já existe. *ATIC Magazine*, pp. 1-16.
- ALMEIDA, C. F. d., 1993. Património - Riegl e Hoje. *Revista da Faculdade de Letras*, pp. 407-416.
- ADAM, R., 2000. Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen. *Da Vinci*, v.5, nº. 1, pp.61-68.
- ANTUNES, A., 2011. Análise territorial de Algés antes do surto construtivo do século XX. *Revista Arquitectura Lusíada*, nº. 3, pp. 93-102.
- ARCHER, M., COLAÇO. B., 1999. *Memórias da Linha de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais e Câmara Municipal de Oeiras.
- BAPTISTA, L., 2014. Ruínas Habitadas. *Arquitectura e Arte*, nº. 112, pp. 22-23.
- BARRETO, M., GILSON, J., 2013. O *Flaneur* revisitados processo de revitalização urbana e caminhabilidade. *Revista Hospitalidade*, nº. 1, pp. 54-77.
- BIRREN, J., RENNER, V. 1977. Research on the psychology of aging: principles and experimentation. In Birren, J. e Schaie, K. (eds), *Handbook of the Psychology of Aging*. Newyork: Van Nostrand Reinhold, pp. 3-38.
- CARRAPIÇO, I., 2010. *Relatório de Caraterização, Plano de Pormenor de Intervenção na margem direita da foz do rio Jamor*. DPGU/DP – CMO.
- CARVALHO, M., 2012. Relações intergeracionais/alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. *Revista Portal de Divulgação*, nº. 28 (III), pp.83-88.
- CASTEL-BRANCO, C., 2012. *Jardins com História*. Lisboa: Edições Inapa.
- CASTRO. J., 2004. *Parque Natural Douro internacional/Arribas del Duero*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- CHOAY, F., 2001. *A Alegoria do Património*. São Paulo: Estação Liberdade.
- CHOAY, F., 2011. *As Questões do Património*. Lisboa: Edições 70.

CÍNTIA, Z., 2006. *Memória e Identidade - Da Praça Pádulla Salles em Amparo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura de São Paulo.

COSTA, E. B. d., 2012. Património e Território Urbano em Cartas Patrimoniais do Séc. XX. *Finisterra*, XLVii, 93, pp. 5-28.

DIAS, S., 2010. *Intervenções de Reabilitação em Património Construído - Projeto de Beneficiação do Castelo de Alter do Chão*, Dissertação de Mestrado em Recuperação e Conservação do Património Construído, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa.

DOMENTI, A., 2015. *O Imaginário do Lugar: Intervenção na Fortaleza de Juromenha como contributo para a sua regeneração*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

DUMAZEDIER, J., 1992. Criação e transmissão dos saberes. Tradução de Vera Ribeiro. *Revista Gerontologie et société*, n. 16. [LINK](#)

FRANCO, L., 2017. *Ruína e paisagem : intervenção no Hotel Monte Palace em São Miguel : valorização de ruínas : reabilitação de edificado contemporâneo em betão armado*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

FUNARI, P.; PELEGRINI, S., 2006. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

GOMES, C. A., 2011. *O preço da memória: a sustentabilidade do património cultural e edificado*. Lisboa: s.n., pp. 89-108.

GOMES, L., 2016. *Cruz Quebrada - Dafundo / Património e Personalidades*. ed. CMO / Gabinetes de comunicação.

GONÇALVES, R., 2013. *Revitalização do Convento da Nossa Sra. do Amparo - Novos usos em Antigos Espaços Conventuais*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

HALBWACHS, M., 1968. *A Memória Coletiva*. ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais.

HIPÓLITO, J., 2013. *Água: Elemento construído*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

HUYSEN, A., 2006. Nostalgia for Ruins. *Grey room*, pp.6-21

JACOBS, J., 2000. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes.

JÚNIOR, M., 2012. O Conceito de Ruína e o dilema na conservação em arte contemporânea. *Revista Aranz*, pp. 134-156.

KOTLER, U., 1976. Paisagem - uma definição ambígua. *C.J. Arquitetura: Revista de arquitetura, planejamento e construção*. Rio de Janeiro: FC Editora, nº. 12, ano 3.

LOUÇÃO, M., 2016. *Habitar o Desabitado - um contributo para a arquitetura de interiores*. ed. Caleidoscópio - edição e artes gráficas, SA.

MASLOW, H., 1970. *Motivation and personality*. 2ªed. New York: Hasper and Row.

MAKARIUS, M., 2004. *Ruins*. Paris: Éditions Flammarion.

MARTINS, M., 2001. *As Artes Performativas na construção da Memória Cultural. O caso do espectáculo Vale*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa

MENDES, A. R., 2012. *O que é o Património Cultural*. 1ª ed. Olhão: Gente Singular.

MONTEIRO, G., 1964. *O Sítio da Cruz Quebrada Nótulas de micro-história*. ed. Sep. de «O Fermento» - Cruz Quebrada pp. 125-133.

MOREIRA, M., 2007. Requalificação urbana : alguns conceitos básicos. *Artitextos*. nº.5, pp.117-129

MOURA, D., GUERRA, I., SEIXAS, J. & FREITAS, M. J., 2006. A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. *Cidades - Comunidades e Territórios*, ed. Lisboa: Centro de Estudos Territoriais, pp.15-34.

OLIVEIRA, C., 2011. *Relações Intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Política Social, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.

OLIVEIRA, J., 2013. *Água: Elemento construído*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa

PEREIRA, G., 2010. *Um Museu para a Cidade: Expansão do Museu da Cidade, Núcleo Séc. XX/XXI*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

PEREIRA, M., 2016. *Construir no construído - Intersecções entre a Arquitetura e o Design na reabilitação urbana*, Dissertação de Mestrado

em Arquitetura de Interiores e Reabilitação do Edificado, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

PIRES, A., 2013. *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, lugar e arquitetura*. Caleidoscópio.

PIRES, A., 2012. O Lugar da Quinta de Recreio periferia de Lisboa. *Revista Tritão* nº1, pp.2-22.

RODRIGUES, M., 2010. Patrimônio industrial: entre o fetiche e a memória. *Arq.Urb: Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, nº. 3, pp.31-40.

RODRIGUES, D., 2012. *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*, Universidade da Beira Interior, nº 1, pp. 1-8.

SERRADO, Ricardo, 2009. *O Jogo de Salazar: A política e o futebol no Estado Novo*, ed: Lisboa, Casa das Letras.

SILVA, G., 2012. *Ruínas em Portugal*. 1º ed. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

SOUSA, A., 2015. *As quintas de recreio do séc. XVI em Portugal, a relação entre arquitetura, espaços verdes e recursos híbridos*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

TAVARES, C., 2010. *Programas Intergeracionais - revisão teórica e construção de proposta de intervenção*, Dissertação de Mestrado em Educação Social e Comunitária, Faculdade de Ciências Sociais Humana, Universidade da Beira Interior.

TEIGA, S., 2012. *As Relações Intergeracionais e as Sociedades Envelhecidas: envelhecer uma sociedade não Stop...*, Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa no Instituto Politécnico de Lisboa.

Webgrafia

ACB. Consultado a 6 de setembro de 2018, em <http://www.acbpaisagem.com/projectos/espacos-publicos/anfiteatro-colina-de-camoes.htm>

Autor desconhecido, 2015. Consultado a 10, setembro, 2018 em

<https://www.omelhorblogdomundo.pt/parque-linear-ribeirinho-do-estuario-do-143692>

Domus. Consultado a 10, setembro, 2018 em https://www.domusweb.it/en/architecture/2014/04/16/centro_interpretativo_do_patrim_nio_da_afurada_.html

ESCS - OPEN SOURCE LOCATION SCOUTING. Consultado a 10, setembro, 2018 em <https://opensourcelocationscouting.blogspot.com/?view=flipcard>

GONÇALVES, C., *Bandeira Azul*. Consultado a 14, novembro, 2017, em <https://bandeiraazul.abae.pt/plataforma/index.php?p=theme&s=patrimonio>

História de Portugal, 2012. Consultado a 10, outubro, 2017, em <http://www.historiadeportugal.info/parque-do-jamor>

HUYSEN, A., 2006. *Nostalgia for Ruins*. Consultado a 27, novembro, 2017, em https://www.academia.edu/4102773/Nostalgia_for_ruins._Andreas_Huyssen

ISA, C., 2009. Consultado a 17, setembro, 2018, em <http://quintaisisa.blogspot.com/2016/05/afinal-os-saloios-de-tilheiras-sao-hoje.html>

JORGE, F., *Público*. Consultado a 20, janeiro, 2019 em <https://www.publico.pt/2000/04/03/jornal/uma-ruina-em-boia-forma-142187>

Património Cultural. Consultado a 12, setembro, 2018, em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74170>

SCHILLING, N. Consultado a 15, outubro, 2018 em <http://www.nadiaschilling.com>

APÊNDICES

Apêndice I - Modelo por Questionário

- Análise dos resultados

Data	
Nº inquérito	

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS RESIDENTES E VISITANTES

Este trabalho desenvolve-se no âmbito de um projeto final de mestrado, tem uma natureza académica e não se destina a divulgação pública

I. Caracterização do inquirido

- Género: ☐ F ☐ M
- Idade/Faixa etária: ☐ 0-14 ☐ 15-24 ☐ 25-64 ☐ +65
- Ocupação: ☐ Estudante ☐ Empregado Regime normal ☐ Empregado Regime flexível
☐ Desempregado ☐ Reformado ☐ Outra, Qual? _____
- Nacionalidade: ☐ Portuguesa ☐ Outra. Qual? _____
- De quantas pessoas se compõe o seu agregado familiar? _____
- No seu agregado familiar, existem: ☐ Crianças (até 12 anos), quantas? _____
☐ Jovens (12-18 anos), quantos? _____ ☐ Idosos (+65 anos), quantos? _____

II. Caracterização, necessidades e expetativas da zona de residência (Espaço Público)

- Há quanto tempo reside na freguesia Cruz Quebrada e Dafundo? ☐ Menos de 2 anos ☐ 2-5 anos ☐ 5-10 anos ☐ +10 anos
- Qual a razão por que veio residir para esta zona? ☐ Amigos ☐ Família ☐ Local de trabalho
☐ Equipamentos/Serviços ☐ Preço da habitação ☐ Acessibilidade/Transportes ☐
Localização ☐ Outra(s), qual(ais)? _____
- Onde costuma passar os tempos livres?
☐ Casa ☐ Casa de amigos ☐ Café ☐ Associação/coletividade ☐ Jardim/Parque
☐ Fora da zona de residência ☐ Outra(s), qual(ais)? _____

10. Como classifica a freguesia da Cruz Quebrada e Dafundo quanto a:

	Muito Bom	Bom	Razoável	Mau	NS/NR
Mobiliário urbano					
Acessibilidade/Mobilidade					
Comércio e Serviços					
Equipamentos (escolas, centros de saúde, museu)					
Espaço público					
Habitação					
Segurança					
Estacionamento					

11. – Costuma utilizar o espaço público da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo/Parque Urbano do Jamor?

☐ Sim. ☐ Não.

Em que situações? ☐ Eventos festivos e/ou religiosos ☐ Espetáculos culturais ☐

Lazer ☐ Prática desportiva ☐ Outros: _____ ☐ Não, porquê? _____

12. – O que faz falta em termos de espaço público na freguesia Cruz Quebrada e Dafundo

☐ Biblioteca ☐ Centro de Congressos ☐ Espaços Verdes ☐ Mercado ☐

Anfiteatro ☐ Centro Cultural ☐ Outra(s), qual(ais)? _____

13. Nos espaços públicos existentes, o que gostaria de ver melhorado?

☐ Equipamentos coletivos ☐ Centro da Vila ☐ Acessos ☐ Parque Urbano do

Jamor ☐ Rio do Jamor ☐ Outra(s), qual(ais)? _____

14. – A construção de um museu interativo e a requalificação dos espaços públicos adjacentes seriam um ponto de encontro/atrativo e de crescimento económico para a Freguesia Cruz Quebrada e Dafundo?

☐ Sim ☐ Não, porquê? _____

15. – Um equipamento multifuncional na Cruz Quebrada e Dafundo deveria ter que tipo de funções:

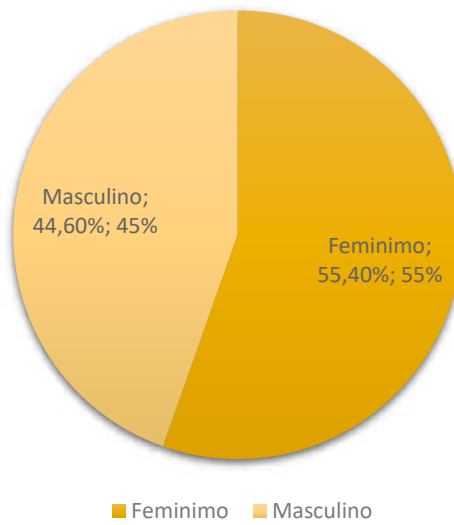
☐ Espaço de Leitura ☐ Restauração ☐ Concertos musicais ☐ Exposições ☐

Programas culturais ☐ Outra(s), qual(ais)? _____

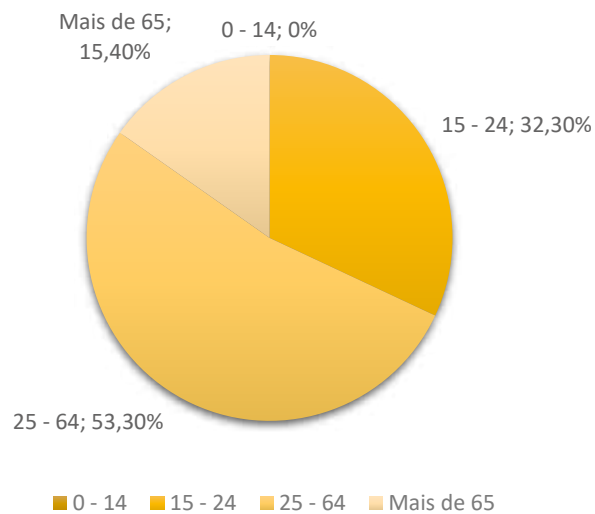
QUESTIONÁRIO

Reabilitar a Ruína: Equipamento Multifuncional e Intergeracional, no Parque Urbano do Jamor

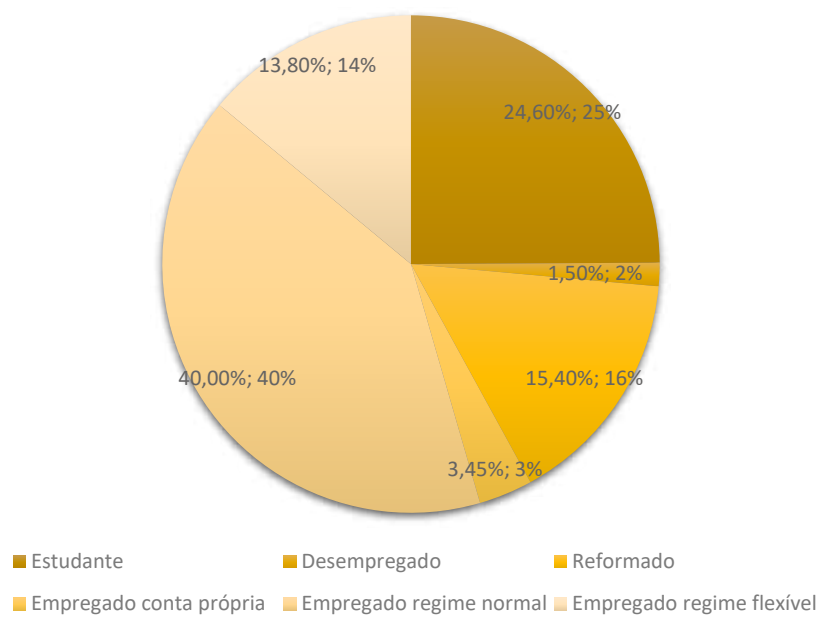
1. Género



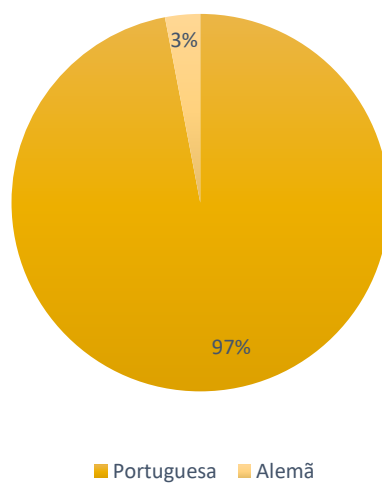
2. Faixa etária



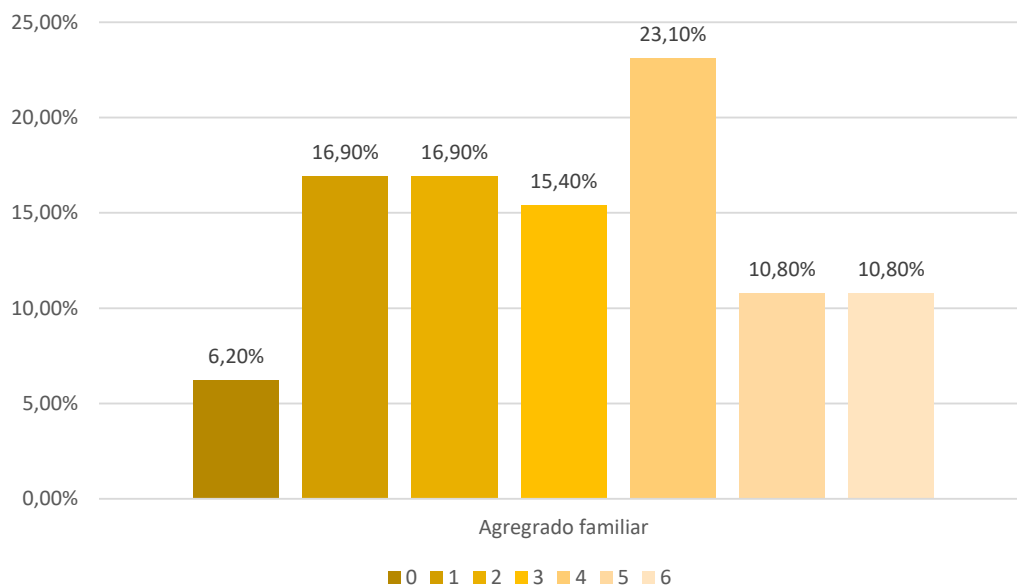
3. Ocupação



4. Nacionalidade

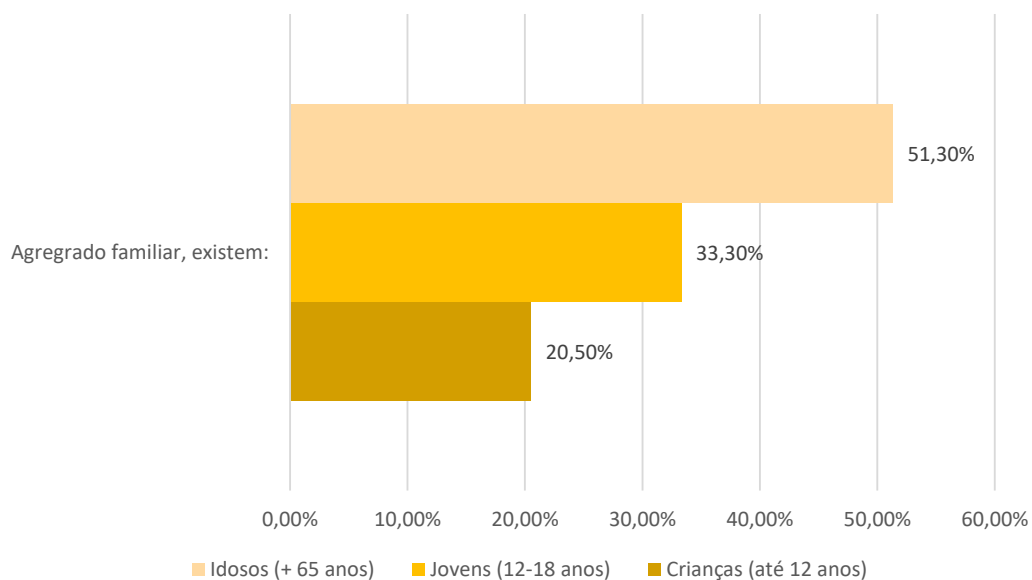


5. Quantas pessoas compõem o seu agregado familiar

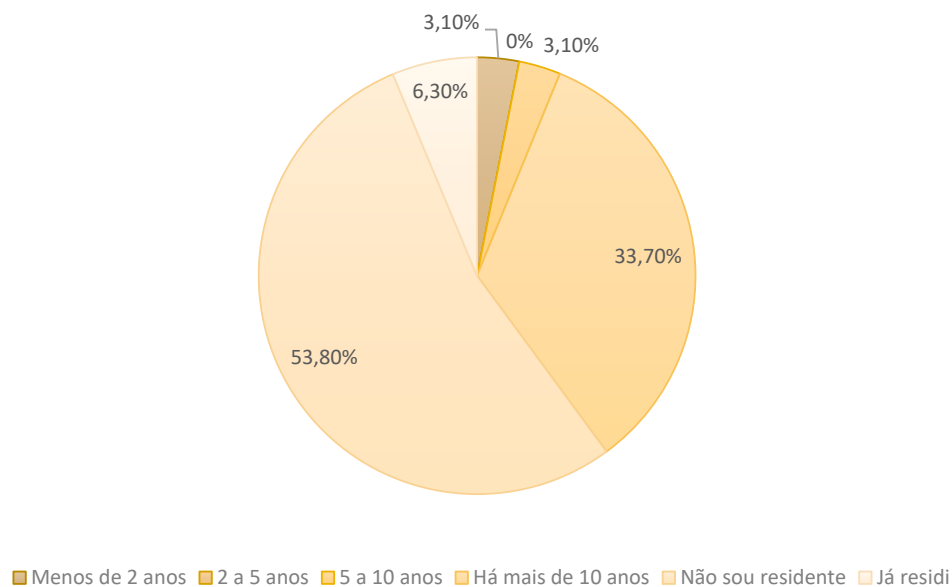


6. No seu agregado familiar existem:

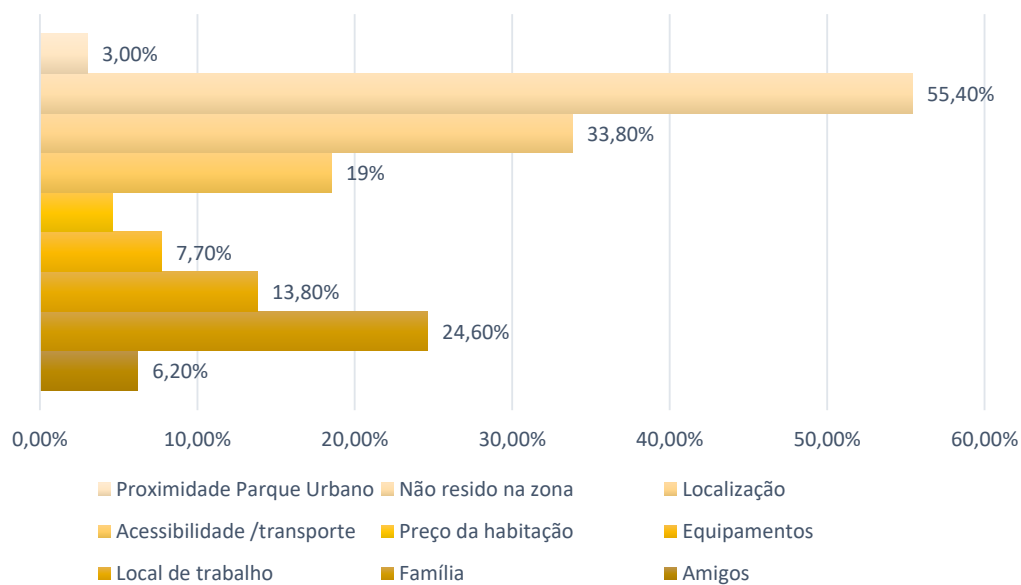
(39 respostas em 65 questionários)



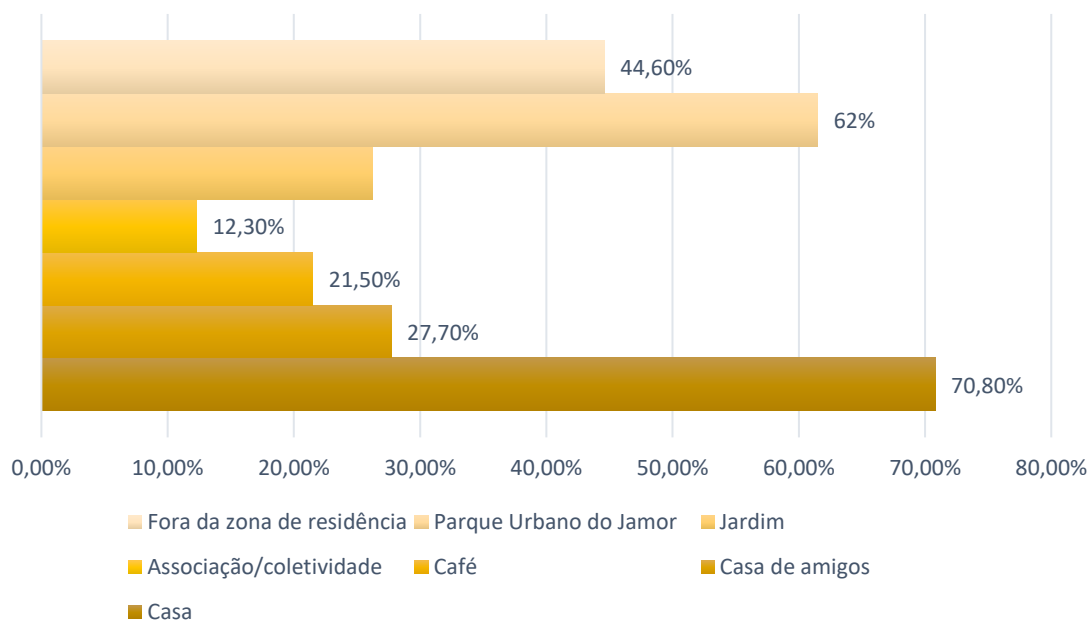
7. Há quanto tempo reside na Freguesia?



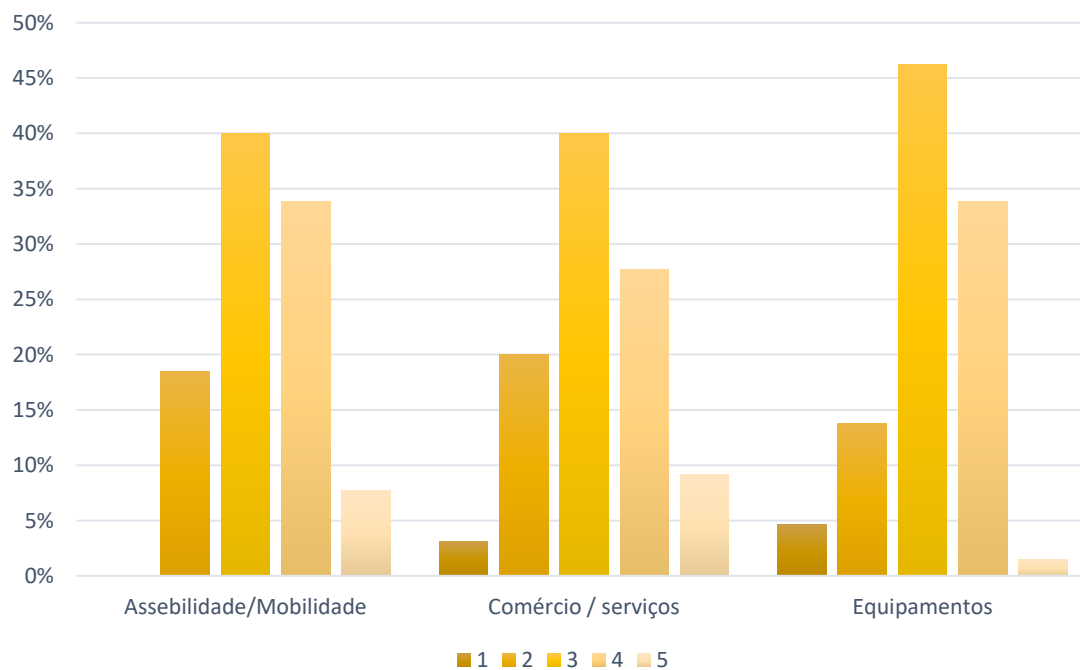
8. Alguma razão para residir nesta zona?

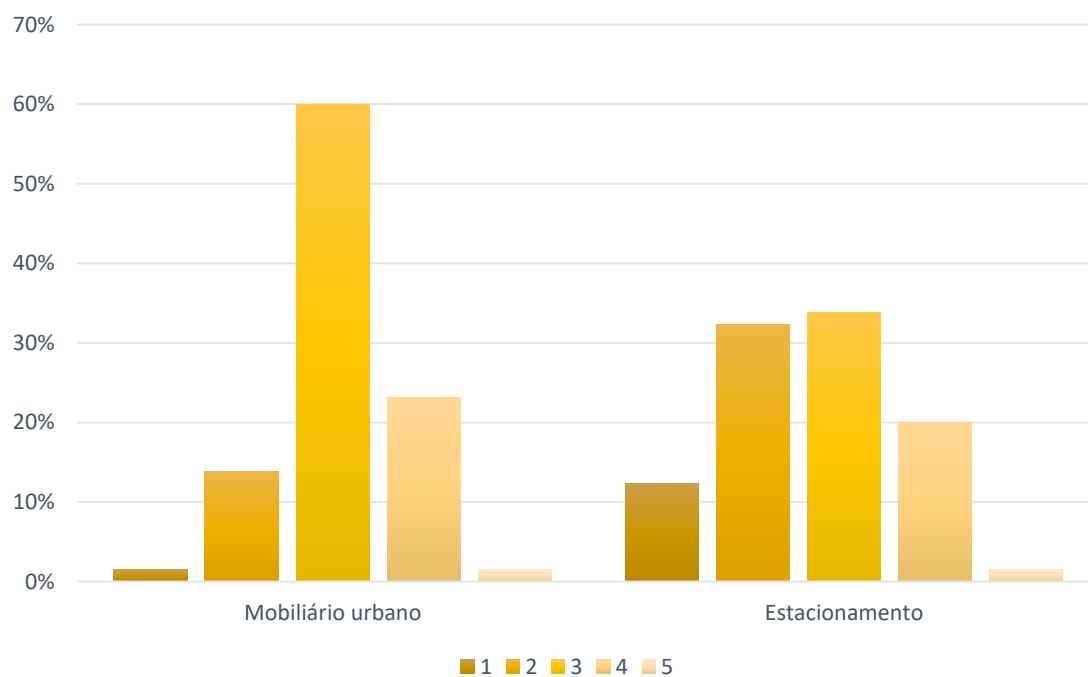
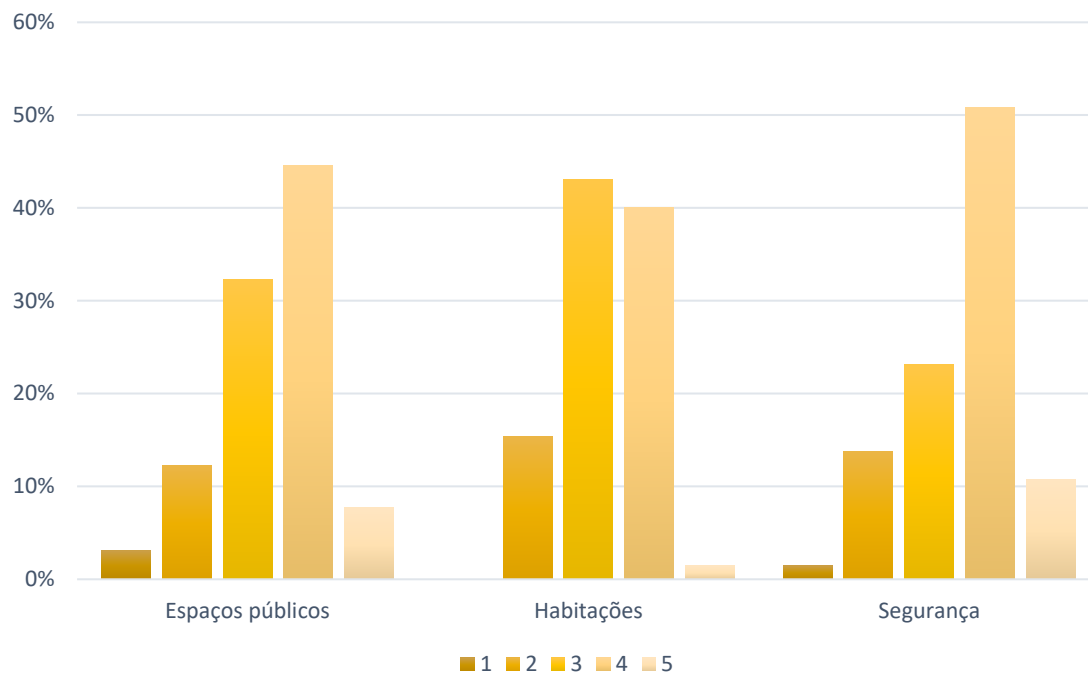


9. Onde costuma passar os tempos livres? (indique 3 opções)

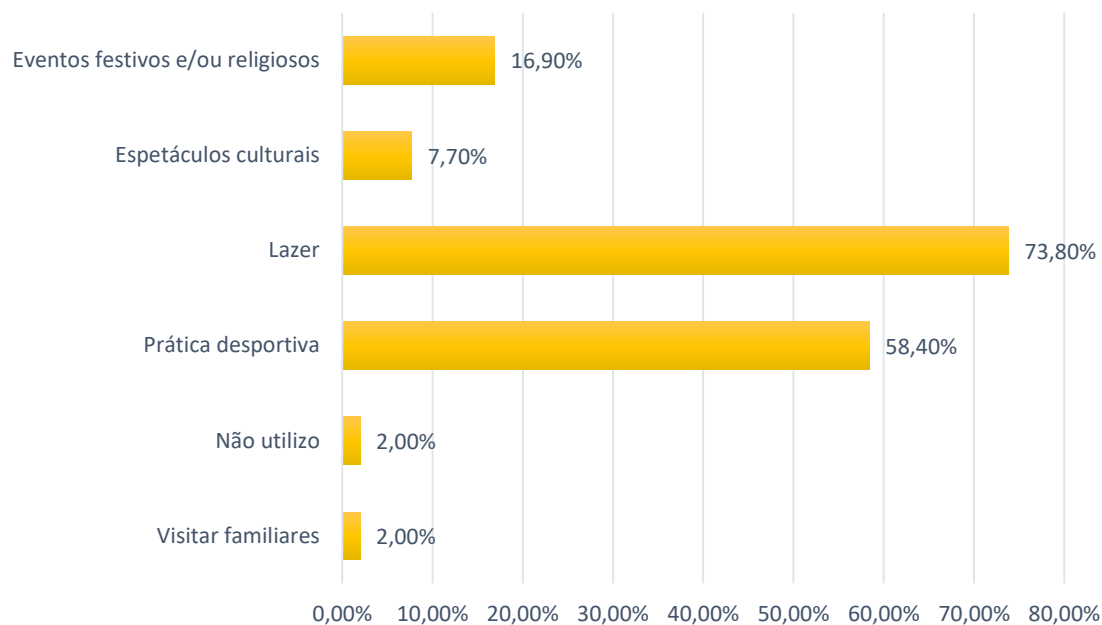


10. Como classifica? (posicione-se numa escala de 1 a 5, em que 1 é o valor mais baixo e 5 o valor mais elevado)

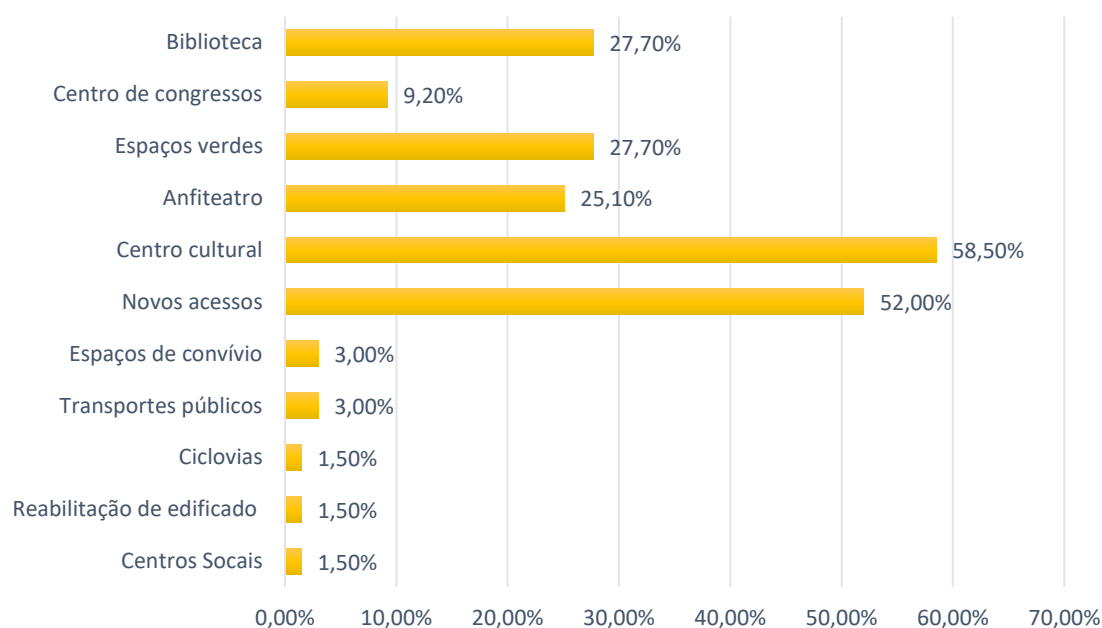




11. Costuma utilizar o espaço público da freguesia Cruz Quebrada e Dafundo / Parque Urbano do Jamor para:



12. O que faz falta em termos de espaço público na freguesia Cruz Quebrada e/ou Parque Urbano do Jamor (indique 3 opções)

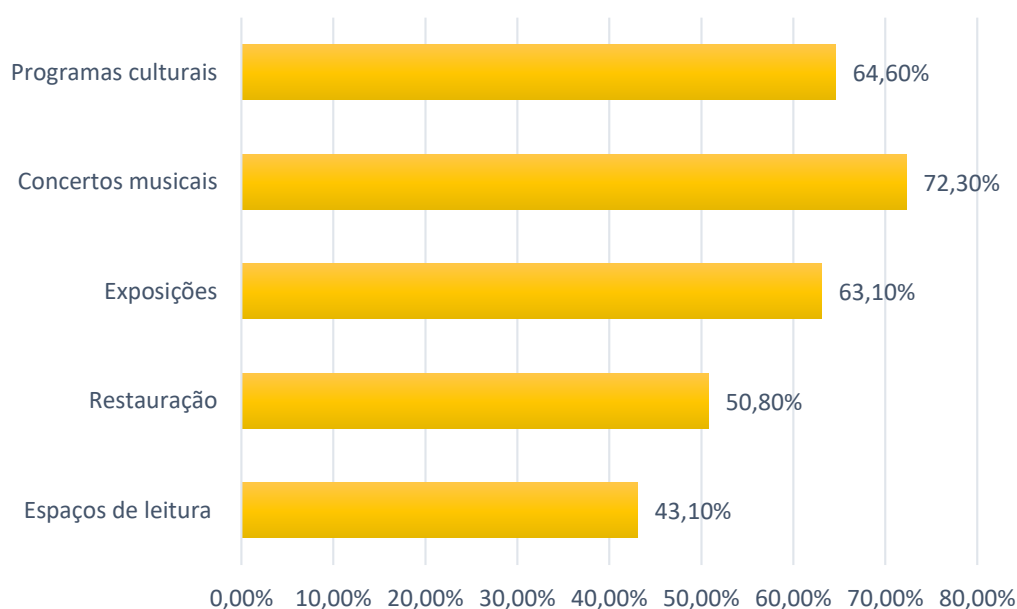


14.1 **Justificação** (resposta livre e de caráter não obrigatório)

1. Teriam de reunir algum espaço âncora para tal
2. Sem dúvida. Certamente chamariam a atenção de vários visitantes, proporcionariam ao concelho um crescimento em termos turísticos e económicos e também sociais para os seus habitantes/visitantes.
3. Que eu conheça, não há muitos espaços culturais na zona da Cruz Quebrada e Dafundo.
4. Para conhecer o sítio onde vivemos
5. Interessante para a quantidade de estudantes na zona
5. Para os jovens percebem um bocado da cultura do Jamor!!
6. É sempre uma mais valia que se invista na cultura e nos espaços verdes
7. A construção de um museu interativo seria algo diferente e atrativo para o público, consequentemente faria com que a zona em causa fosse valorizada ainda mais.
8. A freguesia não precisa de confusão, já tem que baste. É uma zona residencial e de desporto, pouco compatível com mais circulação viária.
9. Falta um enquadramento mais cultural ao local.
10. Maior número de pessoas podiam passar mais tempo na freguesia e contribuir para mais riqueza na mesma
11. Cultura é sempre atrativa.
12. Tudo o que for para melhorar a qualidade de vida das pessoas é muito importante.
13. tudo que é feito para o bem público é válido tanto para os moradores como para visitantes
14. Importante conhecermos as nossas origens e cultura
15. Seria interessante na medida em que iria promover o turismo e seria uma mais-valia para a Freguesia Cruz Quebrada e Dafundo.
16. requalificação é sempre bom, especialmente de espaços públicos
17. Tudo o que seja requalificar é uma mais valia... se investirmos na cultura e espaços públicos é urgente!!! É necessário.

21. Aumentaria a autoestima do bairro e da população residente
22. Aquilo não vai servir a freguesia, a freguesia está separada do estádio nacional
23. Sim porque traria mais vida e dinamismo à freguesia.
24. Faltam espaços de cultura
25. Retirar o abandono da zona
26. Acho que fazem falta espaços culturais de qualidade na freguesia

15. Um equipamento multifuncional na Cruz Quebrada e Dafundo deveria ter que tipo de funções (indique 3 opções)



16. Se tem algo mais a acrescentar, deixe aqui a sua opinião

1. Não vejo que haja necessidade de nenhum equipamento multifuncional
2. a fiscalização dos estacionamento selvagens deve ser mais efetiva, pessoas que pegam o carro para andar 300, 400 metros é um absurdo. O incentivo a pratica pedonal e ciclística (apesar de não existir uma ciclovias em Dafundo) deve ser incentivado. Um acesso direto a praia entre Algés e o Jamor seria muito interessante também.
3. Demolir fábrica luselite e fazer daquele espaço uma continuação do espaço de lazer do PUJ. reabilitar praia.
4. Um centro de congressos seria algo também fundamental
5. Faltam equipamentos que proporcionem entretenimento para a terceira

Apêndices II - Fotografias da área e objeto de estudo



(de cima para baixo)

- Figura - Antigo tanque de Mergulho
- Figura - Pré-existência, socalcos
- Figura - Espaço verde adjacente ao muro po-
ente do palácio
- Figura - Escadaria de acesso ao palácio
- Figura - Inserção do terreno com o objeto
- Figura - Antigo poço
- Figura - Antigo tanque, utilizado pela população
local
- Figura - Casa mineira
- Figura - Nascente 1852



(de cima para baixo)

Figura - Acesso pedonal junto ao Complexo Desportivo

Figura - Vista para o alçado poente da Quinta da Graça

Figura - Acesso pedonal

Figura - Pré-existência: socalcos

Figura - Marcas das pérgolas

Figura - Vista sobre o poço

Figura - Pré-existência: caleiras

Figura - Pré-existência: namoradeiras (bancos)





(de cima para baixo)

Figura 1 - Jardim Quinta da Graça

Figura 2 - Jardim Quinta da Graça

Figura 3 - Buxo

Figura 4 - Araucária

Figura 5 - Fachada lateral direita

Figura 6 - Pré-existência: escadarias

Figura 7 - Jardim Quinta da Graça

Figura 8 - Pátio de Honra

Figura 9 - Local conhecido pelo "Chá das 17.00 da Sra. Graça"



(de cima para baixo)

Figura - Pátio de Honra

Figura - Entrada para o Pátio de Honra

Figura - *Bay door*

Figura - Fachada do palácio

Figura - Acesso para a varanda

Figura - Vista para a Quinta da Graça

Figura - Pré-existências no Pátio de Honra

Figura - Vista sobre o Pátio de Honra

Figura - Pátio de Honra





(de cima para baixo)

Figura - Acesso pedonal junto ao Rio Jamor

Figura - Acesso pedonal junto ao Rio Jamor

Figura - Acesso pedonal sobre a ponte

Figura - Rio Jamor

Figura - Acesso Pedonal junto ao Rio Jamor

Figura - Vista para o Palácio junto do Rio

Figura - Acesso pedonal raquete dos elétricos

Figura - Acesso pedonal junto à estrada

Figura - Dragoeira centenária

Apêndice III - Herbário

Buxo

Morfologia

Categoria

Autóctone

Altura

3 a 4 metros médoa

Raio da copa

0,3 a 0,4 metros

Tipo

Arbusto



Folha

Regime: Persistente

Cor: Verde- Escuro

Flor

Época: Janeiro- Fevereiro

Cor: Amarela-esverdeada

Fruto

Meses: Setembro

Tipo: Cápsula

Cor: Verde/Castanho

Classificação científica

Reino: *Plantae*

Divisão: *Magnoliophyta*

Classe: *Magnoliopsida*

Ordem: *Buxales*

Família: *Buxaceae*

Género: *Buxus*

Espécie: *B. sempervirens*
L.

Crescimento Lento

Muito usado em jardins
históricos

Tolera o frio e temperaturas
negativas

Usado em topiária e para
fazer sebes

EUCALIPTO

Morfologia

Categoria

Exótica e Invasora

Altura

10 a 30 metros

Raio da copa

x

Tipo

Árvore



Folha

Regime: Persistente

Cor: Verde- Escuro

Flor

Época: Outubro-Junho

Cor: Amarelo

Fruto

Meses: Inverno

Tipo: Pseudo-Cápsula

Classificação científica

Reino: *Plantae*

Divisão: *Magnoliophyta*

Classe: *Magnoliopsida*

Ordem: *Myrtales*

Família: *Myrtaceae*

Subfamília:

Leptospermoidae

Género: *Eucalyptus*

Espécie introduzida em Portugal, considerada invasora

Crescimento muito rápido

Espécie mais usada em florestas de produção, principalmente para fabrico de pasta de papel e para queima.

ARAUCÁRIA

Morfologia

Categoria

Exótica

Altura

30 metros

Raio da copa

10 metros

Tipo

Árvore



Folha

Regime: Persistente

Cor: Verde-Claro

Flor

Época: Setembro-Março

Cor: Verde

Fruto

Tipo: Pinhas

Cor: Verde

Considerada uma árvore monumental em Portugal

A pinha pode chegar a pesar cerca de 10Kg

Pode viver centenas de anos

Classificação científica

Reino: *Plantae*

Superdivisão:
Spermatophyta

Divisão: *Pinophyta*

Classe: *Pinopsida*

Ordem: Pinales

Família: *Araucariaceae*

Género: *Araucária*

Espécie: *A. angustifolia*

DRAGOEIRO

Morfologia

Categoria

Autóctone

Altura

15 metros

Raio da copa

8 metros

Tipo

Árvore



Folha

Regime: Persistente

Cor: Verde-acizentado

Flor

Época: Agosto-Setembro

Cor: Branca-amarelada

Fruto

Tipo: Bagas

Cor: Alaranjadas

Tronco com ramificação
dicotómica

Só floresce a partir dos 10 a
15 anos de idade

Tolerante ao frio

Planta de fácil cultivo

Classificação científica

Reino: *Plantae*

Divisão: *Magnoliophyta*

Classe: *Liliopsida*

Ordem: *Asparagales*

Família: *Asparagaceae*

Subfamília: *Nolinoideae*

Género: *Dracaena*

Espécie: *D. draco*

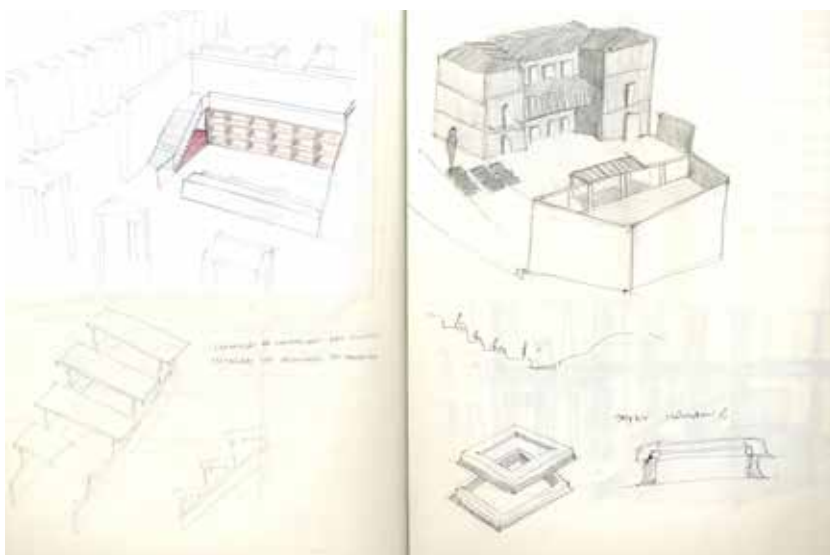
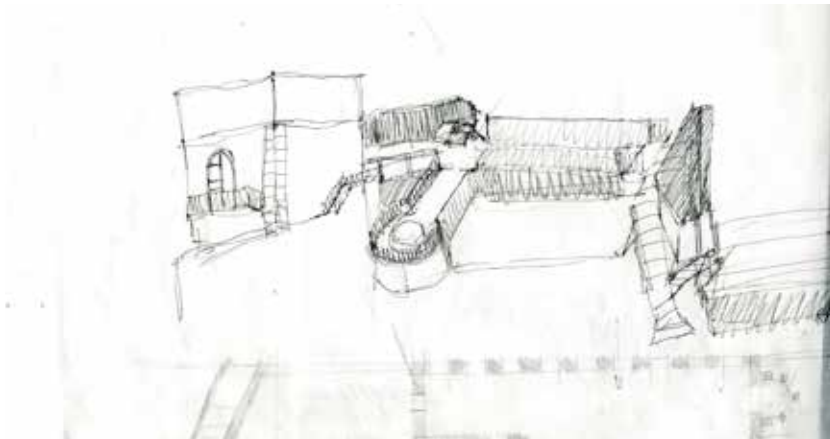
Apêndice IV - Processo de trabalho:

Desenvolvimento da proposta de projeto

Maquetes

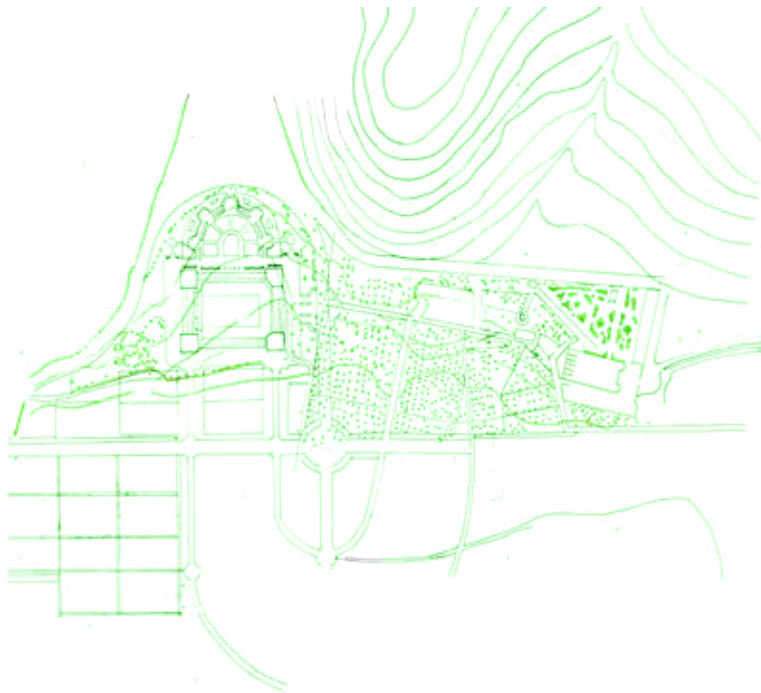




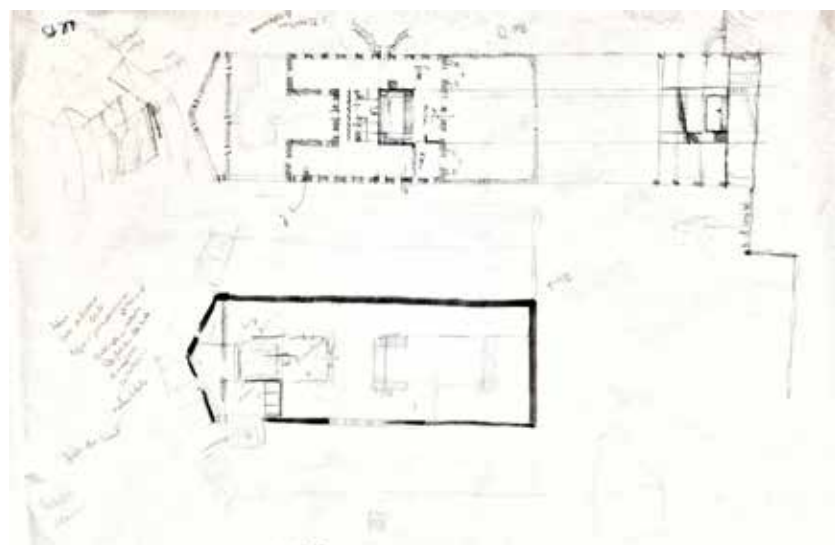
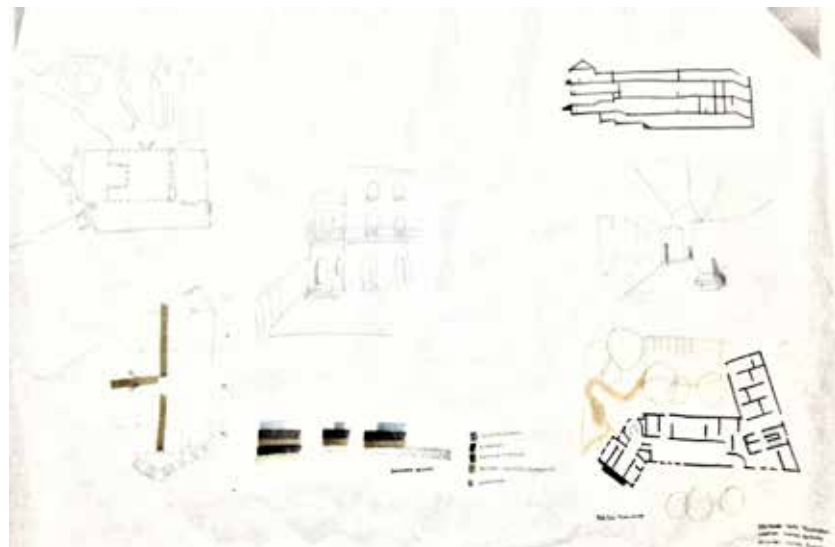
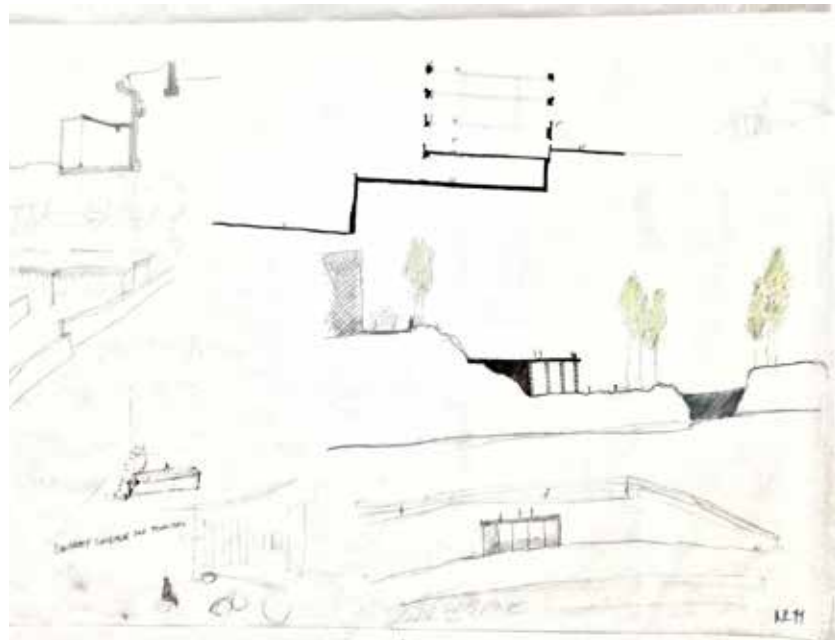


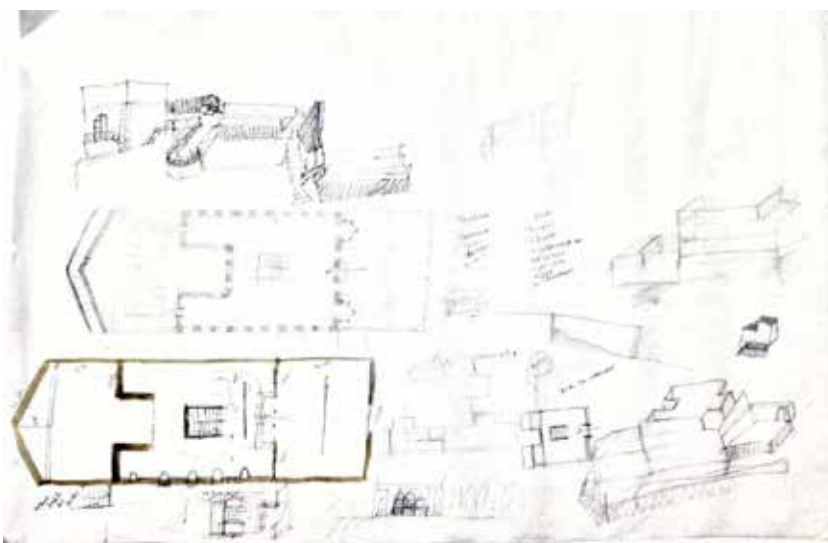
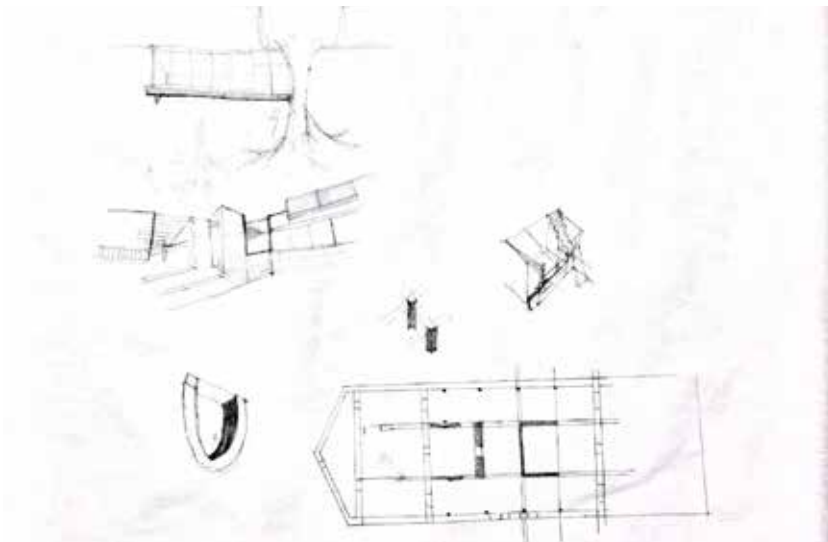
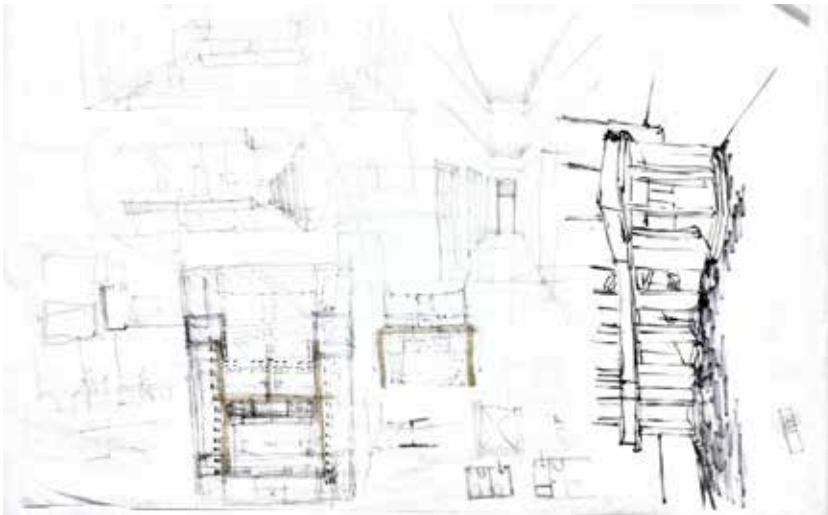


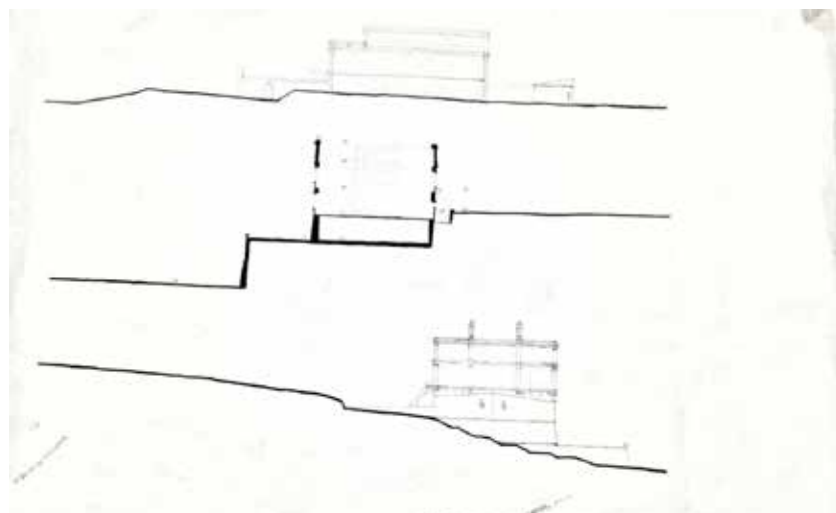


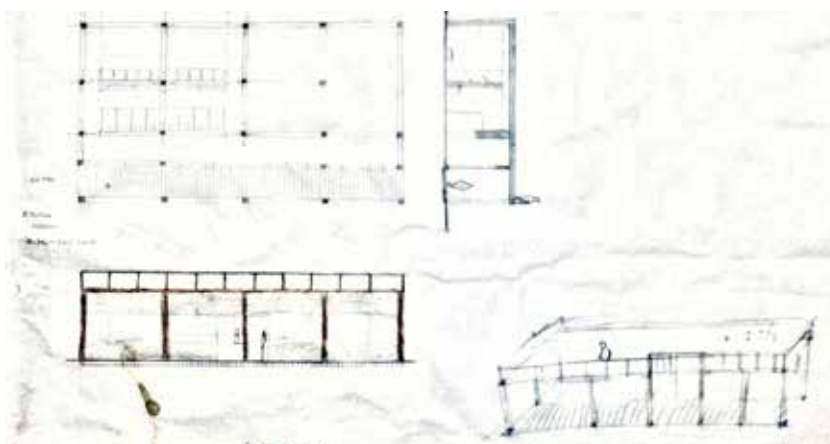
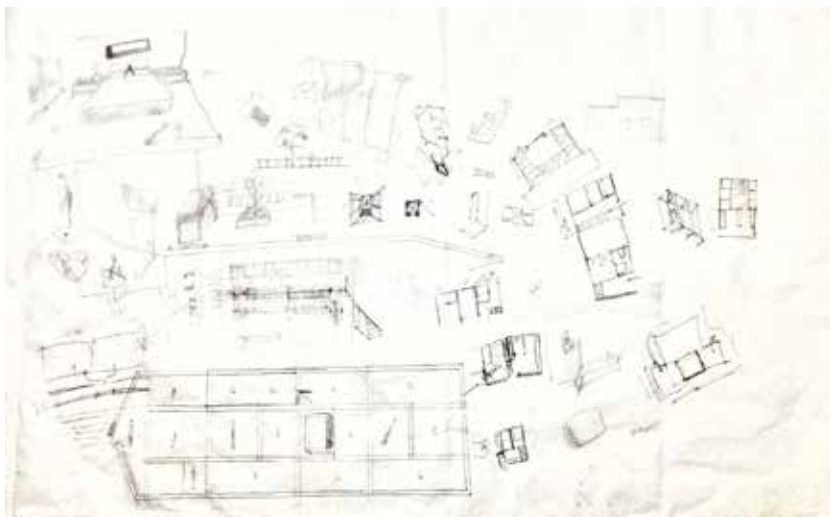
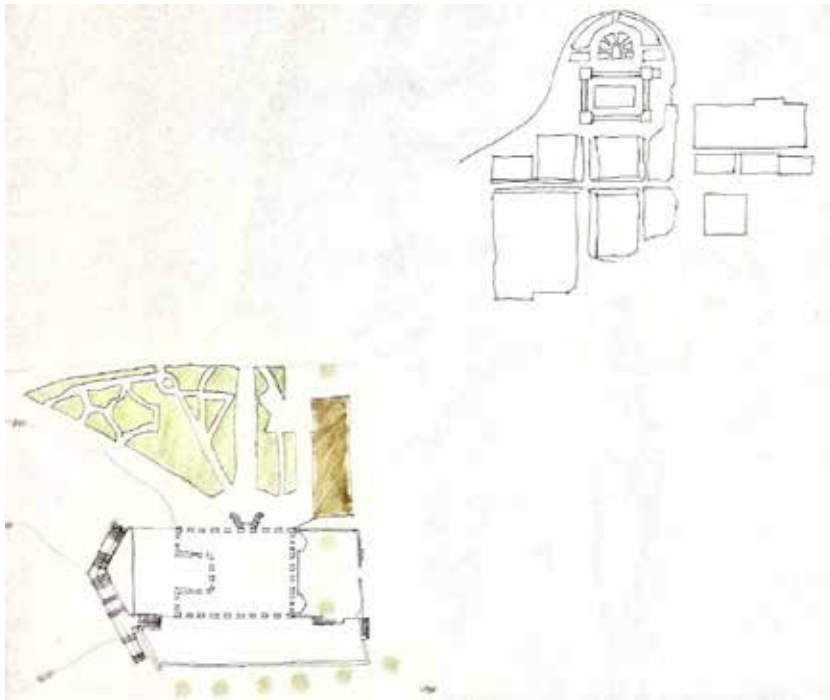


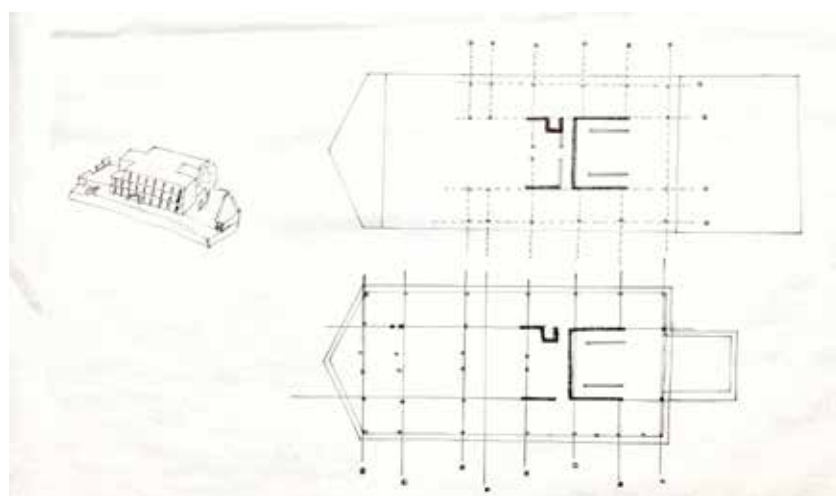
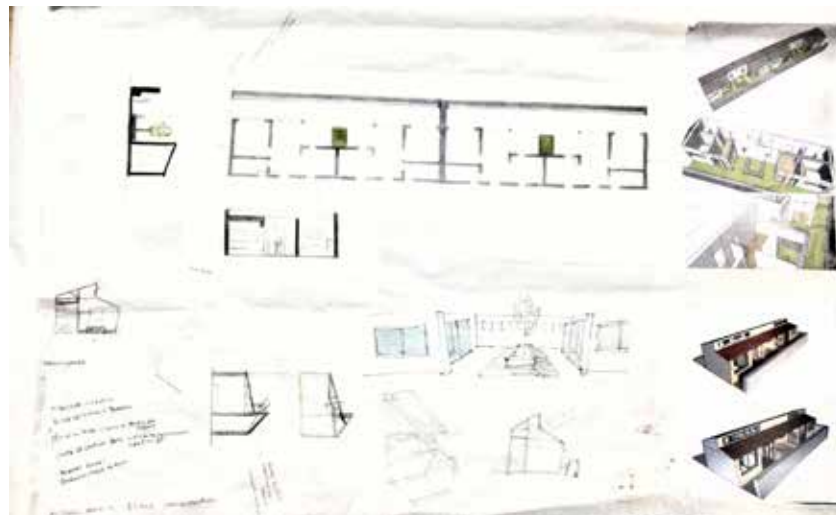


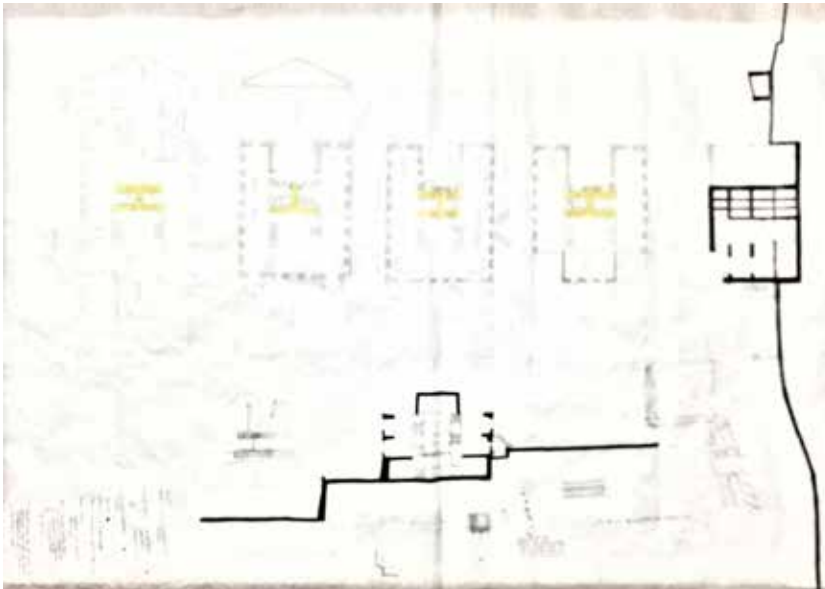
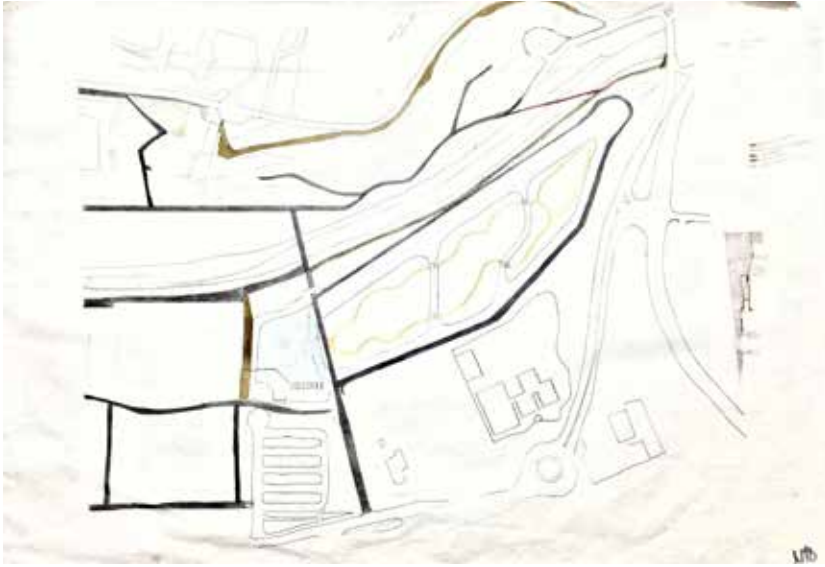














Análise da Cartografia do Parque Urbano do Jamor | 1960



1. Antiga Estação dos Comboios | 1988

2. Faculdade de M.Humana

3. Estádio Nacional

4. Clube Ténis do Jamor



5. Quinta e Palácio da Graça



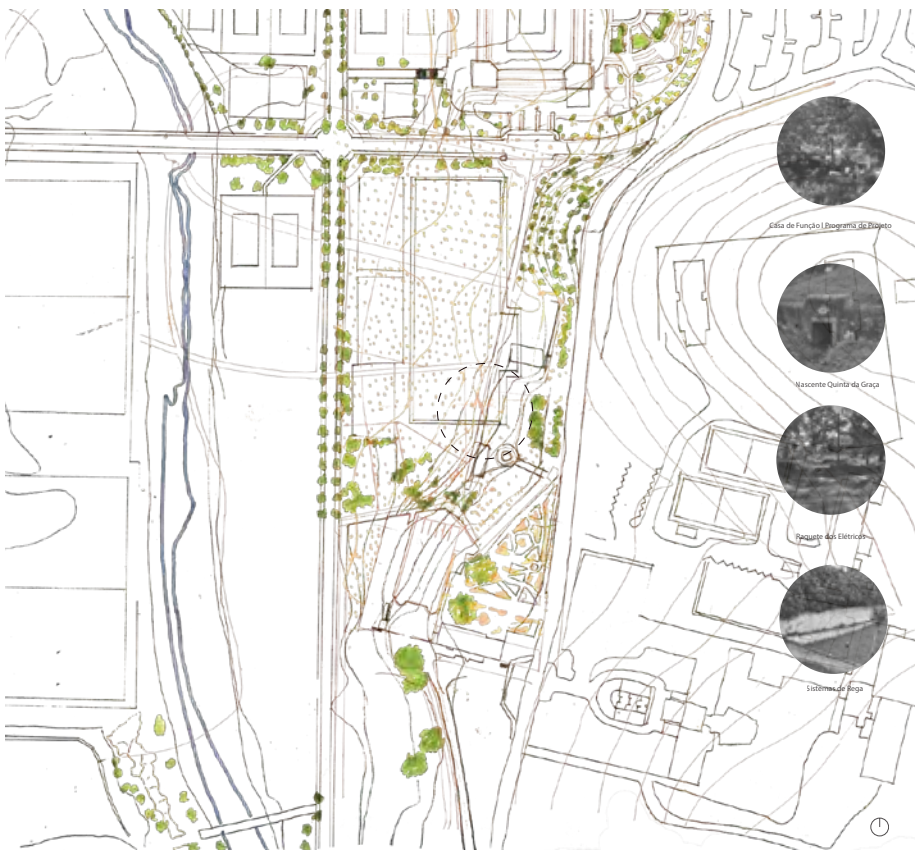
6. Rio do Jamor



7. Estação da Cruz Quebrada e Dafundo



8. Ponte da Cruz Quebrada



Análise Urbana | 1941 | 2018
Escala 1:1000

Legenda:
Estrada Principal
Caminhos secundários
Rio Jamor
Linha ferroviária

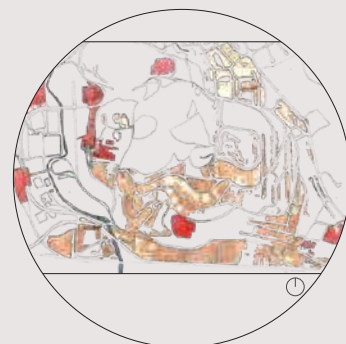
Diagrama de Circulação

REABILITAR A RU Intervenção na Quinta da Graça Museu Interativo do Desporto, Parque Urbano do Jamor

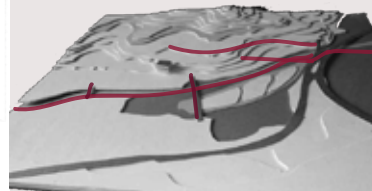
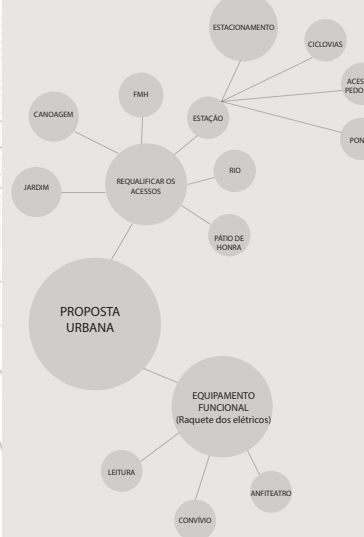


ÁREA DE INTERVENÇÃO

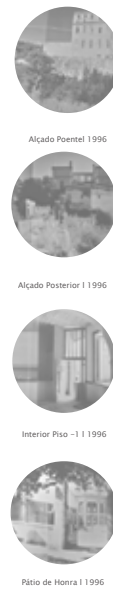
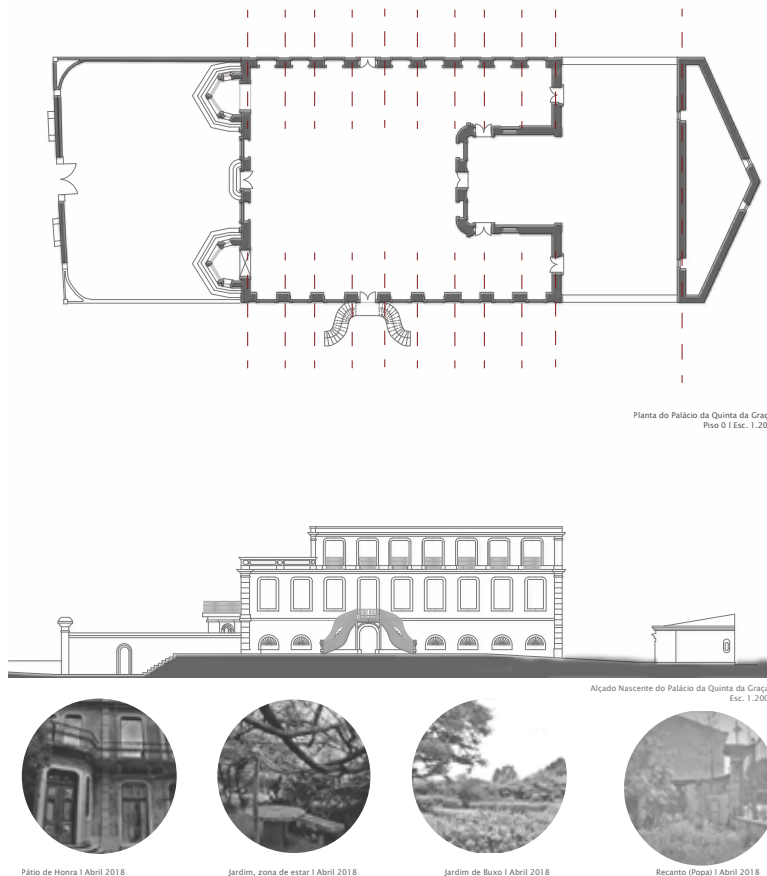
Cruz Quebrada e Dafundo | Parque Urbano do Jamor
Trata-se de uma vila antiga e uma antiga freguesia portuguesa do concelho de Oeiras.
Apresentando uma área de 300km² e 6393 habitantes.
A sua densidade populacional era 2131 hab./Km².



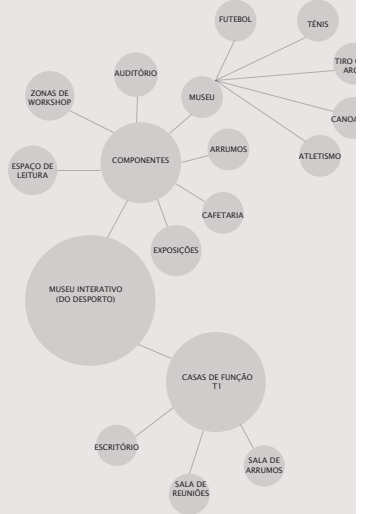
Análise morfológica
■ Equipamentos Existentes
■ Edificado
■ Rio Jamor



Maquete Urbana | Esc. 1:2000
Acessos para a área de intervenção



REABILITAR A RUÍNA Intervenção na Quinta da Graça Museu Interativo do Desporto, Parque Urbano do Jamor

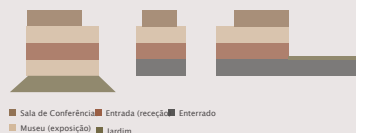


Proposta de Programa
Museu Interativo + Casa de Função

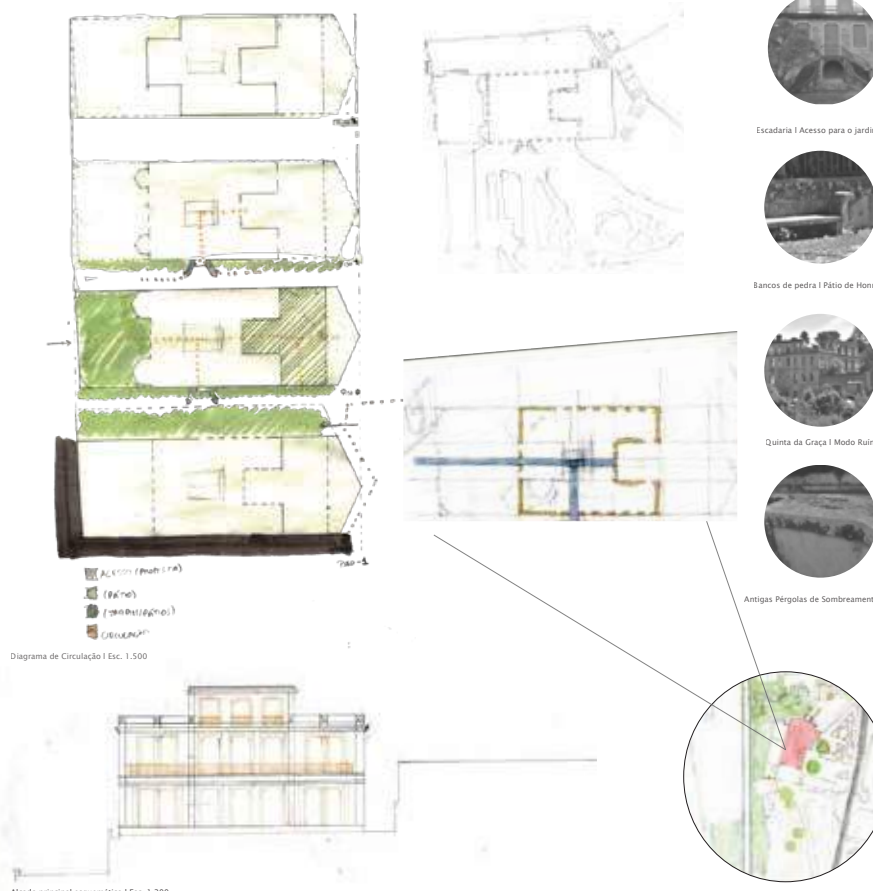
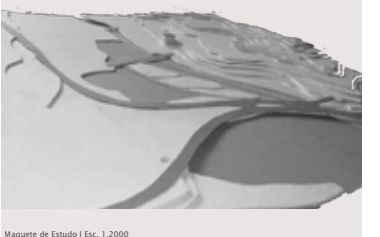
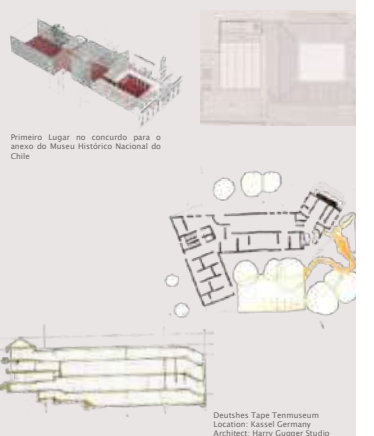
A Quinta e Palácio da Graça foram construídos inicialmente sobre um Convento de Frades Agostinhos Descalços, utilizado como residência para os altos dignitários da Igreja, nome dados aos Ermitas da Ordem de Santo Agostinho existente em Portugal desde o séc. XVII. Deduz-se que o seu ano de origem foi em 1860, segundo consta na inscrição sobre a porta da entrada principal no pátio de honra. Em 1834 com a extinção das ordens religiosas o edifício é abandonado e adquirido posteriormente pelo armador José Manuel Machado. Iniciando-se as obras de reconstrução do edifício em 1860, impulsionadas por Francisco Xavier Machado. A Quinta teve um forte impacto devido à estrutura do seu palácio e da sua localização, dominada por um vasto horizonte sobre o vale do Jamor.

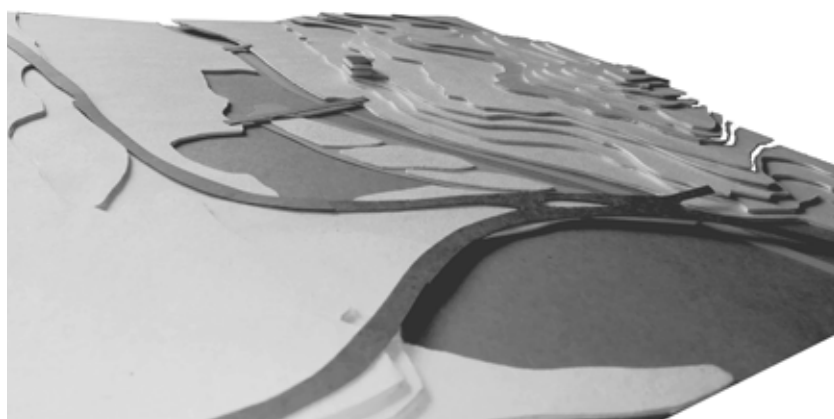
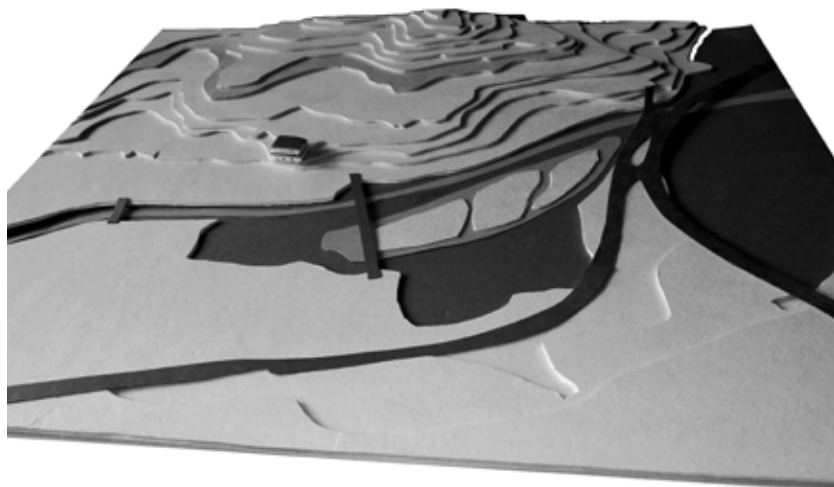
Os espaços verdes adaptaram-se ao terreno, seguindo o modelo italiano: todo o jardim, dividindo-se em terraços, no qual era rodeado de ricos pomares, árvores, jardins com grandes ruas de buxo ladeadas de esculturas. No jardim é visível uma árvore central considerada por alguns viajantes seguros o Sr. Duque, uma espécie de templo sagrado, as pessoas sentem a transmissão de energias, onde podem praticar a sua meditação. Mas não é só o jardim que esconde magia, a própria fachada estabelece uma regra através do número, considerando-se a contagem dos vãos de 3 em 3 em que meio obtemos 1.

Diagrama de Usos

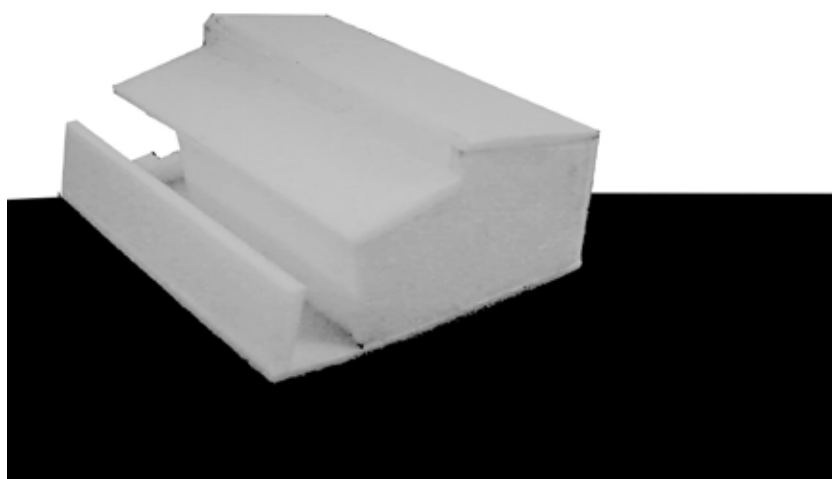


Casos de referência





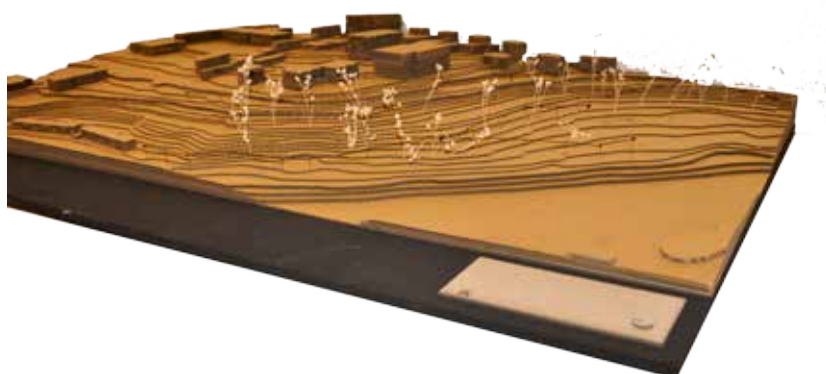
Figuras - Maquete de estudo, da área de intervenção (escala 1.2000)



(de cima para baixo)

Figura - Maquete - Pormenor construtivo
(escala 1.1)

Figura - Maquete de estudo - Habitação
(escala 1.100)



(de cima para baixo)

Figura - Maquete de Localização (escala 1.2000)

Figuras - Maquete da Proposta Urbana (escala 1.500)



Figuras - Maquete Habitação (escala 1.50)

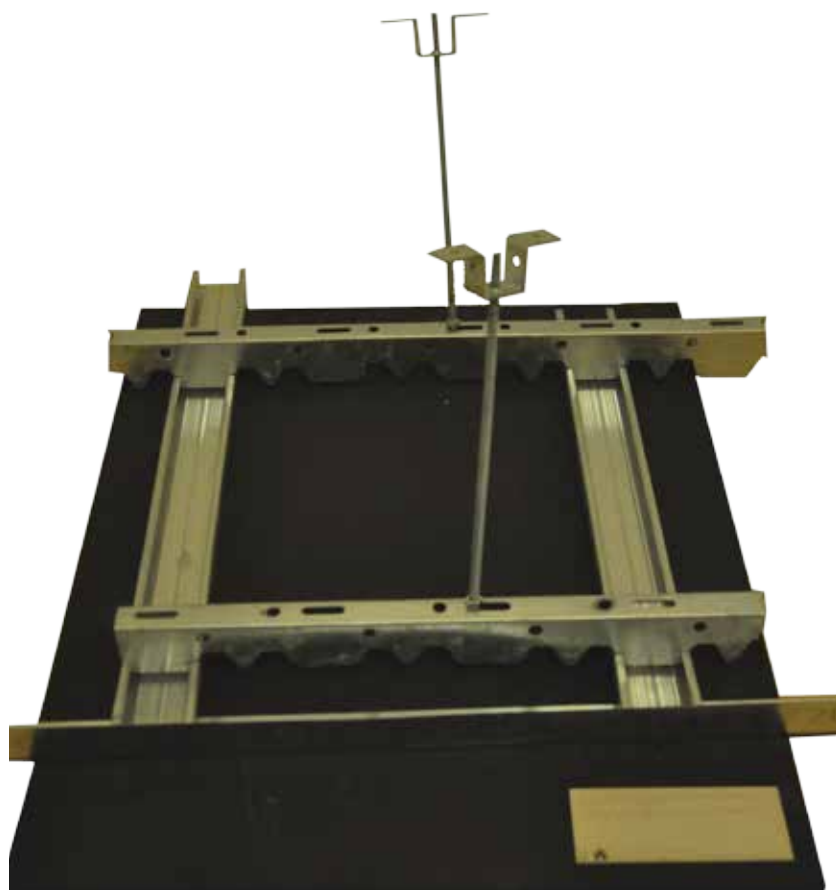
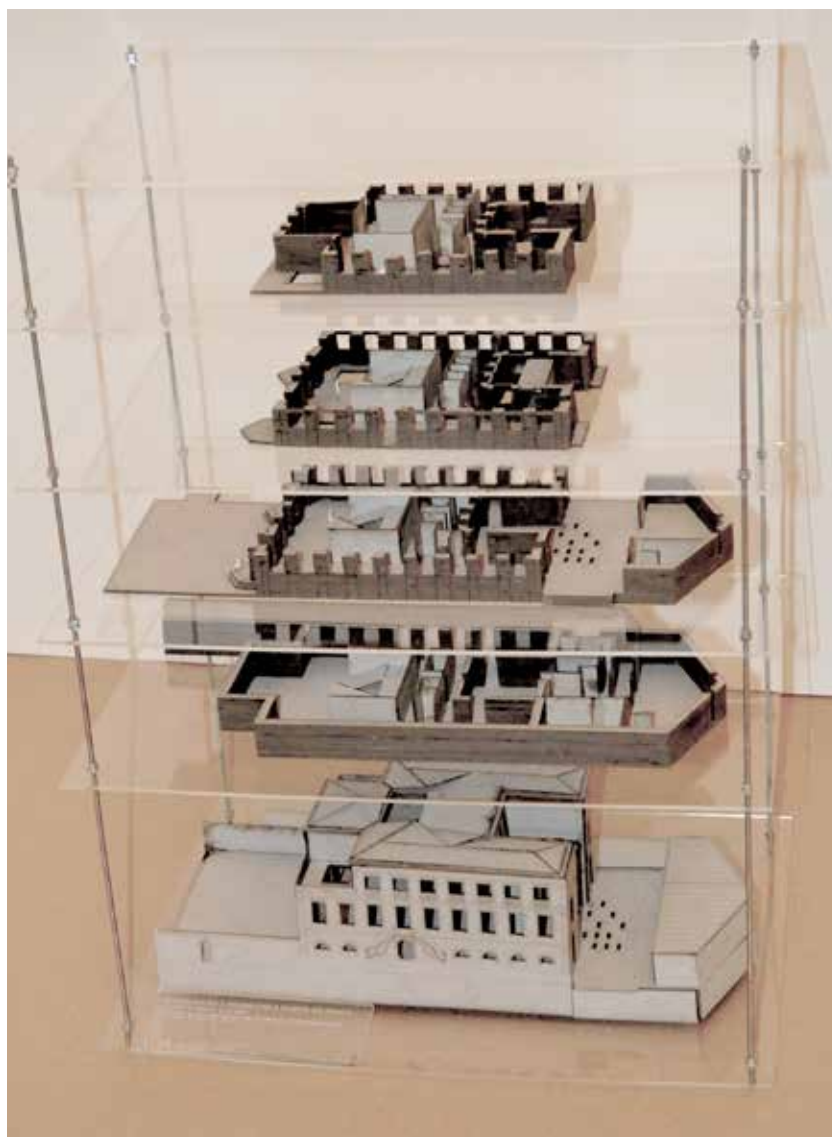


Figura - Pormenor Construtivo (escala 1.1)

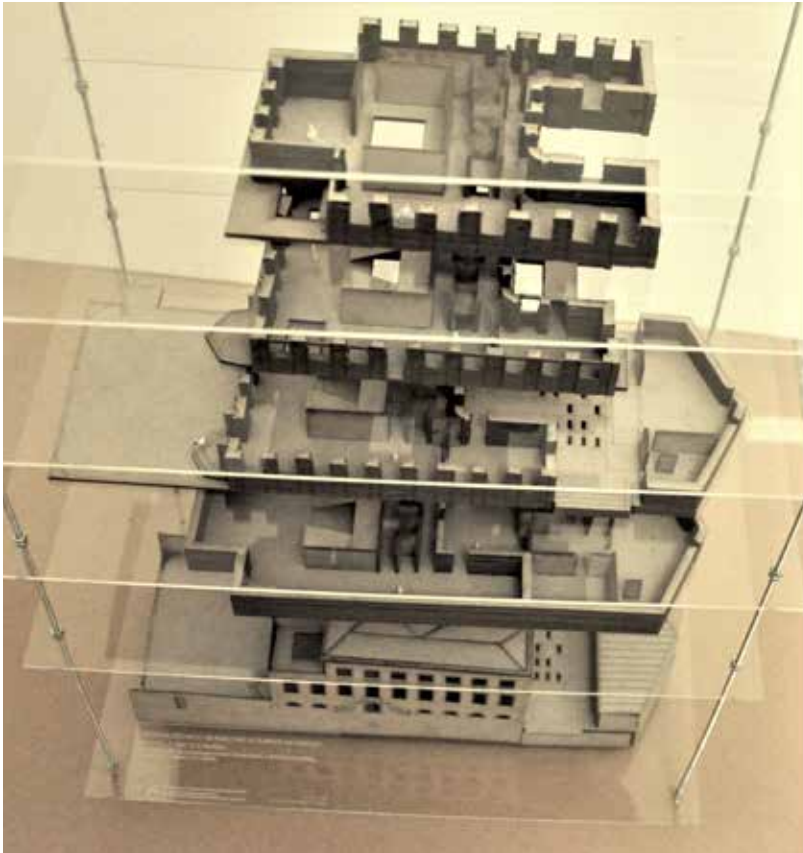


Figura - Maquete Axonométrica do Palácio
(escala 1.200)









Anexo I - Imagens do Arquivo do CDNJ



(de cima para baixo)

Figura – Terrenos antes da construção do Estádio Nacional

Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/> Consultado a (08/10/2018)

Figura – Praia da Cruz Quebrada, anos 30

Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/> Consultado a (08/10/2018)

Figura – Fotografia da Quinta e Palácio da Graça, 2018

Fonte: Arquivo CDNJ

Figura – Fotografia da Quinta e Palácio da Graça, 2018

Fonte: Arquivo CDNJ

Figura – Clube Ténis do Jamor, anos 70

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/campo-de-tenis-do-jamor.html>; consultado a (06/07/18)

Figura – Estacionamento

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>

Figura – Praia da Cruz Quebrada, anos 40

Fonte: <http://simecqcultura.blogspot.com/2009/06/cruz-quebrada-de-antigamente.html>





(de cima para baixo)

Figura – Terrenos antes da construção do Estádio Nacional

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/07/estacao-de-cf-do-estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/2018)

Figura – Entrada para a torre dos comboios

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/07/estacao-de-cf-do-estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/18)



Figura – Linhas férreas

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/07/estacao-de-cf-do-estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/18)



Figura – Antiga vista para a marginal, anos 30

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/07/estacao-de-cf-do-estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/18)

Figura – Antes da construção da autoestrada, anos 30

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/18)

Figura – Ramal dos comboios

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/07/estacao-de-cf-do-estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/18)

Figura – Praia da Cruz Quebrada, anos 40

Fonte: <http://simecqcultura.blogspot.com/2009/06/cruz-quebrada-de-antigamente.html>





(de cima para baixo)

Figura - Cartaz, anos 40

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>; consultado a (10/10/18)

Figura - Antigo bilhete dos automóveis

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>; consultado a (10/10/18)

Figura - Linhas férreas

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/07/estacao-de-cf-do-estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/18)

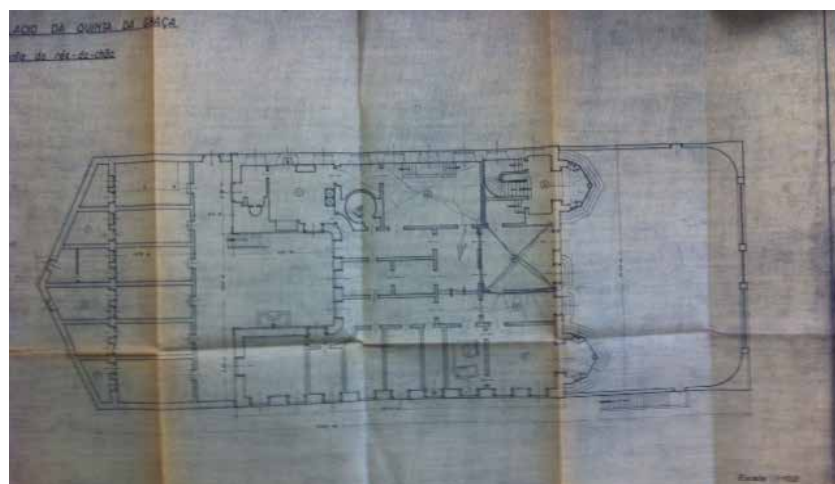
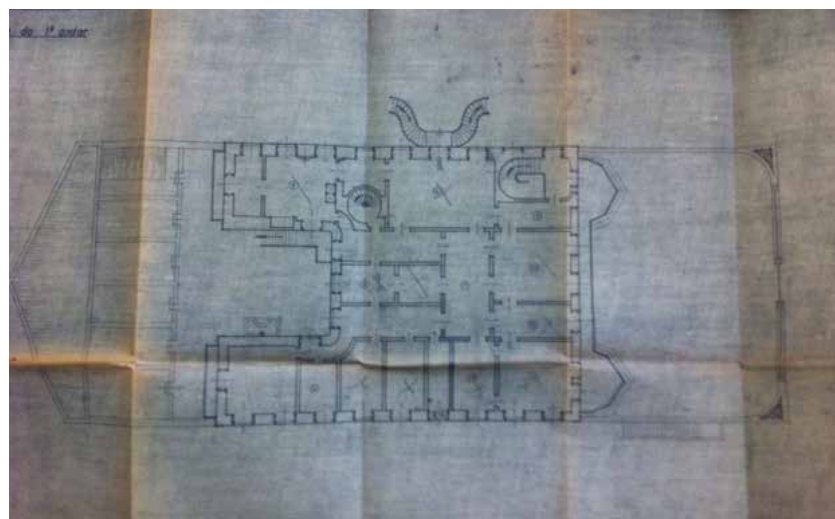
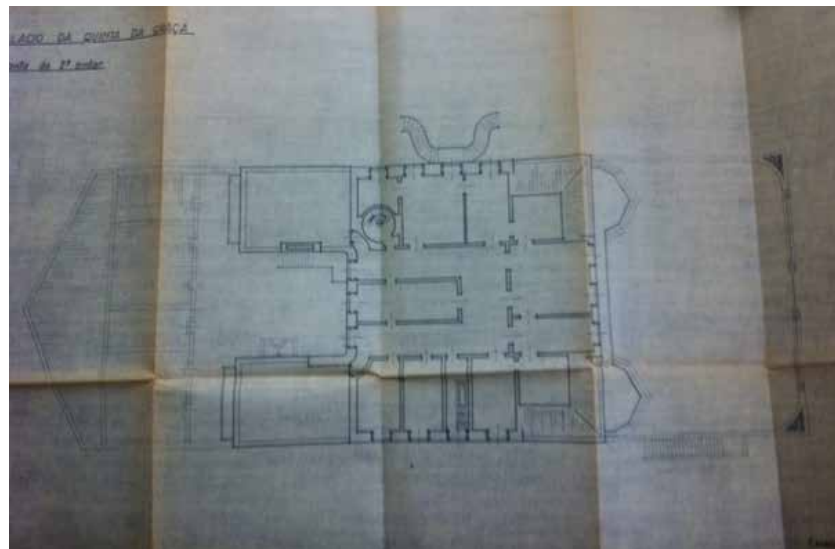
Figura - Cartaz, 1926

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/07/estacao-de-cf-do-estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/18)

Figura - Antes da construção da autoestrada, anos 30

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>; consultado a (08/10/18)





(de cima para baixo)

Figura – Antiga planta do palácio

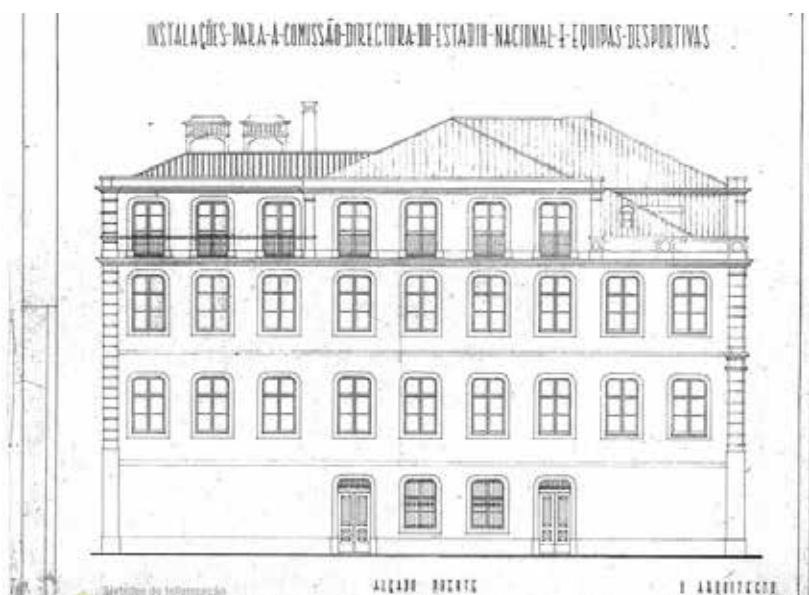
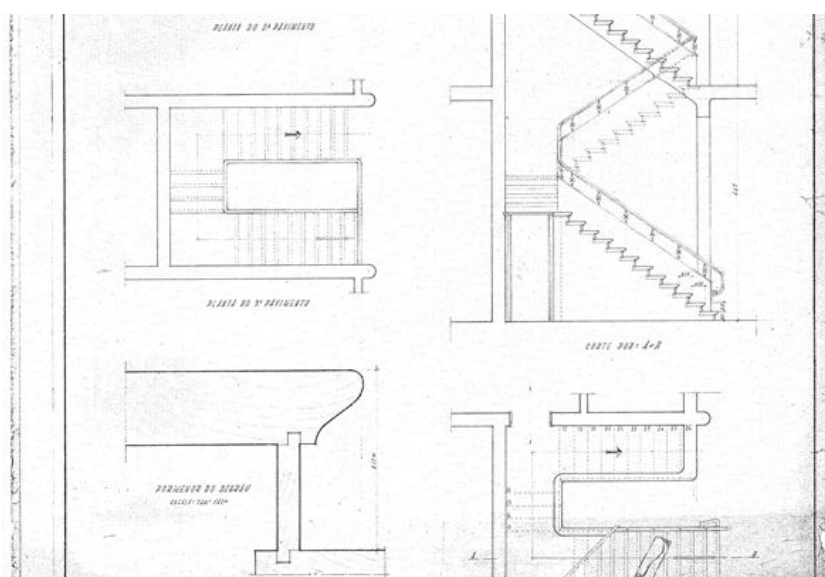
Fonte: Arquivo CDNJ, 2018

Figura – Antiga planta do palácio

Fonte: Arquivo CDNJ, 2018

Figura – Antiga planta do palácio

Fonte: Arquivo CDNJ, 2018

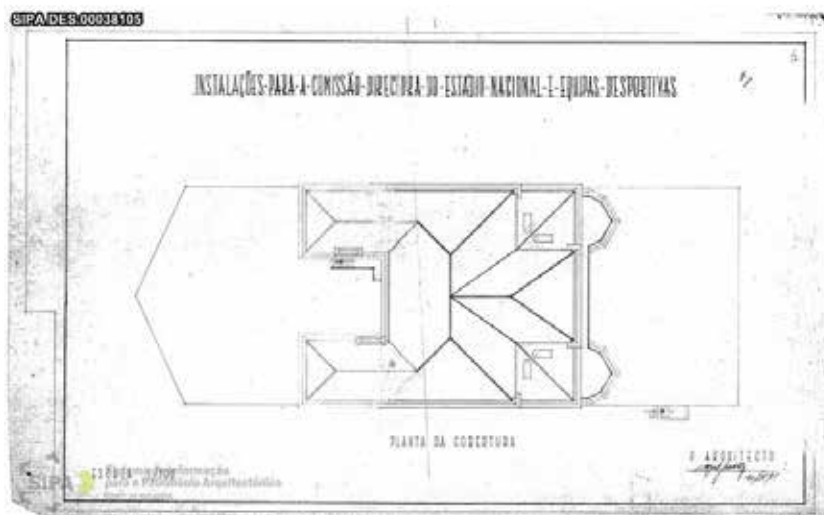
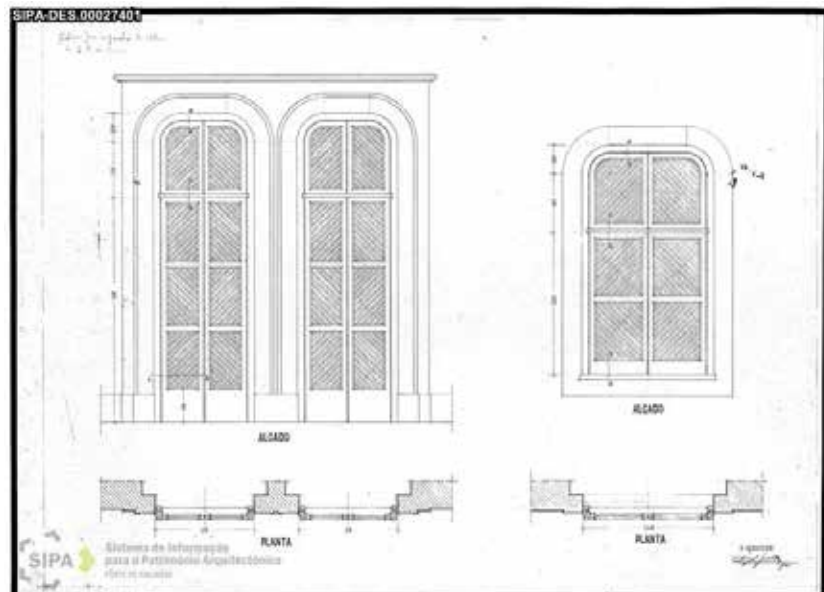


(de cima para baixo)

Figura – Desenhos do palácio
Fonte: Arquivo CDNJ, 2018

Figura – Desenhos do palácio
Fonte: Arquivo CDNJ, 2018

Figura – Desenhos do palácio
Fonte: Arquivo CDNJ, 2018



(de cima para baixo)

Figura – Desenhos do palácio
Fonte: Arquivo CDNJ, 2018

Figura – Desenhos do palácio
Fonte: Arquivo CDNJ, 2018

Figura – Desenhos do palácio
Fonte: Arquivo CDNJ, 2018

Anexo II - Painéis Finais

- 01 - Planta de Localização
- 02 - Planta de Intervenção
- 03 - Planta da Proposta Urbana
- 04 - Ambiente: Circuito de Passadiços
- 05 - Pormenores Construtivos
- 06 - Esquissos
- 07 - Planta de Cobertura
- 08 - Corte AA'
- 09 - Alçado Principal
- 10 - Planta Piso 2
- 11 - Corte BB'
- 12 - Alçado Lateral Esquerdo
- 13 - Planta Piso 1
- 14- Corte CC'
- 15 - Alçado Posterior
- 16 - Planta Piso 0
- 17 - Corte DD'
- 18 - Alçado Lateral Direito
- 19 - Planta Piso -1
- 20 - Corte EE'
- 21 - Corte FF'
- 22 - Pormenores Construtivos
- 23 - Axonometria
- 24 - Ambiente: Pátio
- 25 - Ambiente: Exposição
- 26 - Ambiente: Biblioteca
- 27 - Habitação
- 28 - Ambiente: Quarto



QUINTA E PALÁCIO DA GRAÇA, PARQUE URBANO DO JAMOR

ESTAÇÃO DOS COMBOIOS DE ALGÉS

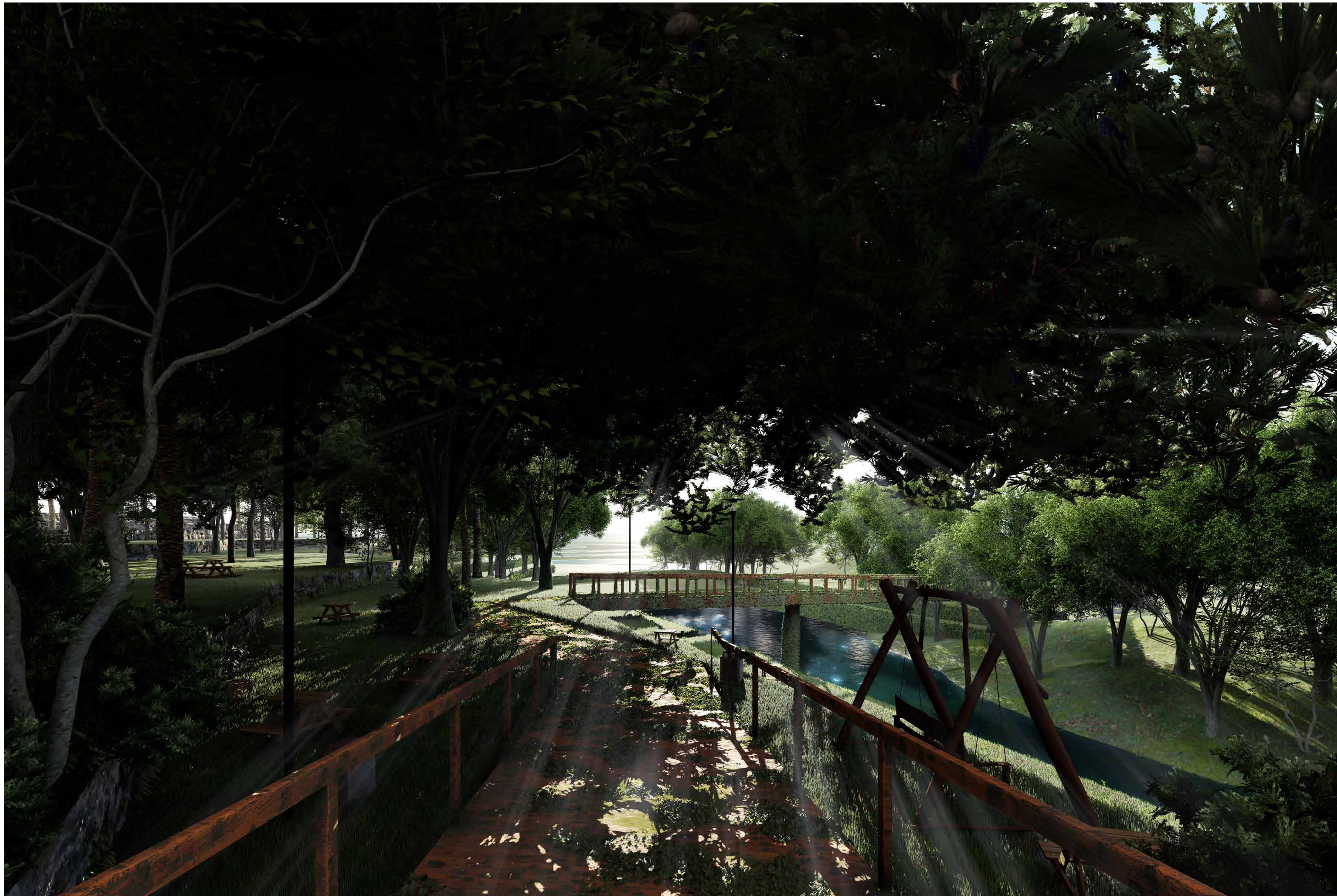
TORRE DE BELÉM

LX FACTORY, CALVÁRIO

DOCA DE ALCÂNTARA

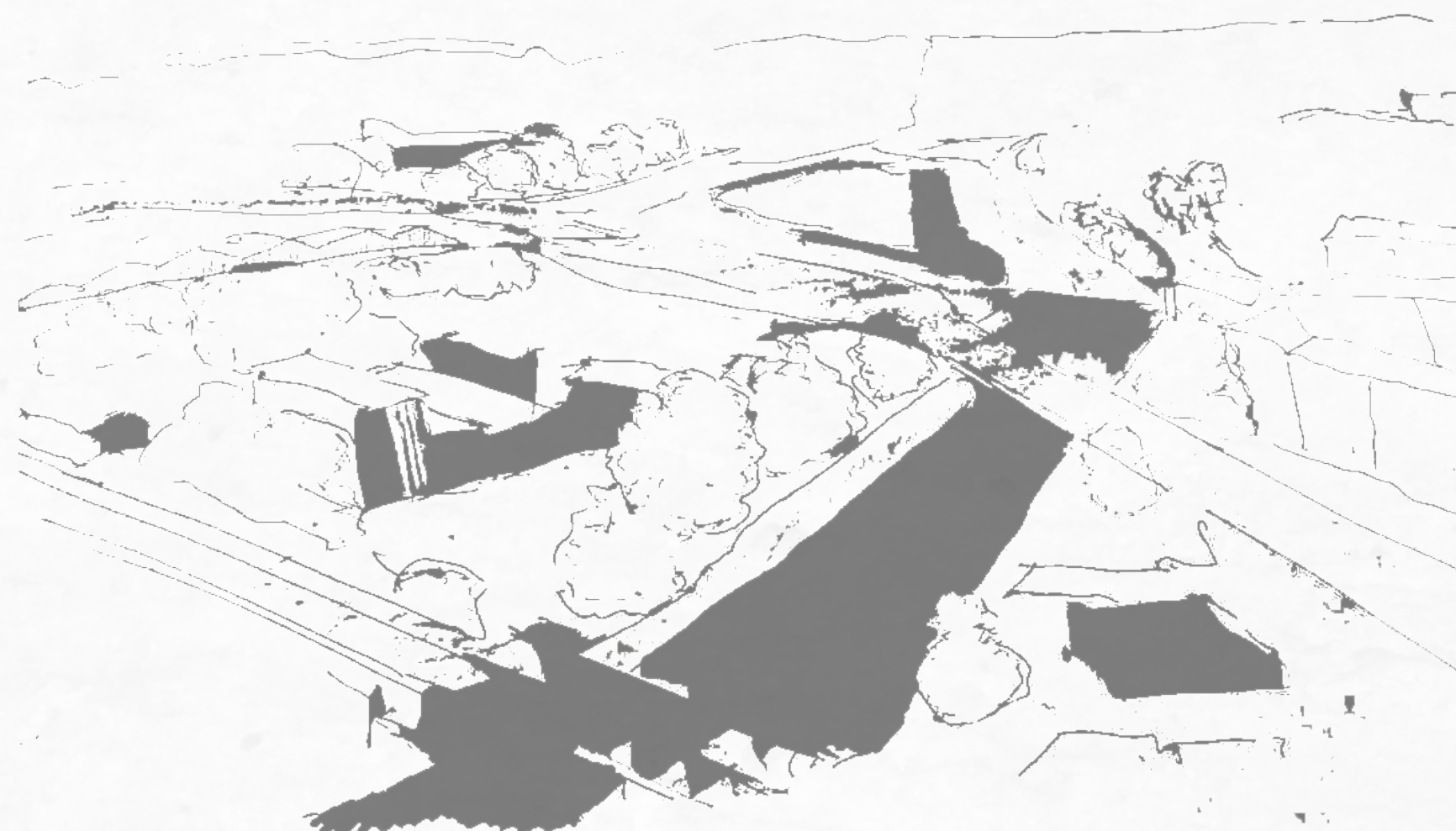
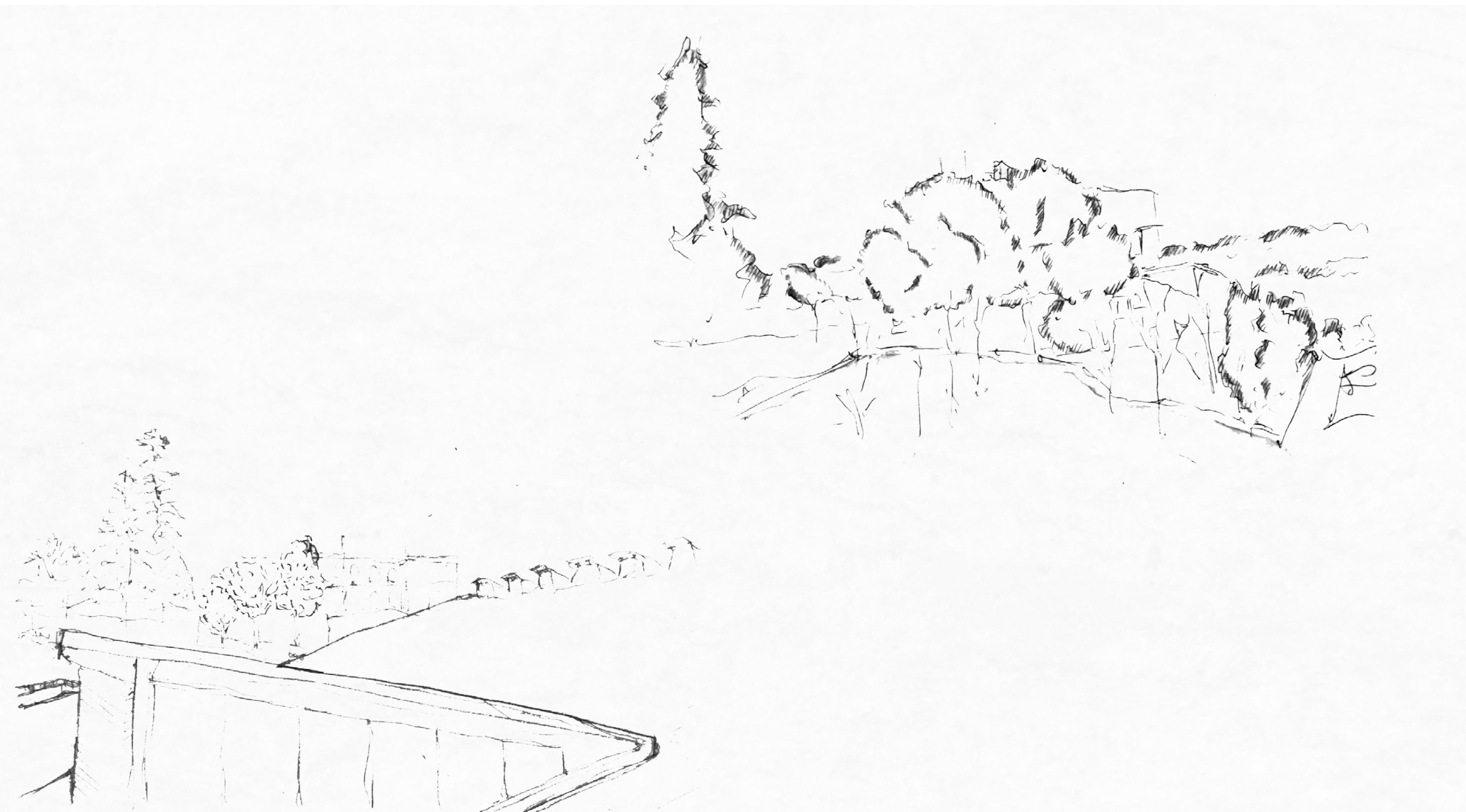
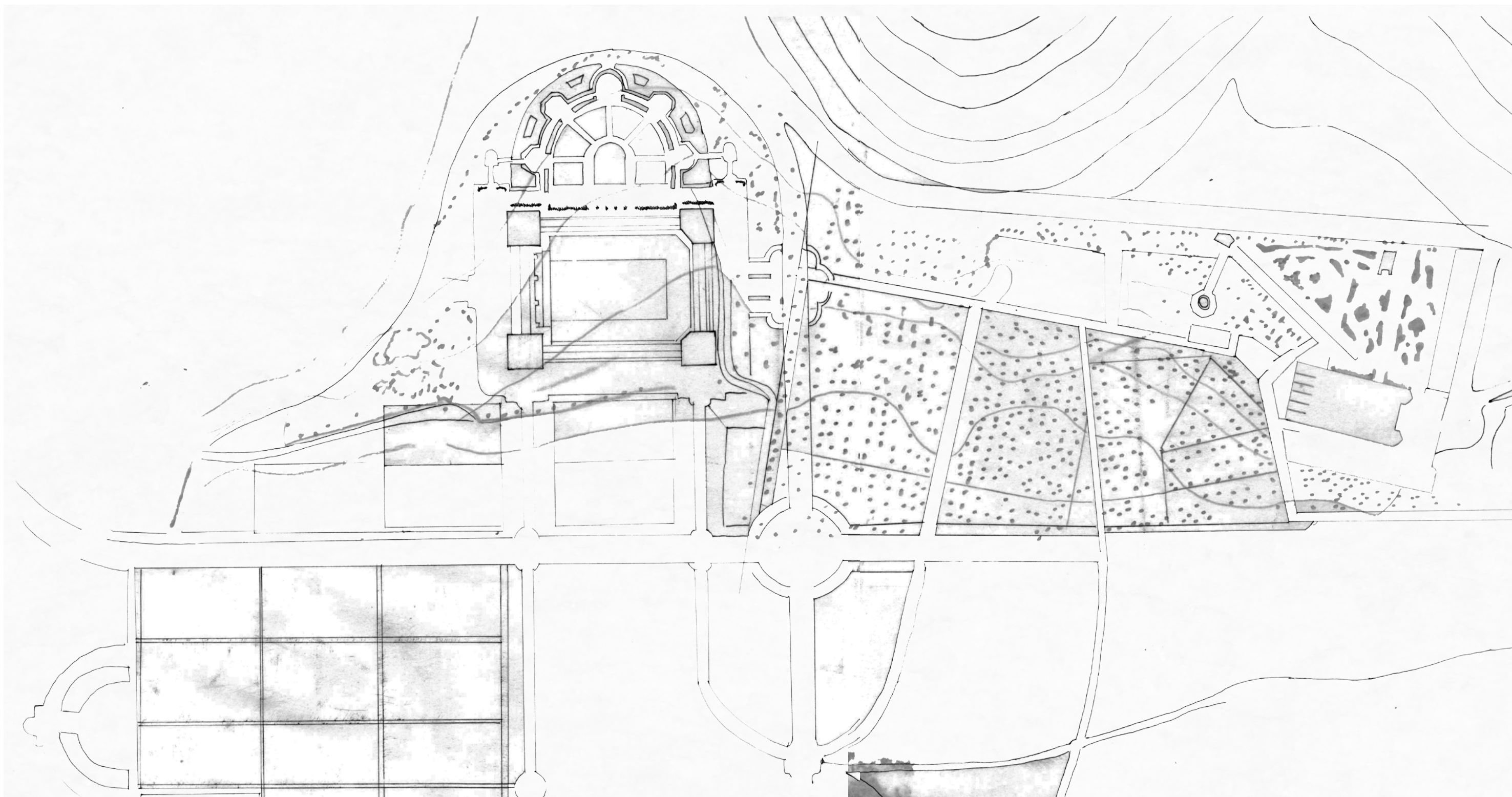


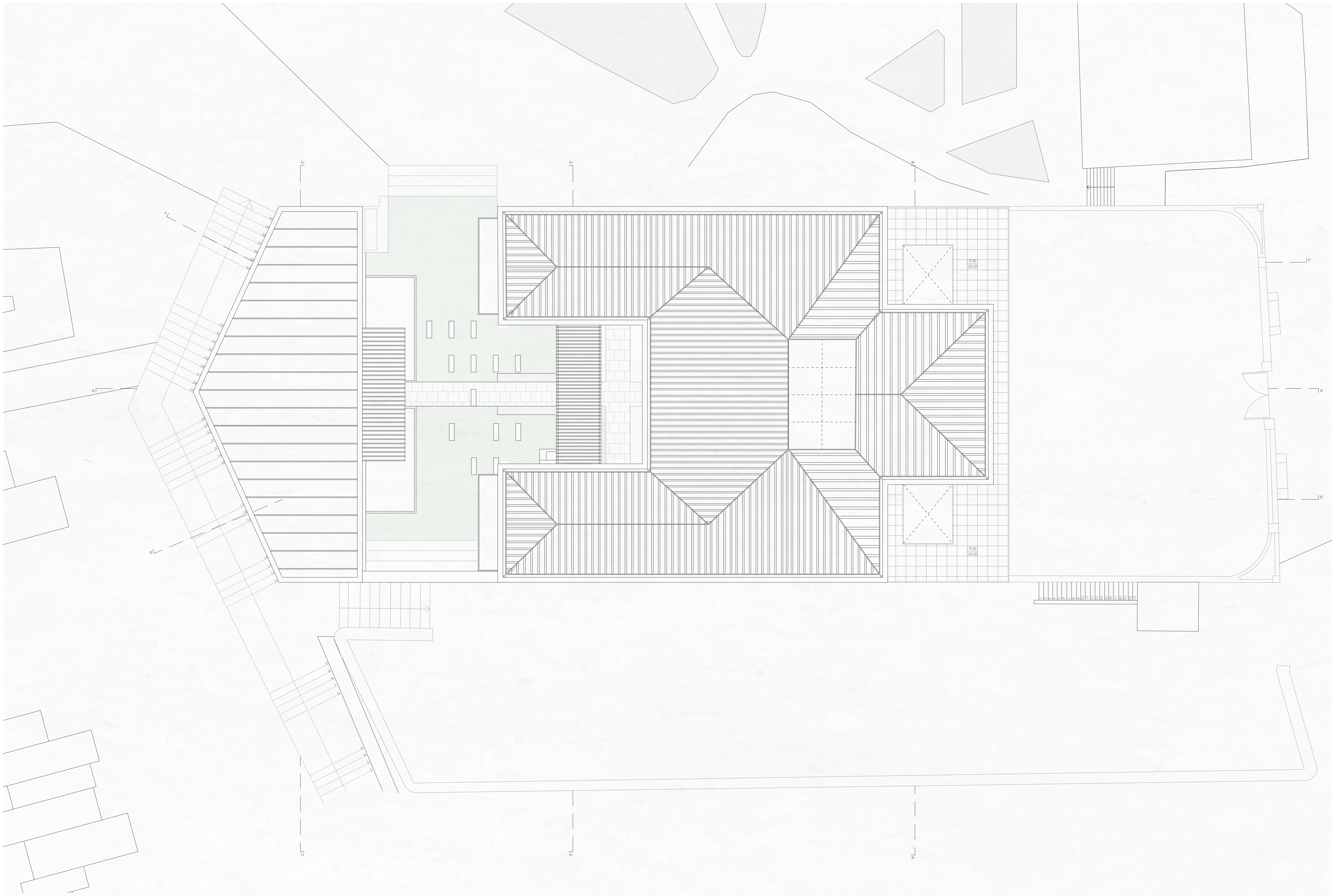


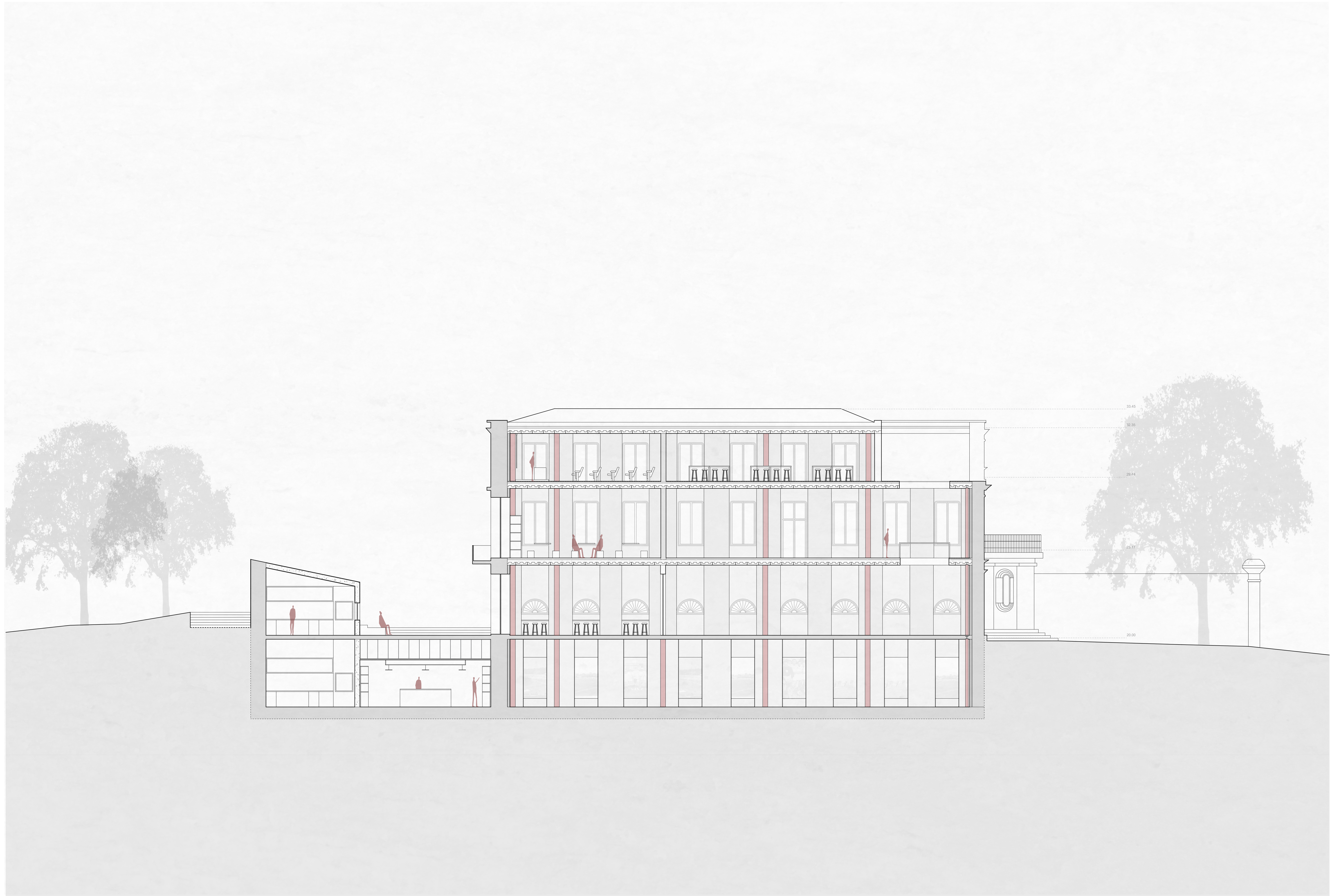




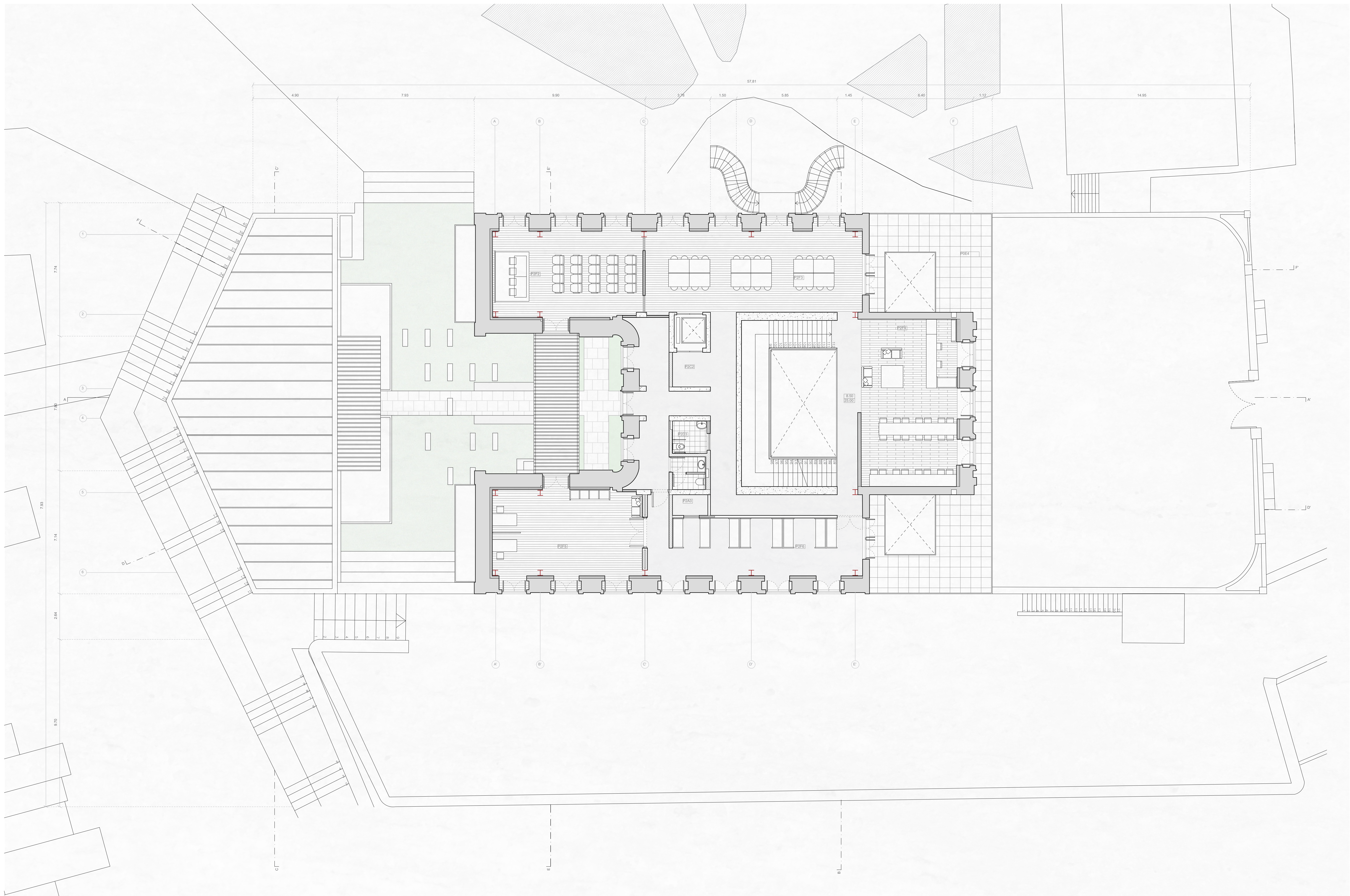
Legenda de Materiais
1_PruMO de madeira de pinho tratado em autoclave | 2_Deck em casquinha vermelha | 3_Guarda em tábua de madeira de pinho | 4_Corda em poliester, secção 20mm | 5_Parafusos em aço inoxidável | 6_Fundação em cimento "Grout", espessura mín. 0.10m | 7_Âncora e proteção base do prumo em chapa de aço galvanizado com 5mm | 8_Fundação em betão ciclópico | 9_Terreno Natural | 10_Viga de apoio de madeira de pinho tratado em autoclave | 11_Afloramento rochoso existente (granito)
12_Tábua de apoio de madeira de pinho





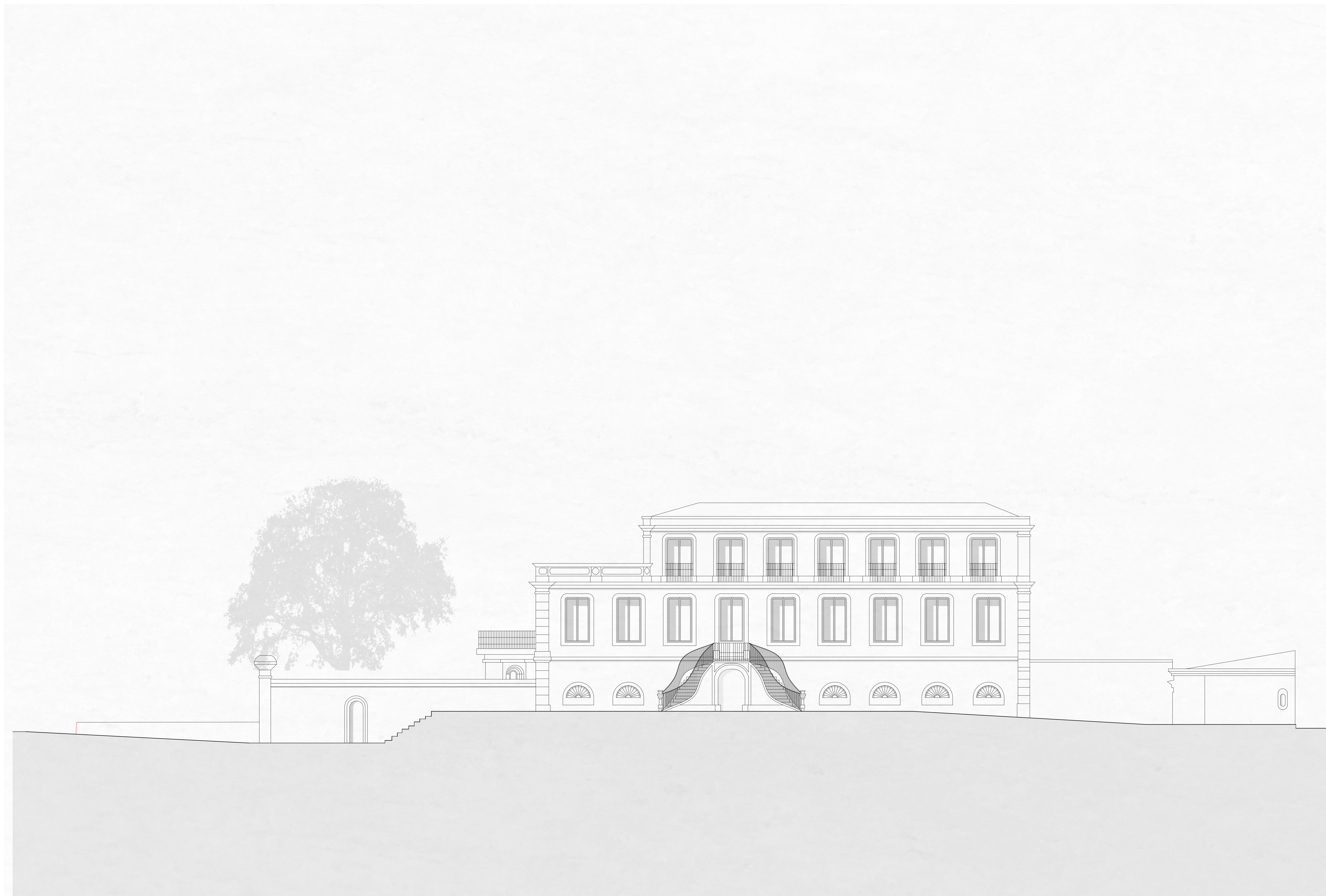


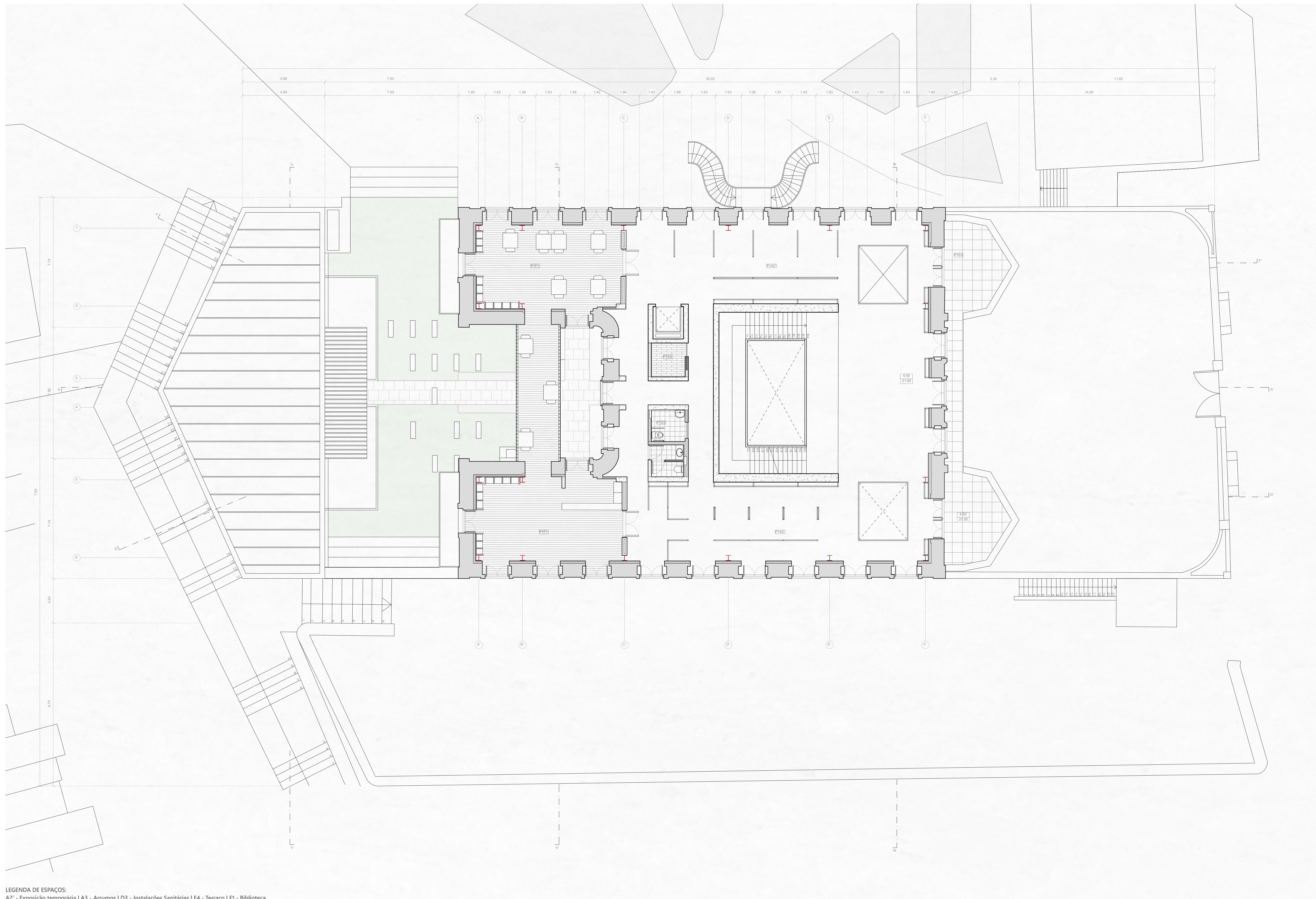




LEGENDA DE ESPAÇOS:
C2 - Corredor de Circulação | C3 - Arrumos | D3 - Instalações Sanitárias | E4 - Terraço | F2 - Auditório | F3 - Sala de Workshop | F4 - Centro de Arquivo | F5 - Gabinete Administrativos | F6 - Arquivo



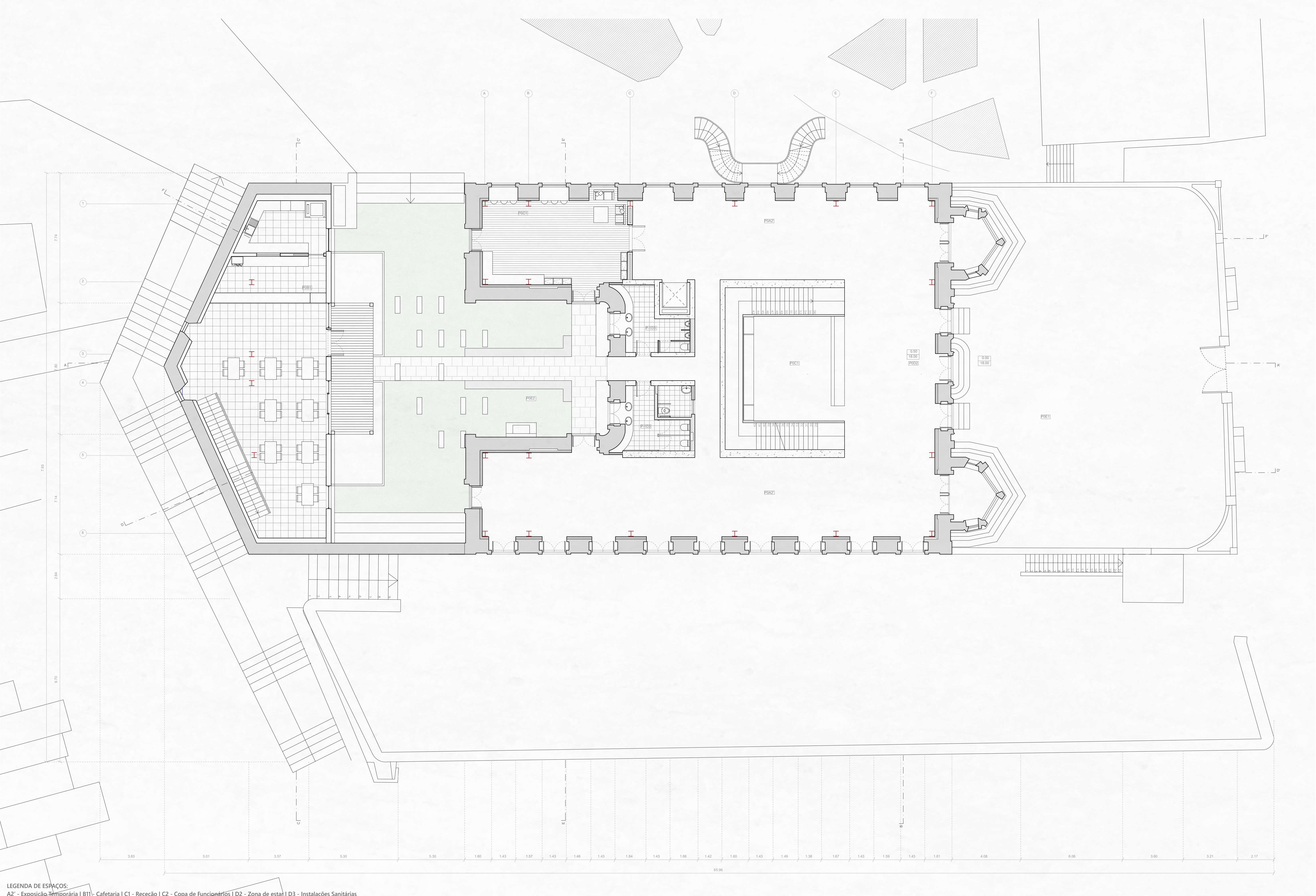




LEGENDA DE ESPAÇOS:
A2' - Exposição temporária | A3 - Arrumos | D3 - Instalações Sanitárias | E4 - Terraço | F1 - Biblioteca

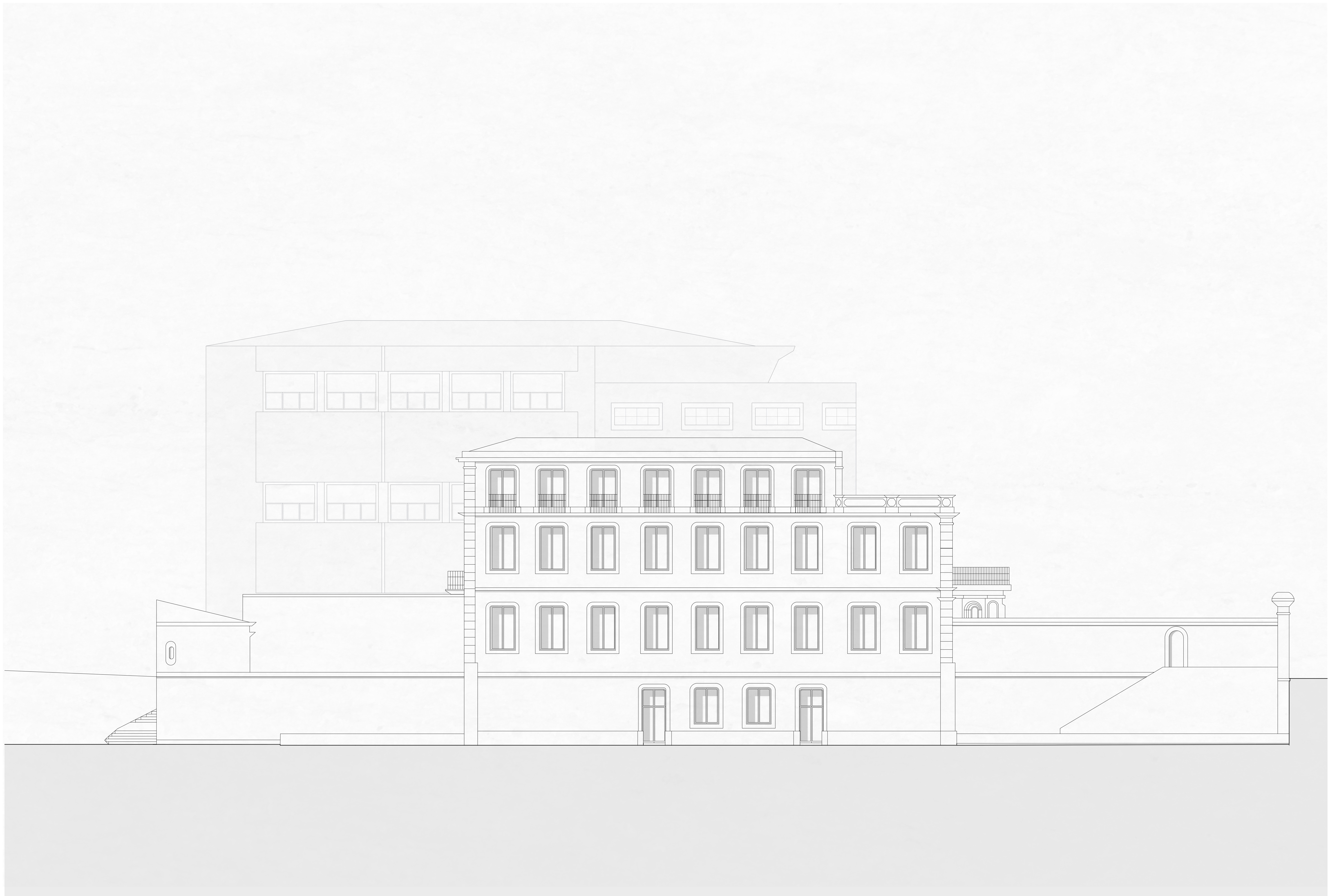


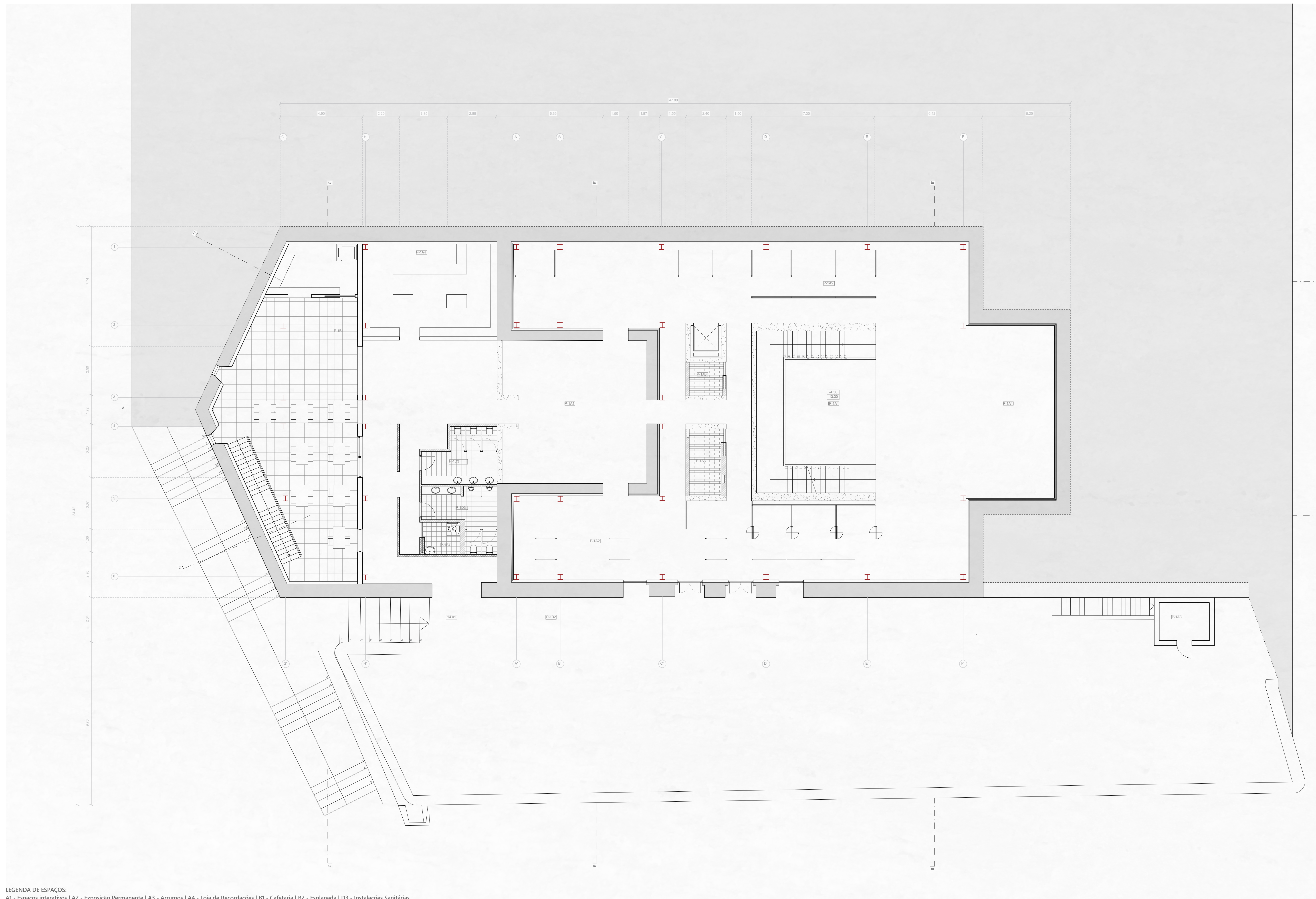




LEGENDA DE ESPAÇOS:
A2' - Exposição Temporária | B11' - Cafeteria | C1 - Recepção | C2 - Copa de Funcionários | D2 - Zona de estar | D3 - Instalações Sanitárias



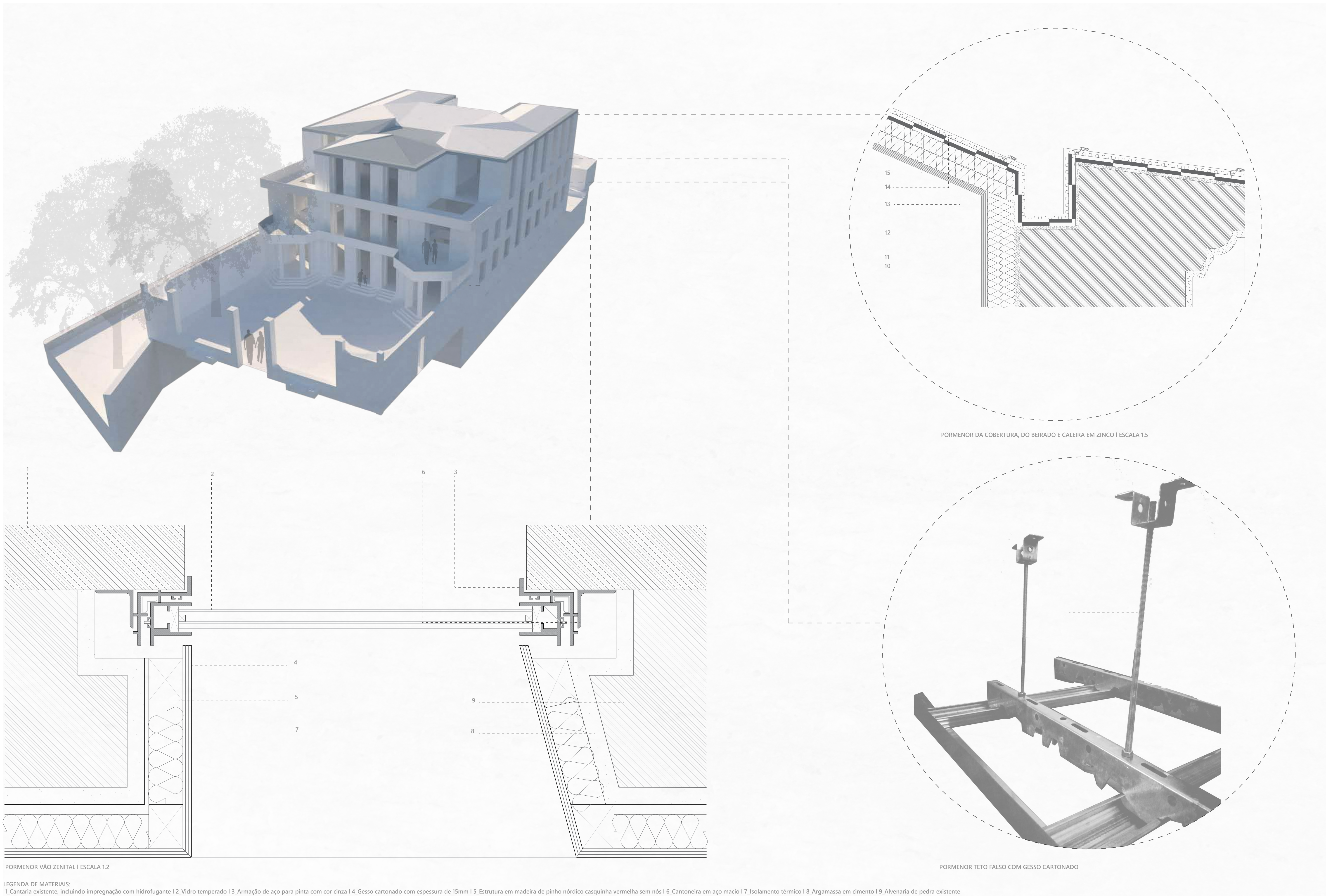


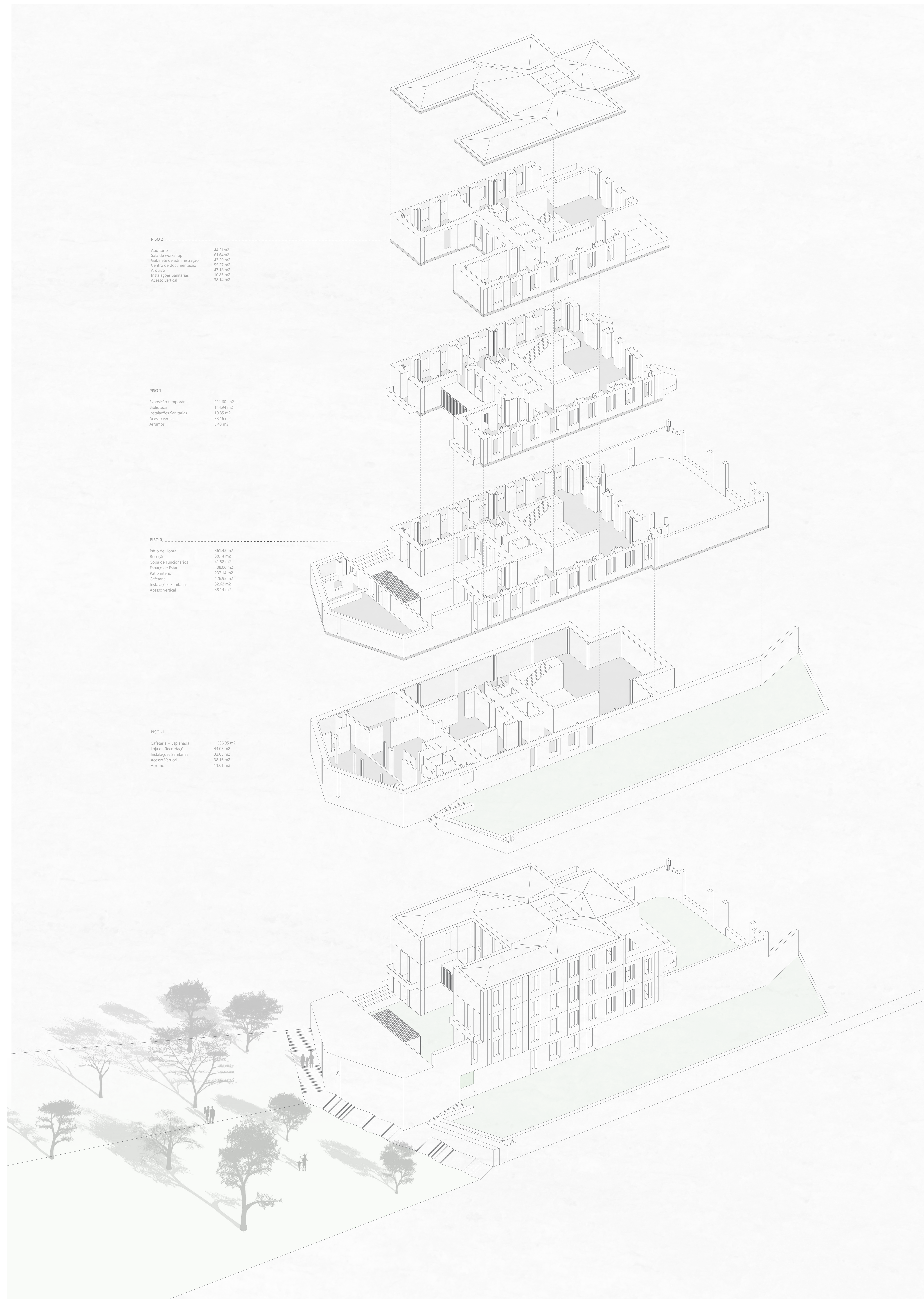


LEGENDA DE ESPAÇOS:
A1 - Espaços interativos | A2 - Exposição Permanente | A3 - Arrumos | A4 - Loja de Recordações | B1 - Cafeteria | B2 - Esplanada | D3 - Instalações Sanitárias









PISO 2

Audrório	44.21 m ²
Sala de workshop	61.64 m ²
Gabinete de administração	43.20 m ²
Centro de documentação	55.27 m ²
Arquivo	47.18 m ²
Instalações Sanitárias	10.85 m ²
Acesso vertical	38.14 m ²

PISO 1

Exposição temporária	221.60 m ²
Biblioteca	114.94 m ²
Instalações Sanitárias	10.85 m ²
Acesso vertical	38.16 m ²
Arrumos	5.43 m ²

PISO 0

Pátio de Honra	361.43 m ²
Recepção	38.14 m ²
Copa de funcionários	41.58 m ²
Espaço de Estar	108.06 m ²
Pátio interior	237.14 m ²
Cafeteria	126.95 m ²
Instalações Sanitárias	32.62 m ²
Acesso vertical	38.14 m ²

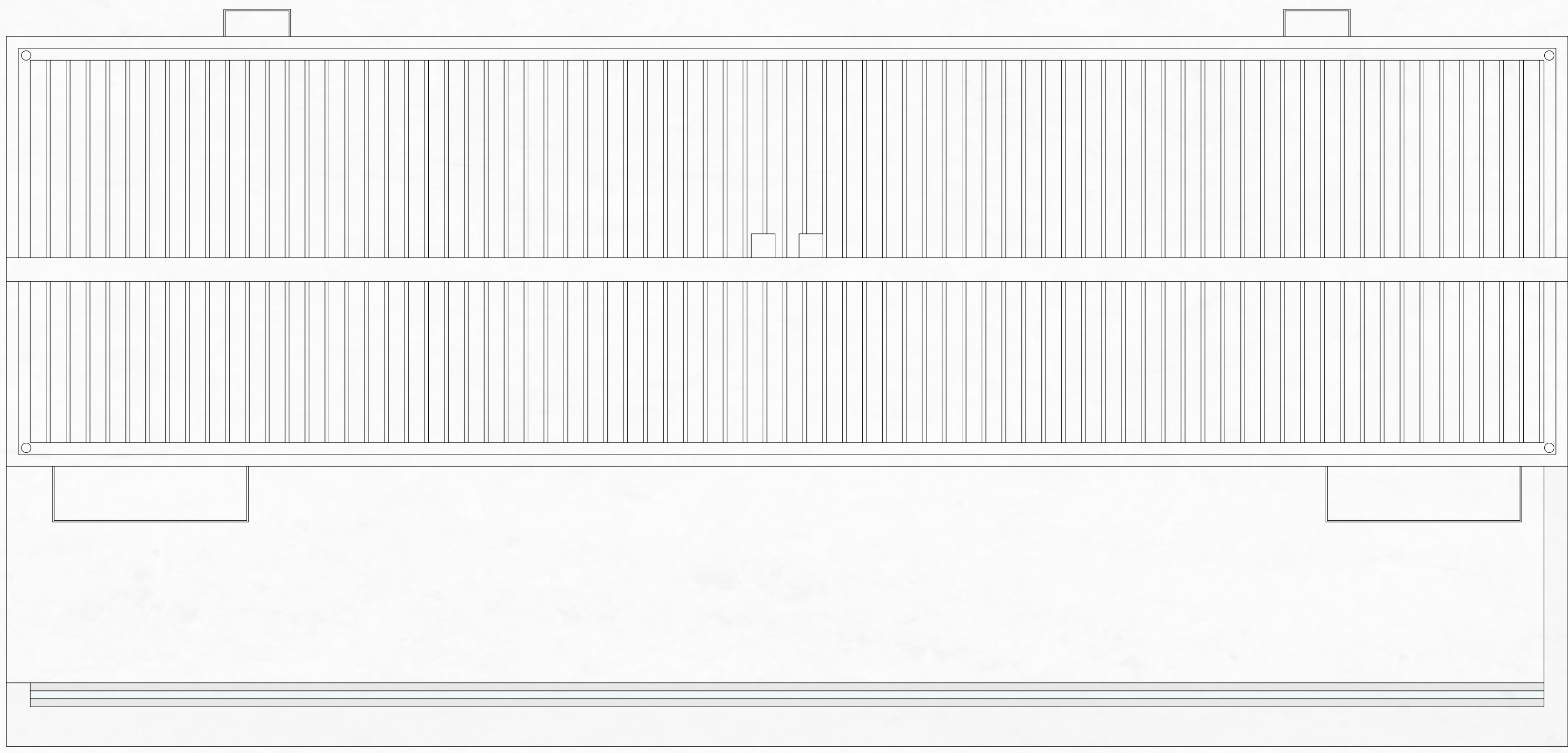
PISO -1

Cafeteria + Esplanada	1.536.95 m ²
Loja de Recordações	44.05 m ²
Instalações Sanitárias	33.05 m ²
Acesso Vertical	38.16 m ²
Arrumo	11.61 m ²

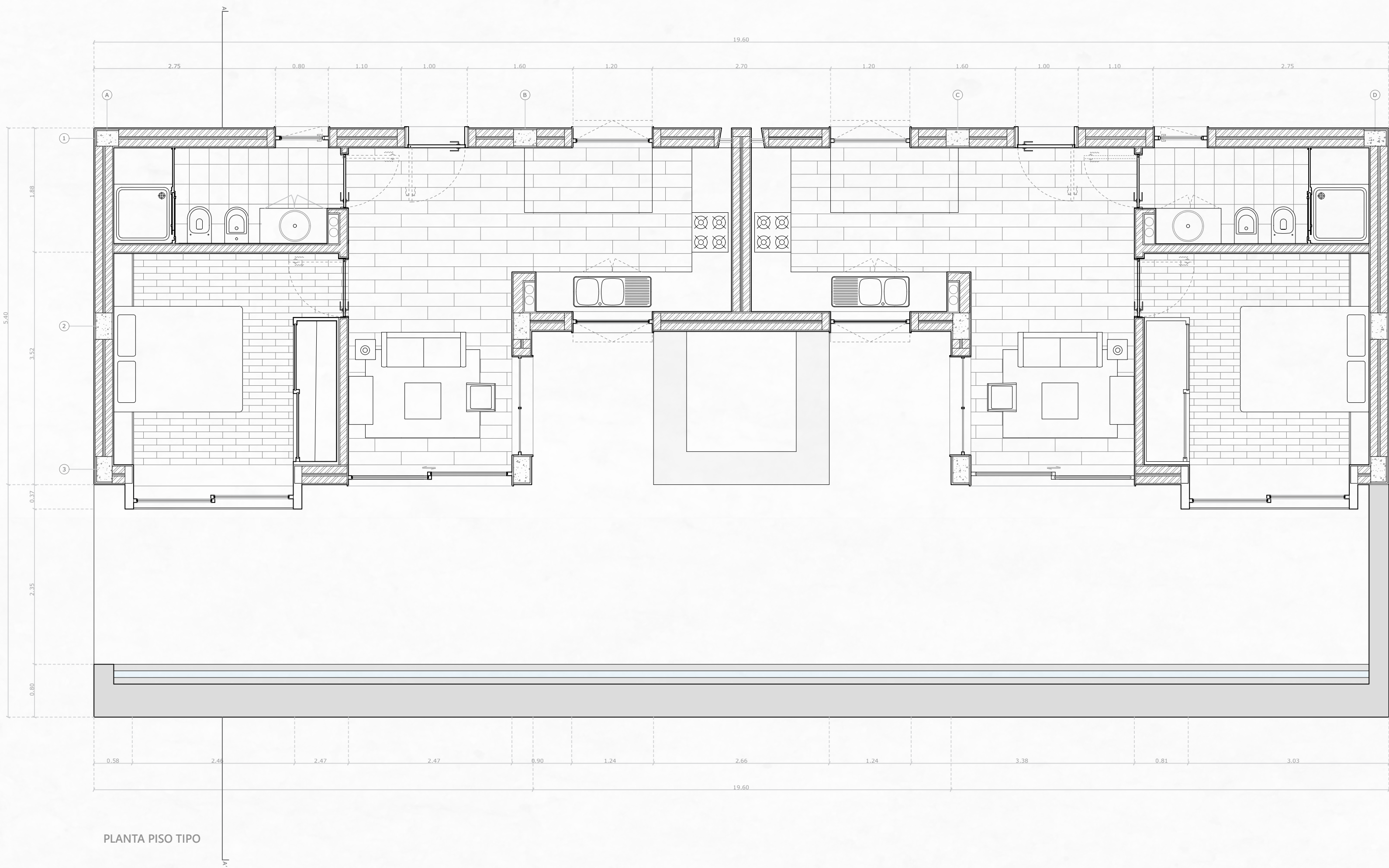




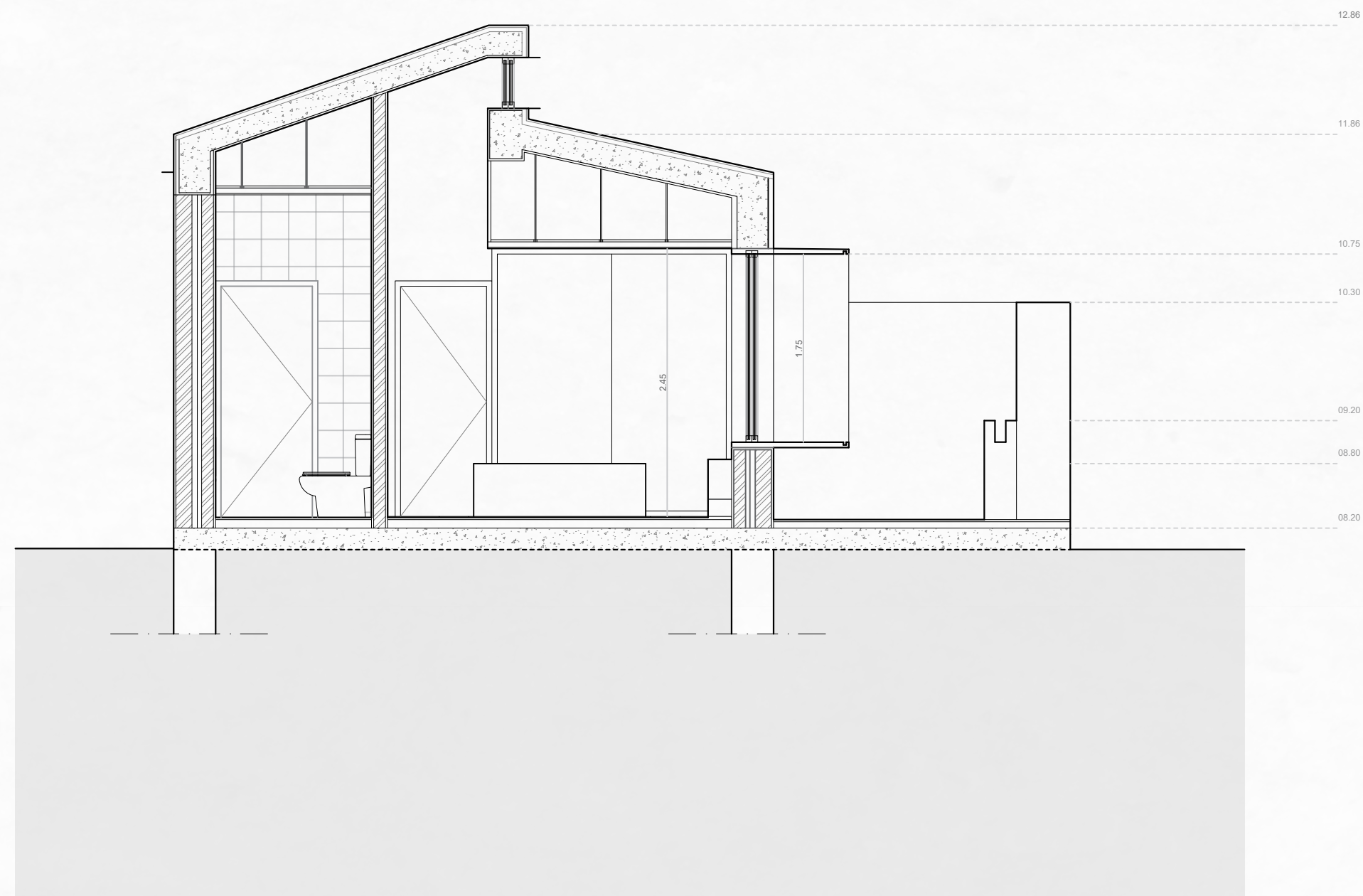




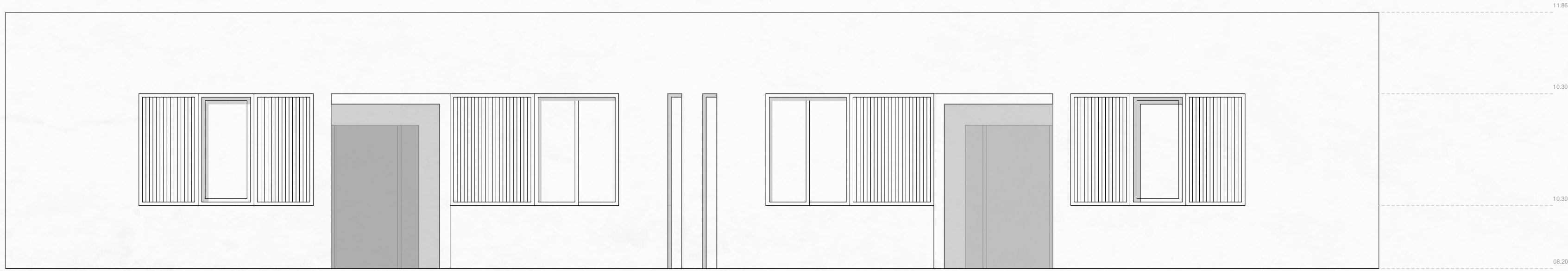
PLANTA DE COBERTURA



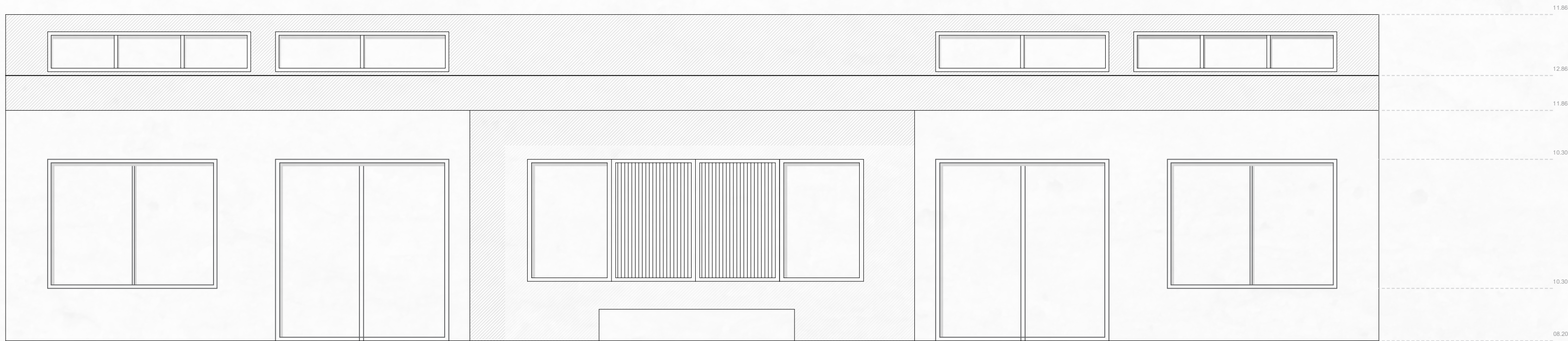
PLANTA PISO TIPO



CORTE TRANSVERSAL AA'



ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO POSTERIOR

